

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

GLAUCO FERNANDO CAVALHEIRO

**O PROTAGONISMO DA TÉCNICA DE ENTREVISTA NAS PESQUISAS
OBSERVACIONAIS COM INTERAÇÃO DE SUJEITOS PUBLICADAS NOS
ARTIGOS DA COMPÓS 2017**

Porto Alegre

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

GLAUCO FERNANDO CAVALHEIRO

**O PROTAGONISMO DA TÉCNICA DE ENTREVISTA NAS PESQUISAS
OBSERVACIONAIS COM INTERAÇÃO DE SUJEITOS PUBLICADAS NOS
ARTIGOS DA COMPÓS 2017**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa Cultura e Significação, como requisito à obtenção de grau de mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Elisa Reinhardt Piedras

Porto Alegre

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Cavalheiro, Glauco Fernando
O PROTAGONISMO DA TÉCNICA DE ENTREVISTA NAS
PESQUISAS OBSERVACIONAIS COM INTERAÇÃO DE SUJEITOS
PUBLICADAS NOS ARTIGOS DA COMPÓS 2017 / Glauco
Fernando Cavalheiro. -- 2019.
112 f.
Orientadora: Elisa Reinhardt Piedras.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação
e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Metodologia. 2. Metodologia observacional . 3.
Análise documental. 4. Entrevista. 5. Reflexividade.
I. Piedras, Elisa Reinhardt, orient. II. Título.

Glauco Fernando Cavalheiro

O PROTAGONISMO DA TÉCNICA DE ENTREVISTA NAS PESQUISAS
OBSERVACIONAIS COM INTERAÇÃO DE SUJEITOS PUBLICADAS NOS ARTIGOS
DA COMPÓS 2017

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa Cultura e Significação, como requisito à obtenção de grau de mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Elisa Reinhardt Piedras

Dissertação defendida em 29 de março de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a. Dr.^a. Elisa Reinhardt Piedras (Presidente/Orientadora)

Prof.^a. Dr.^a. Nísia Martins do Rosário (UFRGS)

Prof.^a. Dr.^a. Mônica Bertholdo Pieniz (UFRGS)

Prof.^a. Dr.^a. Laura Hastenpflug Wottrich (UFRGS)

Prof.^a. Dr.^a. Enói Dagô Liedke (Suplente - UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Meu constante agradecimento aos encontros da vida que produzem mudanças, adaptações de rota; que produz o novo e propicia constantes transformações e novidades, tornando a vida possível e sempre em movimento.

Ter podido dedicar 10 anos da vida aos estudos, quase que ininterruptamente e, mesmo que intercalado com a atuação no mercado, só foi possível porque, um dia, meus pais entenderam que a educação seria o único vetor para mudar nossa sorte e nos proporcionar o acesso a um outro tipo de vida. À dona Adelmá e ao seu Nandê, meu eterno agradecimento por terem me dado, além da vida, condições de sempre vive-la da melhor forma que as condições materiais permitiram e buscando, incansavelmente, meios de torná-la sempre melhor.

O segundo e último ano da dissertação foi emocional e psicologicamente muito mais desgastante do que pôde antever minhas primeiras perspectivas. Por isso, agradeço à Julia Beust pelo amor obstinado que cercou, sempre que pôde, minhas angústias, deixando a vida mais leve, bonita e positiva e que, constantemente, me deu forças para o passo seguinte.

Além disso, deixo registrada minha gratidão e imenso respeito à professora Dr^a. Elisa Piedras pela coragem de romper a lógica exclusivista da academia e lutar por propiciar uma inclusão da qual pouco se fala, dando meios, oportunidade e incentivo para aqueles que não têm o privilégio de dedicar-se exclusivamente à produção acadêmica, poderem contribuir com a sua experiência para a produção de conhecimento do campo e alcançar um nível superior de formação. Agradeço, assim, a paciência, a dedicação, as leituras atentas dos trechos trabalhados e da crítica firme que só vem de quem acredita no que está fazendo.

Agradeço à CAPES, e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pela oportunidade de realizar minha formação com apoio Federal e com a qualidade demandada por essas instituições.

Agradeço ao Marcus e à Lu Paim, que, generosamente, me concederam a flexibilidade necessária para conciliar as atividades acadêmicas sem me privar das oportunidades de crescimento na outra esfera da vida.

Por fim, agradeço aos amigos, sempre próximos, que ouviram desde as maiores empolgações com a pesquisa até os momentos de queixas e angústia, que fazem parte do processo de pesquisa.

RESUMO

Essa dissertação de mestrado tem por objetivo analisar, no contexto do evento COMPÓS 2017 (Anais do Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação)¹, a expressão das metodologias observacionais na publicação de artigos científicos brasileiros que explicitem pesquisas com abordagem direta a sujeitos. Se trata, portanto, de uma pesquisa qualitativa e exploratória, onde se procede pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2006) e análise documental (MOREIRA, 2006). O *corpus*, composto por 14 artigos, foi selecionado do universo de 170 publicações da COMPÓS 2017 pelo critério de expressar uma pesquisa com interação direta com sujeitos pesquisados. A análise é inspirada na metapesquisa (MATTOS; BARROS; OLIVEIRA, 2018) na qual o *corpus* é submetido a um “*checklist*”, onde parâmetros relativos às dimensões metodológica e técnica (LOPES, 2001) são levantados e, posteriormente, submetidos à interpretação. O resultado demonstra a proeminência da entrevista enquanto técnica de investigação observacional com sujeitos, a ausência de descrições e justificativa metodológica; a não explicitação da complexidade das metodologias que envolvem interação com sujeito, a reflexividade como objeto de discussão.

Palavras-chave: metodologia; metodologia observacional; análise documental; entrevista; reflexividade.

¹ Disponível em <https://www.compos.org.br/anais_texto_por_gt.php?idEncontro=MjY=>. Acesso em Mai. 2019.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.....	10
2. METODOLOGIA, COMUNICAÇÃO E CONTATO DIRETO COM OS SUJEITOS.....	20
2.1. Metodologias da pesquisa em comunicação e percurso metodológico	20
2.2. Pesquisa observacional.....	26
2.3. Entrevista em sua dimensão técnica e metodológica	31
2.3.1. Definições e tipos de entrevista.....	32
2.3.2. Antes e depois da entrevista	38
2.3.3. Entrevista, reflexividade e ética	48
3. A ARTICULAÇÃO METODOLÓGICA NOS ARTIGOS DA COMPÓS 2017....	57
3.1. Contextualização das pesquisas publicadas.....	57
3.2. Uso da técnica de entrevista	73
3.3. Interlocução com informantes	79
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICES	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tipificação da entrevista	37
Figura 2: Tipificação da entrevista em relação ao <i>corpus</i> analisado.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Modelo de tipologia em entrevista.....	36
Quadro 2: Composição do <i>corpus</i>	58

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Este é um trabalho sobre a expressão das metodologias observacionais em contato direto com sujeitos pesquisados no contexto das publicações científicas em um evento de comunicação brasileiro, a encontro da COMPÓS 2017. Mapeamos as pesquisas que abordam informantes a fim de dar a ver os modos de expressão dessas metodologias, buscando compreender o tratamento dado ao processo metodológico que envolve a participação de sujeitos em situação de pesquisa no contexto dos artigos científicos. Neste capítulo, construímos nosso problema de pesquisa e nossos objetivos. Também descrevemos o procedimento metodológico que resultou nessa pesquisa de dissertação de mestrado. Ao fim, além de dar o panorama completo acerca do que trata esta dissertação, damos a descrição de como se organizam as páginas que seguem.

Para desenvolver a pesquisa proposta e enfrentar a questão delimitada, primeiro é necessário pensar em metodologia. Acreditamos que as metodologias, quando pensadas pelo viés da Comunicação e da “especificidade intrínseca do seu objeto – os fenômenos comunicacionais da sociedade atual” (LOPES, 2001, 108), devem ser estudadas sem perder o foco de sua historicidade, articuladas com a sua relação teórica dentro dos paradigmas traçados pelos diversos vieses inscritos nos estudos de Comunicação.

Estudar o tema proposto tem sua pertinência situada em algumas diferentes dimensões. A primeira diz respeito à própria expressão da metodologia no campo da comunicação. Estudos da década de 90 realizados por Jacks e **Escosteguy** (2005) apontam “a falta de estudos mais densos em termos teórico-metodológicos, com especial atenção para o segundo aspecto, pois a fragilidade técnica e operacional desarticula até a mais sólida construção teórica” (p.110). Lopes (2001) também aponta esta “falta de maturidade” do campo, considerando a importância do texto científico como principal registro do processo de investigação. A autora lembra que nosso país, assim como toda a América Latina, expressa, “imaturidade de seu corpo teórico e a crise de suas heranças científicas” (p.89) em suas publicações.

A outra dimensão diz respeito à importância do artigo enquanto instrumento de divulgação e compartilhamento do saber científico. Mattos e Villaça (2012) apontam que “boa parte desta forma de produção científica é resultado de sínteses, desdobramentos e avanços das questões abordadas em trabalhos científicos, referenciados na literatura” (p.204) e, portanto, expressam as tendências e perspectivas vigentes a respeito de determinado saber científico. Os autores também lembram de Vanz *et al.* (2007, *apud* MATTOS; VILLAÇA, 2012) que pontua

que esses documentos revelam a preocupação dos pesquisadores acerca das configurações do campo e também podem apresentar “problemas disciplinares” a respeito da abordagem em determinadas práticas de pesquisa. Em nosso entendimento, o artigo científico configura uma publicação sintética de fácil circulação no meio científico brasileiro. Estamos cientes do seu pequeno espaço e das limitações impostas pelos diferentes modelos editoriais, mas ainda assim, acreditamos que reside uma importância crucial de compartilhamento dos aprendizados com cada pesquisa nesse modelo de publicação. Dessa forma, esse tipo de publicação retrata uma fonte capaz de revelar a maneira com a qual o campo científico lida com determinado problema através das escolhas e renúncias explicitadas, ou seja, ele expressa os interesses e desinteresses do campo na medida em que podemos perceber aquilo que os pesquisadores optam por divulgar.

Outro ponto que estimula o desenvolvimento deste trabalho é a percepção deixada pelo nosso estado da arte, realizado em uma etapa preliminar a este estudo final e apresentado na íntegra na fase de qualificação dessa dissertação. Neste período, tivemos como foco o estudo das metodologias utilizadas nos estudos de recepção² realizada segundo o processo descrito a seguir e que, devido ao percurso escolhido, foi deixado de fora da redação final desta dissertação.

Naquele momento, executamos uma análise documental conforme Moreira (2006) a fim de compreender as contribuições já existentes na área para, a partir delas, avançar. Para a coleta de dados, selecionamos cinco palavras-chave que serviram de filtro: “recepção; consumo cultural; consumo midiático; método e metodologia”. Empregamos estes vocábulos na busca de pesquisas publicadas em: 1) periódicos científicos da área da Comunicação: 18 nacionais³ e três estrangeiros⁴, em suas respectivas páginas na internet; 2) Eventos nacionais da área de Comunicação⁵: dois no total, em suas publicações digitais dos anais de cada evento; 3) programas de pós-graduação em Comunicação, pesquisa empreendida através da Biblioteca

² Vale pontuar que, inicialmente, essa etapa do trabalho teve foco em avaliar as metodologias aplicadas nos estudos brasileiros de recepção, mas, a partir do resultado encontrado nessa primeira etapa e no debate ocorrido na ocasião da qualificação desta pesquisa, se entendeu a necessidade de ampliar o escopo para a identificação da questão metodológica de interação com sujeitos em todo o espectro de publicações. Ainda assim, entendemos como pertinente o compartilhamento destes resultados preliminares, uma vez que eles foram decisivos para a correção de rota e a construção do novo foco de pesquisa.

³Revista E-COMPÓS (A2), Revista Famecos (A2), Revista InterCom (A2), Revista Matrizes (A2), Revista Comunicação, Mídia e Consumo (B1), Revista Comunicação e Sociedade (B1), Revista Comunicação Midiática (B1), Revista Alceu (B1), Revista Animus (B1), Revista Ciberlegenda (B1), Revista Conexão (B1), Revista Contracampo (B1), Revista Contemporânea (B1), Revista Eco-Pós (B1), Revista Fronteiras (B1), Revista Intexto (B1), Revista Libero (B1), Revista Lumina (B1).

⁴ Media, Culture & Society (A1), Journal of Latin American Cultural Studies (A2), Revista Internacional de Comunicación Audiovisual y Publicidad y Literatura (B1)

⁵ Compós, InterCom

Digital de Teses e Dissertações⁶, mantida pelo Ministério das Ciências e Tecnologia do Brasil. O período delimitado foi do ano de 2011 ao ano de 2016. Nessa busca, procuramos identificar 1) trabalhos que discutissem metodologias ou que fizessem uma leitura a respeito das pesquisas em recepção; 2) trabalhos que utilizassem esse tipo de pesquisa em seu empreendimento ou, ainda, 3) trabalhos que postulassem atualizações epistemológicas no campo metodológico dos estudos em Comunicação, atentos para a ênfase na pesquisa em recepção. A busca resultou num total de 164 trabalhos contendo, como palavra-chave, um ou mais termos daqueles supracitados. Destes trabalhos, 110 provém dos anais de eventos brasileiros, 30 de periódicos e 24 de teses e dissertações na área. Após a catalogação de todos os resumos identificados, procedemos à leitura procurando compreender quais categorias temáticas e metodológicas, bem como quais linhas teóricas emergiam de seu conteúdo, atentando às semelhanças, diferenças e demais aspectos que surgissem e contribuíssem para um desenho prévio da produção a respeito da temática pesquisada dentre os trabalhos publicados e disponíveis online na área da comunicação. Em seguida, descrevemos os achados dessa fase.

Predominantemente qualitativos, os estudos levantados demonstram preferência, por técnicas de inspiração etnográfica, como observações participantes e não-participantes, grupos focais e entrevistas. A busca pela compreensão das práticas de produção de sentido orienta estes trabalhos que focam na compreensão do uso de espaços, rituais e na expressão de visões de mundo e percepções. Destacamos o uso da entrevista em suas versões semiestruturada e aberta, sendo a primeira mais recorrente na manifestação dos autores que demonstram buscar no diálogo dirigido, um caminho para coletar a expressão dos grupos ou indivíduos estudados e transformá-los em dados passíveis de uma análise estruturada.

Outra característica observada é a mesclagem entre técnicas quantitativas e qualitativas. O estabelecimento do diálogo entre questionários fechados e práticas etnográficas emerge nos estudos identificados como uma maneira de cercar diversas dimensões do mesmo fenômeno, em busca de uma maior potência através da multiplicidade de dados coletados. No entanto, não percebemos a presença de trabalhos que sejam inteiramente quantitativos, tampouco poderíamos destacar o protagonismo dessa abordagem, que figura como complementar nos estudos em que aparece. Além disso, as análises documentais e bibliográficas estão presentes, principalmente nos trabalhos que têm como objetivo estabelecer uma discussão a respeito de questões teóricas ou metodológicas. Nestes casos, essas técnicas são usadas com exclusividade na construção das publicações.

⁶ Disponível em <<http://bdtd.ibict.br>>. Acesso em 28 Jan. 2018.

A partir desta observação, denotamos uma tendência à multidisciplinariedade, tanto na dimensão teórica como na metodológica. Embora a centralidade esteja nos estudos culturais e nas práticas de inspiração etnográfica, diferentes elementos são incorporados. Percebemos, assim, um colorido teórico-metodológico que parece caracterizar os trabalhos analisados. Poderíamos inferir tanto que, a riqueza do diálogo contribui para a amplitude da compreensão dos fenômenos analisados, quanto que esta dispersão poderia reduzir a potência deste tipo de estudo. O que fica claro nesse estado da arte é que a tradição da incorporação de diferentes ferramentas e pontos de vista é uma característica dos estudos que se valem de um pensamento sobre a cultura para compreender a produção de sentido na pesquisa em comunicação. No contexto dos trabalhos analisados para este estado da arte, percebemos a falta de clareza apresentada em parte deles a respeito dos processos metodológicos utilizados e das escolhas tomadas em detrimento de outras.

Vale, também, destacar que nem sempre foi possível encontrar uma descrição objetiva e clara do percurso metodológico escolhido pelos pesquisadores, bem como suas justificativas para o cumprimento dos objetivos estabelecidos. É possível inferir, a partir da leitura de alguns trabalhos, sua forma de atuação. No entanto, embora alguns textos discutam caminhos metodológicos em suas pesquisas, constatamos uma carência na explicitação dos caminhos estabelecidos para a resolução de problemas de pesquisa no estado da arte analisado.

Além dos achados dessa fase de elaboração do estado da arte, outra motivação que estimula a produção deste estudo é uma inquietação pessoal do autor que tem profundo interesse em compreender cada vez mais os meandros das técnicas observacionais de contato direto com o sujeito por conta da sua experiência acadêmica, na fase de conclusão da graduação, e também, pela sua atuação profissional. Atuando no mercado como pesquisador de comportamento de consumo por cinco anos e tendo confrontado a situação de entrevista em mais de 200 ocasiões, a questão de como dar conta da complexidade deste evento em uma dimensão científica sempre foi de grande interesse do autor, entendendo que a metodologia por trás da complexidade dos encontros face-a-face com os sujeitos merece um olhar diferenciado. Esse trabalho marca o início de uma investigação que é dotada de grande vontade de encontrar caminhos possíveis para estas indagações e contribuir para o desenvolvimento da qualidade no uso de metodologias observacionais no campo da pesquisa em comunicação, sempre lembrando que “a investigação perfeita só cabe na imaginação daqueles que nunca realizaram uma investigação⁷” (RE POLL, 2010, p.111, *tradução nossa*). Além disso, pontuamos que esta curiosidade não é ingênua e

⁷ Do original: *La investigación perfecta sólo cabe en la imaginación de aquellos que nunca han realizado una investigación*

desarticulada, mas busca estar estruturada em questões que julgamos pertinentes para a área e para os pares, de acordo com pressupostos da produção científica no contexto da Universidade, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação e a Linha de pesquisa Significação e Cultura, onde estamos alocados.

Dessa forma, a partir dos achados relatados na fase de estado da arte e da discussão ocorrida na fase de qualificação dessa pesquisa, chegamos à conclusão de que era pertinente um estudo mais abrangente em dois sentidos: que privilegiasse as metodologias observacionais por conta da sua complexidade e importância no contexto das pesquisas em comunicação e que não se limitasse à questão da recepção, mas abordasse, também, outros tipos de estudo no campo.

Assim, entendendo a importância do artigo científico enquanto publicação que demonstra de forma sintética e com ampla circulação a perspectiva dos pesquisadores e a fim de construir o estudo dentro de nossas limitações materiais, optamos por estudar as publicações de um evento específico do contexto nacional⁸. Assim, os artigos publicados no evento da COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação⁹, no ano de 2017, serão nosso objeto de pesquisa nesta investigação, levando em consideração a respeitabilidade do evento que, além de ser bem avaliado pelos pares, constitui um rigoroso crivo para a seleção dos artigos componente de seus anais.

Portanto, construímos nosso problema de pesquisa na seguinte pergunta: **como são apresentadas as escolhas metodológicas das pesquisas recentes do campo da comunicação no que diz respeito à abordagem observacional?**

Assim, o objetivo geral deste trabalho é **analisar, no contexto do evento COMPÓS 2017, a expressão das metodologias observacionais na publicação de artigos científicos brasileiros que explicitem pesquisas com abordagem direta a sujeitos.**

Serão os objetivos específicos os seguintes:

- a) identificar, no universo dos 170 artigos publicados nos anais de evento científico nacional, que tenham qualidade, relevância e pertinência¹⁰ (Compós 2017) no campo da Comunicação, aqueles estudos que utilizam metodologias observacionais;

⁸ Optamos pela elaboração de um estudo focado nos artigos científicos em detrimento de outras publicações, como teses e dissertações, por essas já serem objeto de levantamento no campo da Comunicação a exemplo de Jacks (MENEZES; PIEDRAS, 2007; *et al.*, 2014; *et al.*, 2017).

⁹ A relevância do evento da COMPÓS reside no grau de legitimação dos pares, onde as publicações submetidas são avaliadas pelo crivo de pesquisadores reconhecidos no campo da Comunicação.

¹⁰ Critérios de avaliação definidos para publicações na COMPÓS para publicação nos eventos. Disponível em <https://www.compos.org.br/gts_informacoes.php#encaminhamento>. Acesso em 27 Abr. 2019.

- b) nos artigos identificados, contextualizar as pesquisas em termos de objeto, teorias, metodologia e resultados e;
- c) no que diz respeito à metodologia, identificar os subsídios que fundamentam sua escolha e problematizar a interlocução com informantes e a expressão dos sujeitos como dado científico.

Visando alcançar tais objetivos, desenvolvemos, no segundo capítulo, uma discussão teórica sobre metodologia da pesquisa no campo da comunicação; pesquisa observacional e reflexividade; e, por fim, a técnica de entrevista¹¹, buscando tipificá-la e construir um mapa teórico da sua definição, de acordo com parâmetros apresentados nas leituras dos artigos componentes do *corpus*. Para isso, adotamos a técnica da pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2006) a fim de articular publicações de autores legitimados na área, construindo uma matriz teórica e agregando diferentes obras que, no entendimento deste projeto, podem se relacionar e construir uma visão consistente com nossa proposta. Essa etapa bibliográfica compreende a construção de uma visão global sobre o assunto em busca do que há de pertinente ao nosso objeto e que teremos a oportunidade de ler, compreender e descrever em texto, de acordo com nossa interpretação e crítica, como pontua Stumpf (2006) a respeito desta técnica de pesquisa.

Sendo assim, estudamos três frentes teóricas. A primeira diz respeito ao nosso interesse central que são as metodologias, onde utilizamos obras de Lopes (2001, 20014), Bonin (2008, 2012) e Flick (2004, 2009) para falar especificamente do tema e sua expressão no campo da Comunicação. Na segunda, tratamos das perspectivas constitutivas das metodologias observacionais na Comunicação sob o olhar de Lopes (2001; 2010; 2011); Ferrara (2010); Rosseti (2010); Fígaro e Brignol (2018); Galindo (1996); Sifuentes (2018) e Martino (2010). Na terceira, nos aprofundamos nas questões relativas à entrevista sob a ótica de Lopes (2010; 2011); McCracken (1988); Flick (2009); DaMatta (1988); Angrosino 2008; Vilela (2006); Thompson (2012); Bauer e Gaskell (1999; 2014); Richardson (2012); Braga e Gastaldo (2012) e Coelho (1998).

No terceiro capítulo, incorporamos os dados empíricos da pesquisa desenvolvida e, para tanto, optamos pela utilização da análise documental, que, segundo Moreira (2009) “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinados fins” (p.271). Entendemos a importância da análise documental no sentido de permitir o levantamento, categorização e análise de dados que estão registrados em materiais específicos.

¹¹ Identificamos, no trabalho de leitura dos artigos que compõem nosso *corpus*, a predominância da técnica da entrevista como escolha de método científico. Por conta disso, essa abordagem ganha um espaço dedicado na fase teórica desta dissertação.

Nas palavras da autora, “a análise documental, muito mais do que localizar, identificar, organizar e avaliar textos [...] funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos (p.276). A essa fala, acrescentamos que esses momentos não precisam, necessariamente, ser eventos factuais e históricos, mas, também, pode ser um retrato de um contexto específico. Em nosso caso, os artigos científicos compreendem o *corpus* que foi submetido a esse processo. Moreira (2009) também explicita as dificuldades enfrentadas pela análise documental, pontuando questões como logística, acesso restrito a acervos e legibilidade de documentos, que, em nosso caso, não apresentou nenhum empecilho. Ainda amparados pela visão da autora, concordamos que a contextualização do material levantado é imperativa na construção do objeto ao proceder uma análise documental e, portanto, descrevemos em seguida esse contexto, para, então, explanar o procedimento adotado.

Optamos, então, por selecionar, como universo, todos os artigos publicados nos anais da COMPÓS no ano de 2017, ano que começa o desenvolvimento do presente trabalho. O objetivo desta escolha é ter um panorama atual a respeito do volume de trabalhos publicados no evento supracitado e que fazem uso de técnicas observacionais, nos estudos de comunicação. Assim, o *corpus* é composto por um total de 14 extraídos de um universo de 170 artigos publicados em 17 Grupos de Trabalho na COMPÓS no ano de 2017. Para a seleção do *corpus* nesse universo, utilizamos como critério 1) a descrição, no artigo, sobre a aplicação de entrevista presencial com sujeitos ou 2) a discussão metodológica a respeito do uso de técnicas observacionais ou foco em entrevista. Essa seleção foi feita a partir de leitura flutuante (OLIVEIRA, 2018), onde os artigos foram lidos em busca de evidência da ausência ou presença desses parâmetros. Essa leitura se deu de forma sistemática, primeiro, a partir dos resumos, no qual se buscou identificar a utilização de metodologia observacional. Após essa aproximação com o trabalho através do resumo, realizamos a leitura flutuante no restante do artigo em busca de expressões que comprovasse a presença ou ausência dessa abordagem metodológica. Uma vez separado o *corpus* do universo, procedemos à coleta dos dados que aconteceu a partir de um instrumento metodológico montado com inspiração no trabalho de “metapesquisa” de Mattos, Barros e Oliveira (2018) e em Lopes (2001), que contribuiu para execução de nossa análise documental, como descrevemos em seguida. No prefácio da obra “Metapesquisa” de Mattos, Barros e Oliveira (2018), Jacks apresenta a conclusão de que não há uma definição estanque para o termo “metapesquisa”. Dentre as diversas definições apresentadas pela autora, a de Eduardo Mourão Vasconcelos (2007, *apud* JACKS, 2018) é a que acreditamos melhor definir nossos intentos, declarando que a metapesquisa “qualifica a pesquisa sobre ‘aquilo que já foi escrito e/ou publicado por pesquisadores e analistas a respeito do tema’” (p.12).

Lopes (2001), em seu modelo, organiza a pesquisa científica em quatro instâncias: a epistemológica, teórica, metódica e técnica. Neste estudo, nosso foco recai sobre as duas últimas instâncias, que estão diretamente ligadas ao foco de nosso problema.

Além da contribuição de Lopes (2001), o sistema de análise utilizado por Mattos, Barros e Oliveira (2018) para proceder à metapesquisa¹² também serviu de inspiração para a construção de nosso instrumento. Trata-se de um roteiro com 23 tópicos (Apêndice A) que buscaram:

- a) caracterizar o artigo, registrando o nome e a área de formação dos autores (que foi inferida a partir da leitura do currículo Lattes de cada um), o título do artigo, o GT de publicação, a procedência do artigo (se é ou não excerto de um trabalho maior e, se sim, qual trabalho), a natureza dos textos (se é a divulgação de uma pesquisa realizada com entrevistas ou se trata de uma discussão metodológica sobre o tema), a temática do trabalho, o tipo de mídia ou mídias que articulava, a unidade de pesquisa investigada;
- b) compreender a instância teórica divisando as áreas das ciências utilizadas na construção teórica, os conceitos operacionais evocados, as escolas do pensamento articulados e o rol de autores acionados;
- c) mapear a instância metódica, entendendo se há explicitação e justificada para as escolhas desta instância, quais as lógicas de acionamento (compreendendo como se compreende a articulação dos sujeitos com a temática a partir da metodologia escolhida), se as escolhas metodológicas se justificam pelo ambiente teórico ou pelo contexto dos investigados, que autores são mobilizados nesse empreendimento e;
- d) investigar a instância técnica buscando compreender se há e quais outras técnicas além da entrevista, se são explicitadas as justificativas para as escolhas, quais autores são eventualmente acionados nesse processo, como se denomina os sujeitos participantes das entrevistas e como se tipifica a entrevista.

Finalmente, isso resulta na constituição de nosso instrumento de investigação. Esse instrumento foi produzido a partir de um formulário de perguntas *online*, o *Google Forms*, onde esses tópicos se transformaram em perguntas, sendo 14 abertas, onde descrevíamos os dados encontrados a partir das leituras dos artigos e, 9 fechadas, onde assinalávamos respostas pré-estabelecida de acordo com os parâmetros escolhidos. O texto que dá origem a esse formulário

¹² A partir de indicação da banca de qualificação, a obra de Mattos, Barros e Oliveira (2018) foi considerada para o procedimento metodológica dessa dissertação. Após essa avaliação, decidimos por utilizar a metodologia dos autores como inspiração, uma vez que nosso problema demandava particularidades não contempladas pela metapesquisa. Assim, decidimos por utilizar o sistema de roteiro de perguntas utilizado em Metapesquisa para indagar os artigos e, a partir disso, construir uma visualização para proceder à análise.

bem como as alternativas possíveis das perguntas fechadas pode ser conferido no Apêndice A. Adaptamos, portanto, a forma de produzir este instrumento e, também, a categorização das questões levantadas.

Dessa forma, cada publicação que compõe *corpus* foi lida atentamente, tendo sido aplicado um formulário para cada um dos 14 artigos selecionados, a fim de construir um mapeamento comparativo dos aspectos constitutivos de cada um deles que compuseram nossa análise. Cada questão foi preenchida manualmente e individualmente sendo que as respostas de cada pergunta contemplam um processo minucioso de leitura.

O produto desse esforço, ao qual os 14 artigos foram submetidos é uma tabela onde todos os trabalhos foram descritos (Apêndice B), permitindo o mapeamento e a comparação das características supracitadas. O panorama que se revela permite uma visão global do *corpus* no que diz respeito a sua constituição, a área de procedência dos autores, a dimensão de suas escolhas teóricas e metodológicas, e as especificidades de suas construções técnicas de aproximação aos sujeitos pesquisados. O instrumento também permitiu a construção de imagens para a visualização de alguns dados, como pode ser visto no Apêndice C.

As categorias levantadas pelo instrumento de pesquisa estão amparadas nas questões pontuadas por Lopes (2001) e adaptadas ao nosso problema. Na tabela presente no Apêndice B, estão descritas as informações da instância teórica, da instância metódica e da instância técnica. Nessa última, destacamos o levantamento dos dados a respeito da descrição dos processos de entrevista. Essa construção permitiu visualizar as incidências, repetições, exceções e relações entre as escolhas dos pesquisadores dentro de cada contexto que nos propusemos a analisar.

Um trabalho que acaba tratando da reflexividade não pode seguir sem uma pequena construção auto reflexiva. Na constituição desse trabalho, estão presentes todos os atravessamentos pelos quais a sua produção foi submetida. O atual estado da constituição política, que cerceia de recursos a produção acadêmica, a condição de vida do autor que não abandona a sua atuação no mercado para a construção desse estudo acadêmico, a complexidade da relação entre os sujeitos envolvidos nesse processo, os momentos de qualificação e as discussões que aconteceram em inúmeros encontros entre autor e orientadora. O resultado é, portanto, um produto da realidade viva da pesquisa, sem nenhuma pretensão de assepsia científica ou suposta neutralidade: trazemos, aqui, o resultado de uma construção que buscou ser honesta com os dados, com o contexto e com o constante foco no problema e objetivos delimitados para uma contribuição pertinente à academia, no assunto que julgamos que cabia a nós problematizar e apresentar uma proposição.

Assim, a análise e a interpretação desses dados contemplam a nossa leitura sobre a triangulação entre o levantamento teórico, o levantamento teórico a partir dos autores de metodologia apontados nos artigos e as expressões publicadas nos 14 trabalhos componentes do *corpus*. Neles, os seguintes aspectos foram avaliados: a contextualização das pesquisas, o uso das técnicas observacionais, a particularidade da articulação das entrevistas e a interlocução dos informantes, que está desenvolvida no Capítulo três. Finalmente, no Capítulo quatro, apresentamos as considerações finais a respeito de toda a pesquisa desenvolvida, destacando os principais achados e desafios desse percurso.

2. METODOLOGIA, COMUNICAÇÃO E CONTATO DIRETO COM OS SUJEITOS

Compreender a particular complexidade que é inerente às pesquisas empíricas de caráter observacional, em sua dimensão teórica, é nosso desafio nesta etapa da dissertação. Assim, passamos a discutir aspectos gerais da metodologia e sua presença no campo acadêmico da Comunicação, seus questionamentos e pontos de tensão. Em seguida, nos aprofundamos nas questões referentes às metodologias observacionais e, então, discutimos a especificidade da entrevista, que surgiu com proeminência em nosso *corpus* e demandou essa abordagem teórica mais focada. Pretendemos, com isso, traçar um panorama que abranja, teoricamente, o problema levantado por esta pesquisa e contribua para o objetivo de produzir uma análise sobre a dimensão metodológica com enfoque nos dados observacionais obtidos através de interlocuções com informantes e sua publicação em artigos científicos.

2.1. Metodologias da pesquisa em comunicação e percurso metodológico

Entendemos que a metodologia, articulada no contexto dos estudos da Comunicação, tem sua particular complexidade. Nos parágrafos que seguem, discutiremos o enquadramento da questão metodológica, dentro do campo, em termos de definição, percurso, reflexão e prática. Nosso objetivo, aqui, é a construção de um panorama sobre os principais pontos de atenção discutido por autores e autoras relevantes da área, delimitando nosso foco e apurando nosso olhar sobre o problema de pesquisa proposto.

Primeiramente, portanto, cabe construir uma ideia do que é a metodologia em nosso contexto de pesquisa. Com base em Lopes (2001), podemos constatar que metodologia tem uma dupla concepção. A primeira, seria a “metodologia *na* pesquisa” (p.94), que é levar em consideração este conceito como parte do paradigma de uma área, sendo o âmbito de discussão a respeito das escolhas de concepção e tomadas de decisão a respeito das maneiras de aproximação prática em uma determinada pesquisa. A segunda concepção, de “metodologia *da* pesquisa” (idem), é aquela que versa sobre as abordagens práticas, que a autora sugere chamar de “método”. Além disso, a autora também comenta que a metodologia é “entendida amplamente como teorização do processo de produção do conhecimento e como ‘investigação da investigação’ [...] Constitui o espaço de excelência da reflexão de um campo de conhecimento sobre si mesmo, enquanto prática teórica” (LOPES, 2001, p.89). Através desta perspectiva, podemos entender a metodologia não somente como um conjunto de práticas, mas

como a discussão a respeito das escolhas na produção da ciência, algo que se atualiza e se desenvolve a partir dos desafios impostos por cada novo projeto, ou seja, muito além das escolhas de ordem técnica, a metodologia também compreende o ângulo pelo qual se investiga determinadas questões. Esse processo implica, necessariamente, numa escolha por parte do pesquisador que demanda a observância das implicações epistemológicas da construção da pesquisa. Acerca dessa questão, Santaella cita Rudio (1992, *apud* SANTAELLA, 2001, p.132) colocando que,

embora enfatizando o valor da criatividade, convém lembrar que a pesquisa científica não pode ser fruto apenas da espontaneidade e intuição do indivíduo, mas exige submissão tanto aos procedimentos do método quanto aos recursos da técnica. O método é o caminho a ser percorrido, demarcado, do começo ao fim, por fases ou etapas.

Nesse mesmo sentido, Bonin (2012) sugere pensar a metodologia “enquanto dimensão que se realiza concretamente nas práticas investigativas, que fundamenta os processos de construção da pesquisa em todos os seus níveis” (p.2). Ela lembra Lopes, sugerindo pensar uma “metodologia em ato” (BONIN, 2012, p.2), que se realiza durante o processo de construção da pesquisa. A autora também cita Maldonado (2002) quando este autor sugere que a dimensão metodológica “constrói caminhos, definindo planos, sistematizações, operacionalizações, testes, explorações, observações, experimentações, estratégias e táticas” (*apud* BONIN, 2012, p.2).

Assim, entendemos que a metodologia não diz respeito a seguir ou cobrar a utilização de um receituário, de uma prática estanque, mas, sim, articular a reflexão produtiva onde seja desenvolvida a consciência do seu papel dentro da realidade epistemológica de cada pesquisa (LOPES, 2011). Significa, portanto, entender que as escolhas e os resultados são articulações indissociáveis. Como pontua Figaro (2018) “só instrumental não dá conta da complexidade do processo de comunicação” (p. 30).

Nesse ponto, cabe estabelecer um ângulo de enquadramento para pensar a metodologia no contexto das pesquisas da Comunicação. Trazemos, aqui, o modelo concebido por Lopes (2001) que estrutura as dimensões metodológicas e possibilita uma análise deste aspecto que pode acontecer tanto no fazer da pesquisa empírica como na análise de pesquisas já publicadas. Ele se situa nas dimensões analítica e conceitual, porque, além de posicionar a prática da pesquisa num campo teórico, também atua no plano empírico.

Assim, esse modelo, desenvolvido pela autora, busca dividir o processo da pesquisa em dois eixos: as instâncias e as fases. As instâncias dizem respeito à dimensão discursiva da pesquisa. Na instância das fases, onde se trata da dimensão sintagmática, a autora trata da “articulação em diferentes fases ou etapas metodológicas” (p.135), deixando claro que esta

organização em fases sequenciais não expressa um modelo fechado, mas uma série de relações interdependentes. No que segue, apresentamos e discutimos como se estrutura esta proposta e de que forma ela nos ajudará em nossos intentos. Essa perspectiva é amplamente reconhecida nos estudos da Comunicação e, aqui, retomaremos os principais pontos que interessam ao nosso trabalho.

Lopes (2001) define como sendo quatro as instâncias da pesquisa: a primeira é a epistemológica, que tem a “função de vigilância crítica” (LOPES, 2001, p.121), isto é, aquela instância que se articula a fim de explicitar “os obstáculos epistemológicos da pesquisa e sua autocorreção à construção do objeto científico” (p. 121); depois, vem a instância teórica, que é o lugar de “formulação sistemática das hipóteses e dos conceitos, da definição da problemática e da proposição de regras de interpretação” (p. 123), ou seja, é a interface por onde se constrói o objeto, se propõe as questões e se busca as respostas; a terceira é a instância metódica, que é onde se enuncia a estruturação do objeto e quais parâmetros serão seguidos para tanto e, também, onde se estabelece os quadros de análise, etapa em que “a teoria é fortificada e constantemente consolidada à medida em que se fixam” a eles (p.127); a quarta instância, a instância técnica, para Lopes (2001), é onde se constrói o objeto empírico. “Compreende os procedimentos de coleta das informações e das transformações destas em dados pertinentes à problemática geral” (LOPES, 2001, p.128). Aqui se operam os passos necessários para adequar a doxa à teoria na formulação de fatos científicos. Fatos, neste caso, não são imposições da verdade, mas sim, articulados como dados estabelecendo essa dinâmica. Em nosso trabalho, essa perspectiva merece destaque, pois, como pontua Figaro (2018) “a escolha de um ferramental conceitual e técnico de pesquisa orienta como se chegará aos resultados [...] pois ela implica em revelar determinados aspectos do real e abandonar outros” (p. 27), salientando que é a partir das escolhas do pesquisador que se construirá as lentes pelas quais se dará a ver o seu objeto de estudo.

Dessa forma, podemos entender que técnicas de pesquisa são “procedimentos de construção dos dados e das *relações* entre os dados” (LOPES, 2001, p.133, *grifo nosso*) e cita Bachelard, lembrando que “técnicas são ‘teorias em ato’” (BACHELARD *apud* LOPES, 2001, p.133). Assim, a autora constrói uma crítica à “pretensa neutralidade das técnicas de pesquisa” (p. 133) apoiada pelo discurso de Bourdieu que denuncia a imposição técnica nos questionários, operação metodológica de grande circulação na sociologia à sua época. Termina postulando que “defender uma combinação de diferentes técnicas, quantitativas (...) e qualitativas (...) é reconhecer, ao lado das vantagens metodológicas de cada uma, seus limites epistemológicos” (p. 133). Temos, portanto, uma perspectiva de que as técnicas são parte integrante de um

constructo que acaba por construir os objetos e definir o resultado do trabalho de pesquisa. A partir disso, se soma a consciência de que os objetos de investigação não são coisas dadas ou fenômenos estanques apenas esperando serem observados, mas produtos de uma construção que acontece no processo de concepção teórico-metodológica na pesquisa (BONIN, 2008). Assim, fica colocado que as decisões relativas a ela integram o processo de vigilância epistemológica que deve permear todo o processo de pesquisa.

O segundo eixo trabalhado de Lopes diz respeito às fases da pesquisa. Nesta parte, a autora (LOPES, 2001) trata da “articulação em diferentes fases ou etapas metodológicas” (p.135), deixando claro que esta organização em fases sequenciais não significa um modelo fechado, está engendrada numa dinâmica que se combina de diferentes formas, mas são fases interdependentes. Trata-se, portanto, da dimensão sintagmática da pesquisa.

A primeira fase é a definição do objeto, que é constituída por três operações: o problema de pesquisa, o quadro teórico e as hipóteses. Trataremos de cada uma delas a seguir.

A primeira operação trata do problema de pesquisa e está situada em um “conjunto mais amplo, que é o *assunto* ou tema da pesquisa” (LOPES, 2001, p.138, *grifo da autora*). Essa escolha está situada num cruzamento de fatores que transcendem uma simples vontade do pesquisador. Está em jogo o seu compromisso social e os atravessamentos impostos pelo contexto, na forma como ele constrói esse problema e tema. A importância dessa etapa reside no poder de emoldurar os aspectos da realidade, como aponta Figaro (2018) ao dizer que,

se a pergunta revela os pressupostos teóricos do pesquisador, dela também se inferem os instrumentais metodológicos a serem utilizados no trabalho de pesquisa. Há vinculação entre a pergunta problema e a metodologia de investigação. Estão inscritos na pergunta problema da pesquisa o trabalho conceitual e metodológico (p. 26)

A segunda operação diz respeito ao quadro teórico. Lopes (2001) diz que “ao ser formulado, o problema de pesquisa é automaticamente inserido em determinada orientação teórica que lhe provê o quadro de conceitos disponíveis e, assim, organiza o objeto teórico da pesquisa” (p. 139). Neste momento é que se pode pensar no procedimento que situa “o problema em relação às pesquisas existentes, mesmo de orientações teóricas diferentes” (p. 139). Esta etapa deve discorrer sobre “os modelos teóricos; os problemas metodológicos e os conteúdos temáticos relativos ao objeto de investigação” (p. 139). A terceira operação diz respeito às hipóteses da pesquisa, cuja função “é fornecer a conexão necessária entre teoria e investigação, teoria e fato” (p.140). A autora também observa a obrigatoriedade ou não da hipótese, pontuando que pelo recente estabelecimento das ciências sociais, principalmente da Comunicação, onde ainda não existe uma literatura consolidada.

A segunda fase trata de “coletar e reunir evidências concretas capazes de reproduzir os fenômenos em estudo no que eles têm de essencial” (LOPES, 2001, p. 142). Esta fase, nas Ciências Sociais, precisa estar bem amparada na operação intelectual técnica e também se deve ter cuidado com sua descrição, que faz parte deste processo interpretativo. A autora propõe que, após a formulação do problema, deve ser indicado “o tipo de dados a procurar e como obtê-los, o tipo de tratamento a dar-lhes, como vinculá-los ao quadro teórico da pesquisa, etc.” (p. 143). É importante pontuar, também, que a coleta de dados e as escolhas relativas a esta etapa não se limitam à dimensão técnica e precisam estar epistemologicamente amparadas e sistematicamente inseridas em uma reflexão por parte dos pesquisadores. Santaella (2001) lembra que “o método da pesquisa científica não é outra coisa do que a elaboração, consciente e organizada, dos diversos procedimentos que nos orientam para realizar o *ato reflexivo*, isto é, a operação discursiva da nossa mente” (p.132, *grifo nosso*)

Dessa forma, entendemos que a realidade não está “susceptível de apreensão imediata. (...) o importante não é o que se vê, mas o que se vê com o método, pois o investigador pode ver muito e identificar pouco e pode ver apenas o que confirma suas concepções” (LOPES, 2001, p.143). A observação, portanto, se apresenta como um processo de construção dos dados, articulando instâncias técnicas e metódicas e abrangendo duas operações: amostragem e coleta de dados.

Quanto às técnicas de coleta, a autora (LOPES, 2001) pontua a diferença entre as técnicas de investigação e de análise. Elas são determinadas dentro de uma lógica estratégica do desenvolvimento da pesquisa. É importante reforçar a fala da autora que lembra que “são procedimentos que constroem empiricamente o objeto por meio dos fatos coletados” (p.146). As escolhas das técnicas de pesquisa a serem empregadas constroem “um significado epistemológico ao tratamento do objeto e um significado teórico aos problemas que se apresentam ao objeto” (p.147). A autora difere a observação indireta (a posição que pode ser manipulada estrategicamente) e de técnica indireta, como questionário, formulário, entrevista a história de vida. Os dados primários, do levantamento, são articulados junto aos dados secundários, citando mais concisamente a autora, a técnica bibliográfica que demonstra a dimensão intelectual do trajeto percorrido pelo pesquisador.

A fase que segue trata da descrição, e é, para a autora, a fase inicial de análise. Nela, a investigação se articula em texto e Lopes (2001) comenta que “a descrição constitui a primeira etapa da análise dos dados na pesquisa” (p.149), onde os dados são apresentados discursivamente.

A quarta fase constitui a segunda parte da análise, é “o ponto de chegada retoma dialeticamente o ponto de partida, integrando os dados numa totalidade que agora é igualmente objeto empírico e objeto teórico” (LOPES, 2001 p. 151). Dessa forma, a autora pontua que só na fase de elaboração interpretativa dos dados é que é possível “atingir um padrão de trabalho científico unificado na área de conhecimento da Comunicação” (p. 152). É nesta etapa que se integram todas as instâncias da pesquisa em uma experiência singular de investigação.

Por fim, a autora se refere à etapa de conclusão como não sendo uma etapa, propriamente, “mas um tópico que faz o balanço dos resultados alcançados” (LOPES, 2001, p.155), denunciando que “normalmente (...) há um descuido com as observações metodológicas e também com as de caráter prático” (p.155), sendo que devemos estar atentos aos como e para quês dos resultados de nossa pesquisa.

Esta explanação dessa proposição teórica nos leva a adotar uma orientação reflexiva a respeito da questão da metodologia na Comunicação. Aqui, vale lembrar Figaro (2018) que aponta que “há, no âmbito de cada uma das fases da pesquisa, certa ou aparente invisibilidade das decisões, como se os dados se dessem por si e a análise fosse o olhar naturalizado sobre o objeto de pesquisa. Essa invisibilidade é o trabalho” (p. 27). Como já dissemos que denuncia Lopes (2001) e pudemos constatar em nosso estado da arte, nem sempre este processo parece ser plenamente consciente por parte do pesquisador. Bonin (2008) pontua o desafio de tornar consciente o modo de operar com a metodologia, afinal, é este que “configura o objeto e responde também pelo tipo de conhecimento que se produz” (p. 122). A multidimensionalidade dos objetos estudados em nossa área demanda formulações complexas para compreendê-los, diz a autora. Não há dúvidas que nossa preocupação na construção deste aporte teórico recai sobre esta inquietação, que também é nossa. Dentro dessa dimensão, que diz respeito à capacidade reflexiva do pesquisador, não podemos deixar de pensar no papel dos diversos contextos que circunscrevem a atividade acadêmica da produção de conhecimento dentro das ferramentas metodológicas.

Assim, Bonin (2008) lembra que, ao operarmos com a metodologia no fazer científico, essa deve acontecer de forma consciente, pontuando que este é o desafio epistemológico do pesquisador. A autora comenta que “cada operação investigativa deve ser submetida à reflexão e interrogação, nos seus detalhes mais ínfimos. A metodologia, no concreto da pesquisa, pode ser vista como construção pensada, refletida dos objetos” (p.123). Essas colocações nos parecem de grande importância para pensar na especificidade de nosso problema levantado nessa dissertação: a face observacional das metodologias de pesquisa em comunicação. Na etapa que segue, falaremos especificamente da questão que concerne às abordagens empíricas

em nossa área, os desafios que ela impõe à construção científica e as atuais demandas que engendra.

2.2. Pesquisa observacional

Aqui, trataremos de produzir uma discussão com base em autoras que dedicaram textos a explorar essa questão no contexto dos problemas da Comunicação (LOPES, 2001; 2010; BONIN, 2008; FERRARA, 2010; ROSSETI, 2010; JACKS, 2018). No que segue, trataremos da questão da metodologia quanto às técnicas de investigação empírica, passando por discutir os principais conceitos para, então, compreender a dimensão da reflexividade no tocante a este assunto.

Para Lopes (2001), a técnica como a instância da pesquisa “compreende os procedimentos de coleta das informações e das transformações destas em dados pertinentes à problemática geral” (p.128). A autora postula que, na perspectiva da técnica, não se toma os fatos como realidade absoluta, mas estes são tensionados enquanto dados no seu lugar teórico. Nesta instância, três etapas marcam o processo de construção do objeto científico: a observação, a seleção e a operacionalização. Nesta parte do trabalho, daremos atenção à primeira, que é objeto de discussão neste subcapítulo. Nela, Lopes (2001) esclarece que as informações captadas pelo observador se tornam dados na medida em que são operadas pelas técnicas de observação. Assim “para constituírem um objeto, os dados devem ser pertinentes a determinadas teorias e hipóteses” (p.129). Dessa forma, o movimento de observação não é uma prática que acaba em si mesma, mas está subordinada às lentes teóricas previamente escolhidas, caracterizando um conjunto de preceitos epistemológicos na realização de uma pesquisa.

A autora aborda as metodologias observacionais nas chamadas “pesquisas de campo”, que considera “o elemento fundante da pesquisa empírica” (p.41). Lopes (2010, p.29) critica e lamenta aquilo que coloca como um descaso com a dimensão epistemológica por parte dos pesquisadores de comunicação que, segundo a autora, produzem estudos empíricos sem a devida vigilância crítica, pontuando que este fenômeno deve ser

fruto da deficiente formação em pesquisa e da herança de uma razão instrumentalizada de ciência, possivelmente a mesma que identifica a Comunicação como ciência social ‘aplicada’ na classificação institucional em que seus estudos são rubricados.

Passamos, então, a construir nosso raciocínio a partir desta crítica e, buscaremos, agora, desenvolver uma compreensão a respeito deste aspecto.

Rosseti (2010) coloca que “o empirismo é uma teoria epistemológica que afirma que o conhecimento deriva da experiência, particularmente, da experiência dos sentidos, e é validado por ela” (p.73). Assim, a dimensão empírica da pesquisa está relacionada à experiência do pesquisador com seu objeto de estudo. A autora salienta que “o empirismo moderno, como diretriz epistemológica, faz apelo à experiência como critério de obtenção de conhecimento verdadeiro possui alguns traços:

- a) Todo conhecimento advém da experiência, não há conhecimento inato;
- b) A evidência sensível é fundamentada para identificação do que é real;
- c) Acentuação da importância do *fato*, ou seja, da realidade *atual*, dos *dados*, das *condições* que tornam possível a verificação da verdade das coisas reais;
- d) A busca de uma base empírica para as ideias que compõem as teorias” (p.73).

Percebemos, assim, que a produção do objeto científico, na dimensão empírica das pesquisas no contexto em que estamos estudando, está diretamente ligada à leitura e operação do pesquisador a respeito da realidade experienciada. Neste sentido, vale pensar na natureza do processo científico que objetiva “categorizar e hierarquizar as manifestações do mundo” (FERRARA, 2010, p.52). Ferrara (2010) pontua que, neste movimento da ciência de classificar o mundo e transformá-lo em matéria compreensível e operável, se dá a nomeação, que reduz os fenômenos a conceitos cognoscíveis capazes de classificar ou distinguir as categorias entre si. “Se o conceito corresponde àquela necessidade disciplinadora do mundo, seu nome deve corresponder a um registro causal das manifestações do mundo, de modo que acreditamos conhecer pelos nomes que atribuímos às coisas que queremos conhecer” (p.53). A autora evoca Pierce para constatar que o ato abduutivo acontece num lampejo. O *insight* que faz conectar fenômenos conceitos e metáforas (ou em forma de metáforas) uma primeira vez, configura uma dimensão da produção conceitual no âmbito da pesquisa empírica que deve ser salientada aqui. Se “a arte de nomear supõe uma atividade que nos faz enfrentar a imponderabilidades do objeto” (FERRARA, 2010, p.54), o desafio empírico seria a constante vigilância para não alocar os fenômenos em caixas já existentes, mas proceder ao que Maffesoli (2005) se refere como olhar novo, “que não se embaraça em ideias preconcebidas ou preconceitos normativos” (*apud* FERRARA, 2010, p.54), mas se constrói paulatinamente apoiado na indução empírica e, com dificuldade, trabalha até a produção de uma figura significante.

Por outro lado, Rosseti (2010) faz uso do conceito de empirismo ingênuo (LOPES, 2001) para denunciar um certo esvaziamento do processo observacional. Ela diz que “o empirismo ingênuo parte do pressuposto de que é possível a observação direta e imediata da

realidade” (p. 75). A autora defende, no entanto, que tal observação não seria possível sem uma certa estrutura epistemológica, cujo papel de construção é da teoria. Essa questão está diretamente ligada à crítica da ideia de que a realidade observada é em si mesma e apenas carece ser descrita. A verdadeira construção de um objeto científico passaria, portanto, pelo aporte construtor da teoria que empresta sua perspectiva para a observação.

Sendo assim, a observação estaria condicionada à capacidade dos pesquisadores em articular a perspectiva de mundo que se condensa em sua experiência com a base epistemológica escolhida. Mais que isso, passamos a atentar para a constituição moral, social e psicológica do pesquisador como um fator condicionante em sua atuação, afinal, ele não é um instrumento neutro de coleta de dados, mas sim, “um ator envolvido no fenômeno” (GIL, 2008 *apud* ROSSETI, 2010). O desafio da pesquisa empírica seria, portanto, o rompimento com uma ideiação de um real empírico tal como postula o positivismo e, ao mesmo tempo, não cair na ingenuidade de que apenas o olhar e as digressões dos pesquisadores são suficientes para a produção de um estudo científico que articula as subjetividades dos investigadores e dos sujeitos pesquisados.

É a partir desta noção que passamos a falar sobre reflexividade enquanto processo consciente por parte do operador da ciência sobre seus processos e escolhas a respeito das operações metodológicas que empreende. Para Lopes (2010), “a reflexividade tem sido, desde sempre entendida como crítica da ciência, ciência da ciência ou metadiscurso científico” (p.29). Ao discutir sobre a arqueologia do conceito, a autora situa o conceito de reflexividade como tendo sua origem no cogito de Descartes, ou seja, “o papel da consciência pensar-se a si mesma” (p.30). É, portanto, uma perspectiva da razão desvinculada ou superior ao fenômeno da experiência ou da corporalidade.

Nesse sentido, o conceito reflexividade se aproxima e vira quase que um sinônimo da razão. Historicamente, o conceito avança no racionalismo de Kant, Husserl e Hegel, ainda aplicando a conceituação cartesiana. No século XX, a psicanálise de Wittgenstein e certas correntes da fenomenologia quiseram atualizar o conceito, mas Lopes (2010) pontua que Husserl, mesmo adicionando questões relacionadas à vivência e experiência na problematização da reflexão enquanto conceito, acabou por produzir em uma

aguda separação entre sujeito e objeto com o primeiro tendo que se converter absoluta e claramente no segundo para que a reflexão pudesse ter lugar. É assim que esse conceito foi relegado à poderosa tradição fenomenológica contemporânea de Heidegger e Sartre (p.31).

Embora haja importantes caminhadas na evolução do conceito com Schutz e Mead, a autora aponta que será com Giddens e com Beck “que o conceito dará passos importantes para

superar as limitações” (p.31) do racionalismo. Os autores apontam a modernidade como o tempo em que a reflexividade é instituída no modo de viver. Lopes (2010), fazendo uma leitura dessa trajetória do conceito, comenta que é necessária uma perspectiva da reflexividade que reserve à racionalidade seu lugar epistêmico, mas que avance em relação aos desafios contemporâneos.

Assim, a autora sugere a existência de uma “reflexividade prática”, compartilhada nos ambientes sociais e em maior parte das ações da vida. Também existiria uma “reflexividade epistêmica”, exclusiva de operações especializadas. Para a autora, dois atos do exercício da reflexividade são importantes de serem levados em consideração. O primeiro é o da ruptura epistemológica, que diz respeito à negação da obviedade do objeto de estudo quanto à sua constituição, que é opaca e não se deixa apreender facilmente, carecendo de trabalho intelectual e conceitual para ser apreendido pelo trabalho científico. O outro, diz respeito à noção de construção do objeto científico, que é entender que ele não é coisa dada, mas é construído pelo processo integral de uma pesquisa científica (LOPES, 2010).

É este ponto que nos permite retornar a questão das técnicas observacionais nas pesquisas empíricas. O pesquisador é, portanto, a ferramenta mais complexa e determinante neste processo, pois é das suas escolhas que se constituirá o resultado da observação. Não é à toa que autores consagrados no campo da Comunicação (GALINDO; 1996 *apud* LOPES, 2010; 2001; FÍGARO; BRIGNOL, 2018;) tratem com ênfase da questão da formação do pesquisador enquanto etapa mais importante do constructo da pesquisa científica empírica em nosso campo. A partir da perspectiva que constroem, percebemos que a “herança ferramentalista”¹³ faz perder de vista a complexidade da aplicação técnica em pesquisa social. Nesse sentido, Lopes (2010) propõe uma crítica importante de retomarmos nessa etapa, que é a que diz respeito à falsa neutralidade das técnicas de pesquisa: embora as técnicas não sejam, em si, representantes ou expressões de teorias, elas representam, na concepção de Bourdieu, “teorias em ato”, como já dito. A autora pontua que, “quanto menos consciente for a teoria implícita em determinada prática [...] maiores são as possibilidades de ela ser mal controlada, portanto, mal ajustada ao objeto em sua especificidade” (p.42). Portanto, mais que ferramentas a serem utilizadas, as técnicas estão subordinadas ao contexto epistemológica ao qual são aplicadas.

Bonin (2008) também aborda a questão da reflexividade falando do tensionamento entre a complexidade e dinâmica do objeto da Comunicação em oposição à nomeação teórica, que tipifica as categorias e os aspectos e nem sempre dá conta dos movimentos que esse objeto

¹³ Lopes (2010) chama de herança ferramentalista a dimensão do pensamento positivista que circunscreve a prática da ciência nas Ciências Humanas e Sociais.

exige. Ao tratar das metodologias, a autora pontua a “necessidade de que sua construção e utilização seja norteadas pela restituição da reflexão metódica sobre as condições e os limites de sua validade em termos de adequação ao objeto de investigação” (BONIN, 2008, p. 125) e finaliza colocando que essa reflexão é a única forma de “fecundar a reinvenção criadora” (idem). Assim, surge a perspectiva de que o fazer metodológico precisa dar conta de capturar diversas dimensões complexas que sua atividade apresenta, enquanto trabalho de pesquisa observacional. Assim, a autora defende uma construção de arranjos metodológicos de múltiplas perspectivas, aportando as necessidades teóricas, mas sem abandonar a complexidade escapadiça da realidade interacional dos processos comunicacionais.

Outro ponto que vale destacar, nesta etapa, é o caráter relacional entre sujeitos investigados e aqueles que se propõem a investigá-los. Lopes (2010) situa o trabalho de campo como formado por “situações de comunicação”, o que define o campo de pesquisa empírica como um lugar de relação, interações, resistência, colaboração, etc.; enfim, uma dinâmica própria de relação entre sujeitos em posições diferentes (pesquisadores e pesquisados) que pressupõe uma relação de negociação singular. Para a Lopes (2010, p.43)

este deveria ser um conhecimento básico, mas não é posto que os processos de comunicação envolvidos no trabalho de campo raramente são referenciados e tomados como objeto de reflexão epistêmica em toda sua complexidade.

A própria autora admite que o fato deste processo ser um lugar de múltiplos pontos de vista entre quem pesquisa e quem é pesquisado, torna estes espaços muito difíceis de descrever e, até mesmo, compreender. Jacks (2018) pontua que “tanto investigador quanto investigado estão implicados em uma relação subjetiva mais densa e o processo de reflexividade envolve os dois” (p. 8) onde se estabelece um processo de intersubjetividade e, portanto, de relação e construção conjunta.

Dessa forma, abordamos a questão da reflexividade como sendo de suma importância para o desenvolvimento crítico de uma compreensão da dimensão metodológica da pesquisa observacional. Dois elementos parecem tensionar esta questão, de acordo com o aporte teórico levantado: o primeiro diz respeito à existência de um “empirismo grosseiro” (LOPES, 2001) e inocente nos estudos da Comunicação, onde se entenderia o observador como um instrumento de pesquisa neutro cuja observação e descrição seria uma representação simbólica fiel dos dados. O segundo trata da desconsideração às multiplicidades relacionais que integram o procedimento de pesquisa observacional, ofuscadas pelo aparato teórico e pela característica organizadora e metódica do fazer científico que fecha as portas para o investigador que quer “ser fiel à improbabilidade constante do objeto e à indispensável interação que, obrigatoriamente, se estabelece entre ele e o pesquisador” (FERRARA, 2010, p.57).

Assim, encontrar o ponto de equilíbrio entre as demandas da produção científica e a natureza complexa do objeto da Comunicação é, talvez, um dos grandes desafios das pesquisas empíricas observacionais na área. Um caminho seria compreender o objeto como o grande balizador das necessidades estratégicas metodológicas de uma pesquisa, como quer Ferrara (2010). O outro consiste em compreender que talvez os manuais de pesquisa qualitativa não deem conta em compreender a complexidade dos fenômenos a serem estudados, como coloca Sifuentes (2018) quando diz que “em uma pesquisa científica, os métodos não são simples ferramentas que podem ser escolhidas aleatoriamente ou, ainda burocraticamente” (p.111). Por fim, nos filiamos a Martino (2010) no propósito de ter consciência de que “estamos sempre tratando de processos comunicacionais através de outros processos comunicacionais ou através de algo que não é o fenômeno tal qual” (p.157), onde “o dado empírico é uma coisa nova e não o processo original” (idem) que advém da capacidade de memória, da vontade e de uma infinita rede de atravessamentos que constrói a fala dos sujeitos investigados e produz o material que se transformará em dado científico.

Tendo contemplado os desafios compreendidos por nós no trabalho de pesquisa empírica de caráter observacional, afunilaremos nossa discussão para a técnica de pesquisa que ganhou destaque neste trabalho pela dimensão da sua manifestação nos estudos levantados em nosso *corpus*, que é a entrevista. No que segue, trataremos da complexidade compreendida nesta técnica, suas possíveis definições e os desafios que ela engendra.

2.3. Entrevista em sua dimensão técnica e metodológica

Passamos, portanto, a discutir a técnica que compreende um processo de interlocução entre pesquisador e pesquisados. Essa discussão é dividida em três partes. Na primeira, tratamos sobre as diferentes definições e tipos de entrevista, construindo um mapa sobre como o escopo teórico levantado trata o tema. Na segunda, exploramos as recomendações práticas para uma boa condução do processo de entrevista, pensando em seu momento anterior, tratando de questões relativas à preparação; e seu momento posterior, discorrendo sobre questões de registro e análise. Por fim, na terceira parte, discutimos os pontos pertinentes ao ato da entrevista no momento em que acontece e as questões relativas à reflexividade e da ética, isto é, da consciência necessária a respeito das complexidades engendradas pelos atravessamentos humanos e sociais na situação de entrevista.

2.3.1. Definições e tipos de entrevista

Fazer entrevistas significa ser o próprio pesquisador o instrumento de investigação (McCRACKEN, 1988). A partir dessa colocação, parafraseada do autor, passamos a discorrer sobre o primeiro ponto de atenção que julgamos imprescindível discutir nessa etapa do trabalho no que se refere à entrevista: a coleta de dados acontece em uma situação de relação entre duas pessoas, possivelmente estranhas uma à outra, engendrando um encontro entre diferentes experiências, visões de mundo, perspectivas ideológicas, etc. Analisar a perspectiva do outro é um problema complexo a ser enfrentado, mas, “o foco da pesquisa com entrevistas está (na sua maioria) na experiência individual do participante, que é considerada relevante para se entender a experiência das pessoas em uma situação semelhante” (FLICK, 2009, p. 107) e, portanto, cabe estabelecer meios para melhor proceder a este empreendimento. Grande parte da literatura levantada para abordar o tema abarca autores provenientes da psicologia social, da sociologia, antropologia e comunicação¹⁴. Veremos, primeiro, que perspectivas emergem no sentido de definir o que é a entrevista e quais são suas variações.

Como já colocamos, a situação de entrevista se trata de uma relação. Por ser diferente daquelas que acontecem no cotidiano, essa carece de um olhar epistemológico para sua construção. A respeito disso, Thompson (1992) estabelece limites para a entrevista, explicando que ela

é uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias cuja violação pode destruí-la. Fundamentalmente, espera-se que o entrevistador demonstre interesse pelo informante, permitindo-lhe falar o que tem a dizer sem interrupções constantes e que, se necessário, proporcione ao mesmo tempo alguma orientação sobre o que discorrer. Por baixo disso tudo, está a ideia de cooperação, confiança e respeito mútuos (p.271).

Bauer e Gaskell (2014, p.74) também desenvolvem a ideia da relação entre pesquisadores e pesquisados apontando que

tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento. Quando nós lidamos com sentidos e sentimentos sobre o mundo e sobre os acontecimentos, existem diferentes realidades possíveis, dependendo da situação e da natureza da interação.

Nesse sentido, ao conceituar entrevista, Richardson (2012, p.208, *grifo nosso*) diz que

o termo entrevista é construído a partir de duas palavras, entre e vista. Vista refere-se ao ato de ver, ter preocupação de algo. Entre indica a relação de lugar ou estado no espaço que separa duas pessoas ou coisas. Portanto, o termo entrevista refere-se ao *ato de perceber* realizado entre duas pessoas.

¹⁴ Richardson; Da Matta; Angrosino; McCracken; Emerson, Fretz e Shaw; Hine, Fragoso, Recuero e Amaral, Gastaldo e Vilela

Por esse ângulo, McCracken (1988) pontua que, durante a entrevista, “é necessário escutar não somente com a mais precisa habilidade cognitiva, mas também com toda a experiência e imaginação do investigador”¹⁵ (p.19, *tradução nossa*). Deste modo, a entrevista é uma tarefa comum, uma partilha e uma negociação de realidade. Emerge, pelas recomendações feitas nos textos referenciados, o caráter de confiança e respeito ao qual o processo de entrevista está condicionado em sua boa prática. Assim, ao analisar a produção de conhecimento a partir de uma entrevista, Bauer e Gaskell (1999) afirmam que o sistema social mínimo implicado no processo é uma tríade dialógica: dois sujeitos discutem um objeto em função de um projeto. Essa triangulação seria, para os autores, a unidade básica no processo de produção de sentido, no que diz respeito à situação de entrevista enquanto técnica de pesquisa. Dizem eles que “sentido não é uma tarefa individual ou privada, mas é sempre influenciado pelo ‘outro’, concreto ou imaginado” (p.74), sendo que o momento de produção de dados que caracteriza a entrevista é uma articulação relacional, produto do encontro entre as subjetividades de pesquisador e sujeitos entrevistados em um período determinado e restrito de tempo.

Passamos a entender, portanto, a entrevista como um espaço relacional, de construção conjunta entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado, onde os atravessamentos de ambos constituem os dados que serão utilizados para a produção do objeto científico de investigação. Esse espaço, portanto, é compreendido por nós como um amálgama entre a experiência que constitui ambas partes do processo de entrevista e os modos pelos quais essa relação acontece.

A complexidade desse caso, sintetizada enquanto técnica de investigação, pode ser demonstrada no esforço de tipificação dos diferentes modos de se fazer entrevista que emerge de nosso arcabouço teórico. Em síntese, não há convenção e, diversos autores, expressam diferentes perspectivas e propostas para a realização de entrevistas. Para dar início ao processo de compreensão dos aspectos constitutivos da técnica em questão, reproduzimos a colocação de Richardson (2012), que propõe dois eixos: O primeiro, diz respeito ao “grau de liberdade permitida pela técnica, tanto para o pesquisador quanto para o entrevistado, em relação à formulação de respostas às perguntas” (p.209); e o segundo, ao “nível de aprofundamento que se deseja nas informações obtidas” (idem), onde se vai de questões mais acessíveis, como os fatos, até chegar a um nível subjetivo, uma fusão de memória, percepções e sensações. Thompson (1992, p.258) pontua que as entrevistas mais fluídas são utilizadas

¹⁵ Do original: *It is necessary to listen not only with the tidiest and most precise of one's cognitive abilities, but also with the whole of one's experience and imagination.*

quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou a evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro ‘subjeto’ de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes,

enquanto as mais objetivas se referem à checagem de informações factuais. Richardson (2012) denomina este aspecto de “polos de entrevistas” e apresenta três eixos que julgamos pertinente retomar: entrevista dirigida, entrevista guiada e entrevista não diretiva.

O primeiro, da entrevista dirigida, busca fazer perguntas “precisas, pré-formuladas e com uma ordem preestabelecida” (RICHARDSON, 2012, p.210). Tem maior liberdade do que o questionário, mas organiza em uma ordem específica as respostas dos entrevistados. Thompson (1992) também trata desse tipo de entrevista e coloca que o seu procedimento “aponta na direção de um espelho de incompreensão” (p.258), isto é, depende da sensibilidade para não deixar passar ou tolher informações relevantes ao estudo em prol de um planejamento feito *a priori*.

O segundo, da entrevista guiada, pressupõe um “guia de temas a ser explorado durante o transcurso da entrevista” (RICHARDSON, 2012, p.210), onde as perguntas são formuladas no próprio processo de entrevistar. É utilizada, segundo o autor, “para descobrir que aspectos de determinada experiência (um filme, uma campanha social, um programa de televisão, etc.) produzem mudanças nas pessoas expostas a ela” (idem). É necessário, portanto, que o pesquisador conheça os aspectos que quer pesquisar para desenvolver o rol de temas a serem questionados e elaborados durante a entrevista. O autor também atenta a questão de as perguntas permanecerem abertas e nunca dirigidas. Em vez de perguntar “‘O sr. não pensa que...?’ é melhor perguntar ‘O que o Sr. pensa de ...?’” (p.215). Esse ponto é similar ao que Angrosino (2008) denomina de entrevista semiestruturada, que, para o autor, são aquelas “que usam perguntas predeterminadas relacionadas a ‘campos de interesse [...] e segue de perto o tópico escolhido de antemão e apresenta questões destinadas a extrair informação específica sobre aquele tópico” (p.67). Flick (2009) também aponta para um caminho nesse sentido, colocando que grande parte das entrevistas se limita “a um encontro com o participante e que, na maioria dos casos encontramos entrevistas únicas baseadas em um roteiro que inclui os tópicos a serem abordados nessa situação” (p.107). Bauer e Gaskell (2014) fazem referência a este tipo de entrevista pontuando função do tópico guia, que exploraremos mais à frente.

O terceiro polo sugerido por Richardson (2012), o da entrevista não diretiva, “permite aos entrevistados desenvolver suas opiniões e informações da maneira que ele estiver conveniente. O entrevistador desempenha apenas funções de orientação” (p.210). É uma técnica potente para “detectar atitudes, motivações e opiniões dos entrevistados” (p.212). Num sentido

muito próximo, Angrosino (2008), ao se referir à entrevista etnográfica, diz que esta é de natureza aberta e traz à tona o seu caráter aberto e fluído, e a sua dimensão profunda dizendo que “a entrevista etnográfica também é feita *em profundidade*. Ela não é uma mera versão oral de um questionário. Ao contrário, seu objetivo é sondar significados, explorar nuances, capturar as áreas obscuras [...]” (p. 62, *grifo do autor*). Bauer e Gaskell (2014, p.75) pontuam que

Fundamentalmente, em uma entrevista em profundidade bem-feita, a cosmovisão pessoal do entrevistado é explorada em detalhe. Embora tais pontos de vista pessoais refletem os resíduos ou memórias de conversações passadas, o entrevistado possui o papel central no palco

Vilela (2006) também fazem uma distinção entre os tipos de entrevista. De um lado, a autora coloca as entrevistas estruturadas e semiestruturadas que “implicam a irrupção do investigador com seus próprios termos e categorias no discurso do outro. Ambos tipos de entrevista buscam uma informação específica de acordo a uma hierarquia temática definida pelo pesquisador” (p.48). Do outro lado estão as entrevistas etnográfica e em profundidade que, segundo a autora, supõem “captar a experiência do entrevistado em seus próprios termos, aceder às significações que para ele têm os acontecimentos aos que refere na entrevista, reduzindo ao mínimo possível a intervenção do pesquisador. Em outras palavras, o essencial é compreender desde o ponto de vista do outro” (p.48).

Sobre este tema, Richardson (2012) se preocupa em tipificar as entrevistas que chama de história oral e história de vida. Para ele, a história oral é “um campo de estudo dedicado à reconstrução do passado pelas experiências daqueles que o viveram” (p.66). Ao explicar sua definição de história de vida, o autor comenta que, “em vez de tentar a reconstrução combinada de um evento específico, como na história oral, a história de vida procura ver o passado através do específico microcosmo da vida de um indivíduo” (p.66) sendo que este passa a ser representativo do todo social onde vive. Uwe Flick (2009) também discorre sobre uma abordagem similar, dando o nome de entrevistas narrativas e diz que “significa pedir aos entrevistados que contêm uma história em lugar de responderem a perguntas (p. 107).

Duarte e Barros (2006) tratam da entrevista em profundidade colocando que esta é “uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvidos” (p. 64). A nomenclatura “semiestruturada” e “não-estruturada”, por parte dos autores, diz respeito à forma de construção das questões. As nomenclaturas “aberta” e “semiaberta” dizem respeito à forma da entrevista. Percebemos, portanto, que, o nome que alguns autores utilizam para denominar a sua entrevista, é utilizado

por Duarte e Barros (2006) como diferentes modos dentro da abordagem em profundidade. Eles ilustram essa organização tipológica no seguinte quadro:

Quadro 1: Modelo de tipologia em entrevista

Pesquisa	Questões	Entrevista	Modelo	Abordagem	Respostas
Qualitativa	Não-estruturadas	Aberta	Questão central	Em profundidade	Indeterminadas
	Semiestruturadas	Semiaberta	Roteiro		
Quantitativa	Estruturadas	Fechada	Questionário	Linear	Previstas

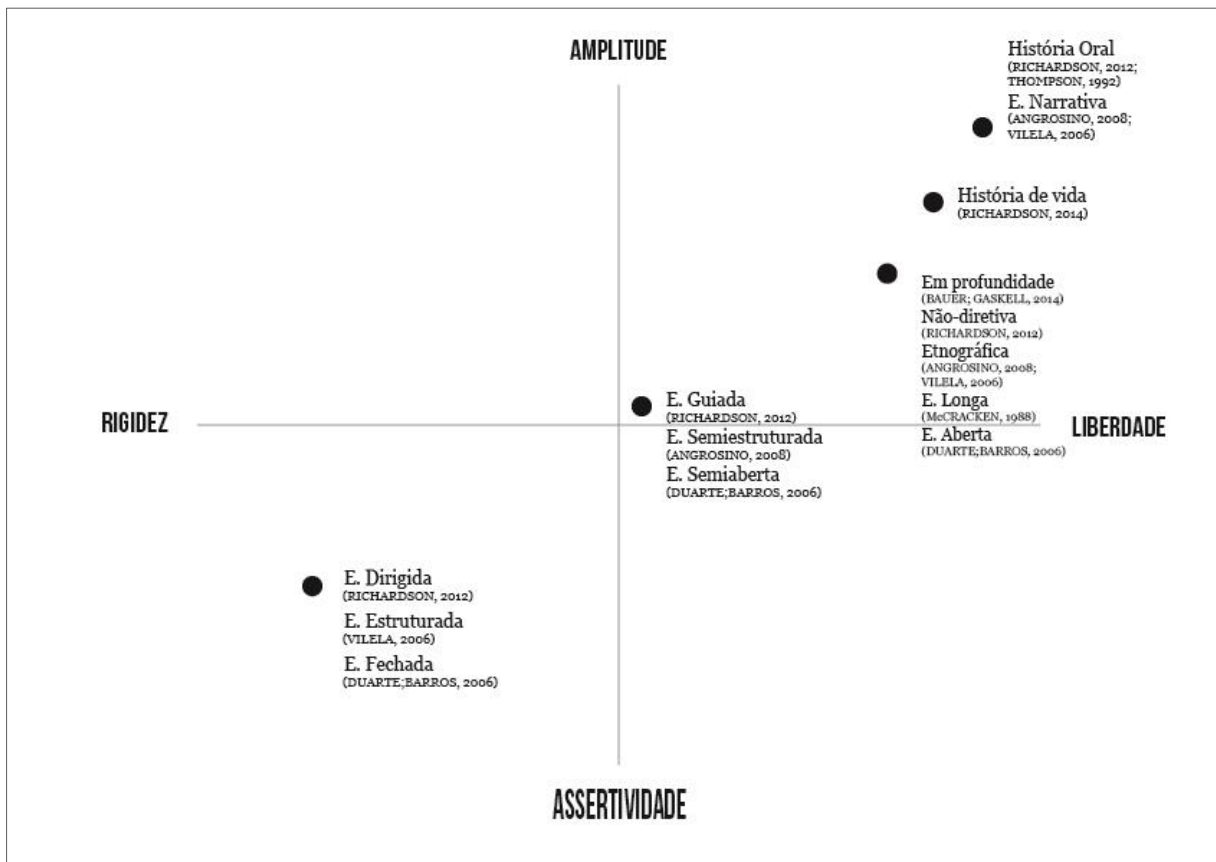
Fonte: Duarte e Barros (2006), p. 65

A fim de ilustrar este panorama, construímos um diagrama, inspirados nas colocações de Richardson (2012) e incluindo toda a contribuição de outros autores. Chegamos a um resultado que, acreditamos, ajuda a pensar a entrevista como técnica de pesquisa situada em uma dimensão que compreende dois eixos:

O primeiro eixo, que é vertical, diz respeito ao nível de profundidade da investigação, ou seja, o quanto ela pretende compreender um contexto, levar em considerações questões adjacentes à pergunta central e o quanto ela pretende ser objetiva. Em última análise, esse eixo diz respeito à construção do instrumento de entrevista, seja ele um roteiro, tópico-guia etc. De um lado, chamamos de assertividade o polo que denota uma entrevista que investiga um problema sem abrir espaço para que os entrevistados elaborem sobre o contexto ou sobre coisas que não estão diretamente relacionadas ao problema pesquisado. Do outro lado, o polo amplitude caracteriza uma completa liberdade para que assuntos paralelos sejam elaborados pelos entrevistados em situação de entrevista, entendendo que captar os aspectos que, na perspectiva dos entrevistados circunscrevem os temas também faz parte da abordagem.

O eixo horizontal diz respeito ao grau de rigidez na formulação de questões do entrevistador, ou seja, diz respeito à postura do pesquisador durante a situação de entrevista. Em um extremo, o termo “rigidez” denota uma entrevista cujas perguntas estão previamente elaboradas em uma ordem fixa, e não há espaço para imprevisto de quem aplica o método. Na outra ponta, o termo “liberdade” diz respeito às entrevistas que seguem pouco ou nenhum guia para proceder às perguntas, além do conhecimento dos próprios pesquisadores.

Figura 1: Tipificação da entrevista



Fonte: elaborado pelo autor, inspirado em Richardson (2012)

Temos, então, um panorama sobre os tipos de entrevista existentes e sua relação em uma perspectiva comparativa. Podemos perceber que há técnicas de abordagem que se pode considerar muito similares e que levam nomes diferentes, de acordo com cada autor. Percebemos que a variedade de modelos disponíveis elabora uma intrincada trama de definições das entrevistas sob diferentes óticas, sendo que todo autor que se debruça sobre o tema, o expressa com suas particularidades. Todos estes pontos parecem enriquecer o universo de possibilidades da entrevista que, enfim, se expressa como uma técnica de difícil apreensão no sentido cartesiano, pois, sua parametrização é particular para cada pesquisa, sendo que o denominador comum desta trama está relacionado com as formas de enxergar os sujeitos, o olhar e as lentes que se utiliza para compreendê-lo e, também, a capacidade social de abordar e dominar as palavras a fim de fazer emergir, da fala dos indivíduos, aquilo que se pretende compreender a partir dos encontros. Outro aspecto que notamos é o fato da similaridade de nomes pode articular uma complexidade e confusão, tornando difícil a solidificação do conhecimento a respeito dos diferentes tipos de entrevista que um pesquisador pode escolher ao longo do seu trajeto. Esse modelo, portanto, não busca reduzir à simplicidade os problemas

que são complexos por si, mas encontrar aproximações operacionáveis para contribuir com a compreensão do tema pela área.

Se proceder à tipificação da entrevista implica em importante desafio de nosso trabalho, compreender suas formas de execução, as recomendações, os modelos e os cuidados que os autores postulam é parte essencial para a construção que propomos. Na próxima sessão, discorreremos sobre os aspectos práticos da entrevista enquanto método científico, seus modos de procedimento, os cuidados necessários e as principais dificuldades que a técnica impõe em sua realização, visando lançar luz sob esta prática.

2.3.2. Antes e depois da entrevista

As etapas que antecedem o processo de entrevista são cruciais para a boa realização desta técnica. Discutiremos, aqui, as etapas anteriores e posteriores desta técnica começando com a importância da preparação da entrevista e para a entrevista, contemplando uma dimensão de organização do entrevistador para este momento que impõe desafios importantes; também, vale pontuar nosso entendimento de que o procedimento das questões práticas terão influência direta na qualidade dos dados obtidos, e, portanto, este é um aspecto de enfrentamento necessário.

O primeiro ponto que levantamos é a respeito do acesso às unidades de pesquisa. O processo de definição do número de informantes, dos seus perfis e como acessá-los exige rigor aos preceitos epistemológicos do trabalho (McCRACKEN, 1988). Destarte, é comum a dúvida a respeito de qual seria um número adequado de entrevistados em uma abordagem com entrevistas. Para essa pergunta, Bauer e Gaskell (2014) respondem com uma outra pergunta: “qual o tamanho que tem uma corda?” (p.70), sinalizando que não pode existir um número fixo para o levantamento de informantes e que este aspecto está condicionado a algum outro parâmetro. Angrosino (2008) coloca que, para a pesquisa qualitativa “o tamanho de uma amostra depende das características do grupo que você está estudando, de seus próprios recursos (isto é, suas limitações logísticas de tempo, mobilidade, acesso a equipamento, etc.) e dos objetivos dos seus estudos” (p.68), já desenhando a perspectiva de que essa escolha está ancorada nas características particulares de cada trabalho. Para Bauer e Gaskell (2014), há uma questão central no que diz respeito a saturação dos dados. “É que permanecendo todas as coisas iguais, mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada” (p.70), apontando que se pode alcançar um ponto onde já não se

enriquece mais o material aumentando o número de entrevistas. Dessa forma, um possível número de entrevistados não poderia ser definido sem ter respaldo na particularidade de cada estudo. No entanto, os autores pontuam a limitação material que muitos sujeitos entrevistados imporia aos pesquisadores, salientando que, ao levar em consideração o tratamento dos dados obtidos, é preciso considerar o volume de material para análise gerado por este levantamento e a capacidade de analisar com qualidade tudo que foi registrado. Eles exemplificam ilustrando que

a transcrição de uma entrevista pode ter até 15 páginas; com 20 entrevistas haverá, então, umas 300 páginas no *corpus* [...] há uma perda de informação no relatório escrito e o entrevistador deve ser capaz de trazer à memória o tom emocional do entrevistado e lembrar por que eles fizeram uma pergunta específica (BAUER; GASKELL, p.71).

Assim, atentar ao número de entrevistados escolhidos também diz respeito a saber o quanto se pode desenvolver com qualidade a análise de cada entrevista. Sobre este aspecto, McCracken (1988) também estabelece um número de informantes para a entrevista, dizendo que eles não são amostragem, fazendo um paralelo com pesquisas quantitativas, e, portanto, não deveriam seguir uma relação estatística. No entanto, o autor recomenda que se faça mais de oito entrevistas para um trabalho de qualidade. Sobre o número, ainda os autores Bauer e Gaskell (2014), apesar de sugerirem que não se pode determinar uma quantidade específica de informantes, propõem um limite de pessoas que um pesquisador consegue, sozinho, investigar em situação de entrevista, que deve ser entre 15 e 25 indivíduos, mas que, obviamente, cada pesquisador tem seu limite em particular. Richardson (2012), por sua vez, pontua que cada entrevista do tipo “em profundidade” apresenta um material muito rico e que o pesquisador deve estar preparado para muito tempo de trabalho e, assim, recomenda que não se faça mais do que 20 entrevistas desse tipo. Duarte e Barros (2006) não apresentam um número de entrevista ideal, mas comentam que, em estudos qualitativos “são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, a muitas, sem relevo” (p.68). Além disso, o pesquisador poderia optar por realizar mais de um encontro com cada informante, em entrevistas sucessivas, situação que pode ser considerada de acordo com o objetivo de cada trabalho e que implica diretamente no volume de dados gerados e na capacidade material e disponibilidade de tempo do pesquisador. Por fim, os autores também pontuam a importância de as fontes serem suficientes “o que torna normais, durante a pesquisa de campo, novas indicações de pessoas que possam contribuir com o trabalho e, portanto, ser acrescentadas à lista de entrevistados” (p.69).

Outro ponto que nos interessa, nessa etapa, é o que diz respeito ao procedimento de escolha dos entrevistados. A seleção do perfil de participantes para avaliação qualitativa demanda um importante esclarecimento dos objetivos e dos caminhos teóricos escolhidos para

cada estudo. Podemos considerar que este processo demanda uma profunda capacidade técnica, constante vigilância epistemológica e um certo grau de criatividade do pesquisador. Bauer e Gaskell (2014) comentam que “aqui, devido ao fato de o número de entrevistados ser necessariamente pequeno, o pesquisador deve usar sua imaginação social científica para montar a seleção de respondentes” (p.70), pontuando o valor do potencial imaginativo e sensível na execução da pesquisa social. A importância dessa escolha é que, da complexidade de constituição dos selecionados para responder à pesquisa é que se obterá os resultados do trabalho desenvolvido. Nesse sentido, Vilela (2006) situa a condição particular de cada sujeito, apontando que eles são conformados pelos discursos que encontraram ao longo de sua trajetória e daqueles que dispõem no momento da entrevista, sendo “um espaço de interdiscurso” (p.52) a partir do qual se constituirá toda a construção do objeto de pesquisa. Por isso, compreender este aspecto para construir o rol de participantes dentro das limitações materiais e de tempo impostas por cada trabalho é uma tarefa que exige grande vigilância, e figura com grande relevância do processo no uso da entrevista como técnica. Por fim, vale colocar que Duarte e Barros (2006) apontam que a seleção de sujeitos pesquisados nas pesquisas qualitativas “tende a ser não probabilística, ou seja, a sua definição depende do julgamento do pesquisador e não de sorteio a partir do universo” (p.69), sendo dividido em dois tipos: a seleção por conveniência, que é quando as fontes têm proximidade e fácil disponibilidade por parte do pesquisador; e a seleção intencional, quando o autor avalia a representatividade subjetiva de determinado informante.

A seleção dos entrevistados culmina na etapa de efetiva abordagem dos sujeitos para a entrevista, tradicionalmente conhecida como recrutamento. Embora nenhum dos autores consultados recomendem modos para essa abordagem, podemos pontuar como premissa de que os sujeitos entrevistados procedem a um pré-julgamento dos entrevistadores de acordo com sua instituição, o mote do seu projeto, sua aparência e suas formas de abordagem (McCRACKEN, 1988). A importância de se estar ciente destes aspectos seria, na visão de McCracken (1988 *apud* BRIGGS, 1986; WILLIAMS, 1964) porque eles “podem influenciar dramaticamente se e como os sujeitos responderão às perguntas”¹⁶ (p.26).

Outra questão que diz respeito aos preparativos é a construção do roteiro de entrevista¹⁷, que é a ferramenta de pesquisa onde podem estar contidas as perguntas que se deseja fazer a

¹⁶ Do original: *can dramatically influence whether and how the respondent responds to the questions they are asked.*

¹⁷ Neste trabalho, utilizamos a nomenclatura *roteiro de entrevista* em detrimento a outras opções, como *tópico guia* (BAUER; GASKELL, 2014) e *guia* (RICHARDSON, 2012)

um entrevistado, ou os assuntos que se deseja abordar e, também, as notas que se pretende registrar para que nada passe em branco, etc. Embora cada tipificação de pesquisa apresente uma recomendação específica de cada autor proponente, algumas questões merecem destaque pela sua proeminência nas bibliografias consultadas.

O primeiro ponto que queremos destacar é que não se discute o grau de obrigatoriedade do uso de roteiro no arcabouço teórico que levantamos. Embora haja, nas leituras, uma recomendação técnica em favor do bom andamento da pesquisa a partir de um processo de reflexão e planejamento presente na construção do roteiro, não há colocações que explicitem quando ou não usar roteiros e guias por parte dos autores aqui colocados em articulação, exceto o caso de Thompson (1992) que comenta que o uso de roteiro pode ser dispensável para um projeto solo onde o pesquisador tem clareza de sua fluência sobre o assunto e possui segurança sobre os objetivos de sua pesquisa, mas que,

para um trabalho em equipe, porém, ou para um projeto comparativo de qualquer dimensão, é conveniente haver um roteiro de entrevista mais completo [...] um roteiro desse tipo pode ser vantajoso, desde que seja utilizado com flexibilidade e imaginação; pois, em princípio, quanto mais claro estiver para você o que vale a pena perguntar e qual a melhor maneira de perguntar, mais você conseguirá obter de qualquer tipo de informante (p.263).

Além disso, o mesmo autor salienta a necessidade de roteiro em função dos diferentes informantes: com aqueles mais tímidos, o roteiro ajuda na estimulação e pode ser usado com mais veemência; já, com os falantes, o roteiro deve ser entendido de forma fluída como um direcionador da conversa (p.263).

A respeito dos primeiros e mais básicos passos para a produção de um roteiro ou guia, Bauer e Gaskell (2014) atestam que o planejamento se dá em função de atender os objetivos e fins aos quais se propõe a pesquisa. A sua construção, segundo os autores (p.67),

se fundamenta na combinação de uma leitura crítica da literatura apropriada, um reconhecimento do campo (que poderá incluir observações e/ou algumas conversações preliminares com pessoas relevantes), discussões com colegas experientes, e algum pensamento criativo.

Os autores comentam que ele serve como um lembrete aos pesquisadores para o acaso de uma eventual falta de memória sobre quais perguntas fazer e também uma forma de fazer o monitoramento do tempo de cada entrevista. Serve, também, segundo os autores, como um guia para lembrar sobre a linguagem simples que deve ser usada, adaptada à realidade dos entrevistados. Angrosino (2008) e Thompson (1992) também abordam a preparação pré entrevista para a construção de um roteiro defendendo que, quanto mais informação se tem antes de uma entrevista, mais ricas serão as informações obtidas neste processo.

A construção de um roteiro pode ter abrangência variada, podendo ser similar a um questionário em entrevistas mais estruturadas, contendo todas as perguntas; ou sendo um guia

organizado em tópicos de assuntos a serem tratados, nos tipos de entrevista mais abertas. Angrosino (2008) diz que o pesquisador deve rever tudo que já sabe sobre o tema e não os engessar em uma lista, mas construir um roteiro contendo os principais assuntos a serem investigados. McCracken (1988), defende um formato de roteiro onde estímulos específicos sobre o tema central da pesquisa estariam junto a perguntas muito abrangentes, estimulando participantes a falar abertamente sobre temas do cotidiano, mas com espaço para pontuar os assuntos específicos a serem averiguados com mais profundidade. Bauer e Gaskell (2014), assim como, Richardson (2012), defendem modelos baseados em tópicos de assuntos, organizados na ordem que o entrevistador julgar mais pertinente para a construção de sua entrevista.

Assim, para Bauer e Gaskell (2014), o roteiro não pode escravizar o entrevistador, e, sim, servir como guia para o desenvolvimento da pesquisa, sendo que aquele que conduz a entrevista deve usar sua experiência e atenção para perceber temas importantes que podem não ter sido pensados *a priori* mas que podem aparecer no momento de conversa com os informantes. Esse movimento, além de enriquecer os dados de pesquisa, também pode motivar alterações no roteiro, que não deve ser estanque, e está aberto à exploração de novas hipóteses que surgem nas experiências de campo, segundo os autores. Ao fim do processo, o roteiro, em sua última versão, também poderia ser um guia preliminar para proceder à análise, segundo colocação dos autores supracitados.

Aqui, é importante frisar um aspecto exhaustivamente discutido pelos autores que compõem este arcabouço teórico no que diz respeito a uma possível interferência do pesquisador no momento de formular as perguntas. Eles pontuam a necessidade de cuidado para que a forma de elaborar os questionamentos não direcione uma resposta ou não tenha, embutida, as visões do pesquisador, que apontem uma possível expectativa de resposta ou que apresentem uma terminologia conceitual a questões ainda não referidas pelo entrevistado. A grande preocupação, neste caso, é para que as perguntas sejam o mais abertas possível, a fim de propiciar ao entrevistado que acesse sua memória, suas percepções e suas próprias palavras sem ter um fio condutor enviesado que o conduza a uma determinada linha de raciocínio. Thompson (1992) diz que, ao elaborar perguntas, elas devem ser construídas “cuidadosamente para evitar que sugiram uma resposta” (p.262), como o exemplo: vale mais a pena perguntar ““o que você achava do seu trabalho?”” do que direcionar a resposta colocando ““você sentia prazer no trabalho?”. Richardson (2012) converge em suas colocações ao tratar de entrevista guiada, estabelecendo que os pesquisadores evitem perguntas que indiquem uma direção ao pesquisado, conforme foi descrito na etapa que trata da construção do roteiro. McCracken (1988) também

salienta que “de forma alguma a pergunta pode sugerir os termos da resposta que solicita”¹⁸ (p.34, *tradução nossa*).” Vilela (2006) também faz uma recomendação neste sentido, colocando que “a pergunta será suficientemente precisa como para introduzir o tema, mas o bastante imprecisa como para evitar introduzir termos que, correspondendo às categorias do pesquisador, influenciam a resposta do entrevistado” (p.49), onde o autor sugere o que chama de “*grand-tour questions*” (McCRACKEN, 1988 *apud* SPRADLEY, 1979), que são perguntas que abertas e não diretivas. Estas, para o autor, seriam utilizadas em combinação com estímulos pontuais e objetivos, que permitiriam aprofundar os assuntos na medida que eles espontaneamente aparecem em um processo mais aberto de conversação. Estes exemplos demonstram o cuidado, na formulação do questionário ou guia, de não explicitar intenções de resposta e elaborar os questionamentos sem fornecer termos ou pistas para a resposta, de forma que ela produza falas não direcionadas por parte das entrevistas.

Assim, percebemos que a complexidade da entrevista abrange todas as etapas, desde a sua preparação até o momento de sua realização, se estendendo até o processo analítico. Este procedimento que engendra um contato entre pesquisador e pesquisado é um momento único do qual depende a etapa de coleta de dados em pesquisas que optam pela entrevista como técnica.

Após, então, discutirmos as questões relativas à preparação da entrevista, caberia discorrer sobre os pontos concernentes à sua realização que, pela sua complexidade e importância, serão tratados com ênfase na etapa seguinte. Por ora, vale dizer que é nela que converge todo o esforço produzido na etapa de preparação. É um momento ímpar de interação entre pesquisador e sujeitos pesquisados e o fruto dessa relação produzirá os resultados de pesquisa. Muitos autores tratam da necessidade de estar extremamente atento à fala dos entrevistados e que os entrevistadores precisam estar munidos, mentalmente, da clareza dos seus objetivos, entendendo para além da fala, os aspectos que precisam investigar mais, discutir e aprofundar, sempre atentos a condições, disposição e capacidade de memória dos sujeitos pesquisados, que possuem diferentes formas de colaborar ou não com uma pesquisa. A singularidade desta técnica, portanto, demanda meios de registro para uma análise posterior.

Cabe, ainda, tratar da questão do registro das entrevistas. A tecnologia, ao longo do tempo, mudou a relação dos pesquisadores com as possibilidades de registrar os momentos de coleta de dados. Hoje, com a possibilidade trazida pelo *smartphone*, a maioria dos pesquisadores dispõe de um gravador à mão e, com os recursos da internet, existe a

¹⁸ Do original: *in no instance may a question supply the terms of the answer it solicits.*

possibilidade de guardar os dados fora do ambiente físico. Braga e Gastaldo (2012) discorrem sobre esta questão quando lembram que o gravador foi um fator revolucionário para o registro da entrevista em outros tempos. Citando Queiroz (1991), eles chamam a atenção para o valor da “informação viva”, que é o acesso ao registro dos dados que mais possuem elementos materiais da entrevista em si, como o áudio e o vídeo. É onde se pode rever as variações de prosódia, de gestos, de pausas, hesitações e empolgações. Poder recuperar a fala, momento único, é, mesmo hoje, lembrado pelos autores como um bem precioso, como afirma Angrosino (2008) quando diz que “o gravador de som continua sendo o acessório mais valioso para a condução de entrevistas e as subsequentes recuperação e análise dos dados” (p.69), reforçando a ideia de que o registro também é parte constitutiva no processo de produção de material para a análise de dados.

Neste sentido, também é importante apontar a contribuição de Braga e Gastaldo (2012) que se dedicam a comentar a pesquisa feita por vídeo, à distância. Esse tipo de procedimento teria o principal benefício de obter informações de entrevistados que poderiam não estar em lugares acessíveis ou quando não se tem recurso para a realização de entrevistas presenciais. Em detrimento de outros tipos de abordagem à distância, como o uso de telefone ou e-mail, a entrevista por vídeo possibilita, segundo os autores, o contato mais próximo do que seria o presencial. Além disso, para eles, o vídeo garante o acesso constante do pesquisador não só à fala e as questões de prosódia que podem denotar peculiaridades para análise, mas também ter à disposição os trejeitos, caretas e toda sorte de linguagem corporal que colabora para a construção de sentido naquilo que os sujeitos pesquisados expressam.

Além dos métodos de registro digital de som e/ou imagem, há também quem defenda o uso de anotações. Emerson, Fretz e Schaw (2012) afirmam que “redigir relatos sobre o que aconteceu durante os encontros face a face com outros no campo é uma parte muito importante do fazer da etnografia” (p.383), colocação que deixa o questionamento sobre o momento mais apropriado para proceder à redação das anotações. McCracken (1988), por exemplo, condena o processo de fazer anotações durante o momento de entrevista, alegando que as entrevistas devem ser gravadas. A redação *in loco*, para o autor, causaria “uma distração desnecessária e perigosa¹⁹” (p.41, *tradução nossa*), voltando ao ponto da importância de se ter total atenção aos meandros da fala do entrevistado durante a situação de entrevista.

Além disso, outro ponto crucial, no que diz respeito ao registro da entrevista, é o tipo de interferência que o instrumento de captação vai produzir no sujeito entrevistado. Nem todos

¹⁹ Do original: *an unnecessary and dangerous distraction*.

os autores se dedicam a pensar este problema como Thompson (1992), que se limita a comentar que, embora o gravador possa causar algum desconforto inicial, este é esquecido rapidamente e sua existência deixa de ser percebida pela entrevista. Sobre um possível viés como consequência do uso de um equipamento de gravação ao qual o entrevistado não está habituado, os autores Braga e Gastaldo (2012) defendem a perspectiva de que todo processo de registro, independente do formato, constitui em algum tipo de interferência no ambiente pesquisado, colocando que

ao se obter uma entrevista gravada, seja em meio digital ou magnético, com ou sem imagem, existem os mesmos riscos de *bias*, de condução do entrevistado/a pelo entrevistador/a, bem como as mesmas – inevitáveis – mediações entre a fala gravada e o documento escrito (BRAGA; GASTALDO, 2012, p.8).

Uma vez feita e registrada a entrevista, a recomendação geral é que ela seja transcrita para iniciar o processo de análise. Richardson (2012) discorre sobre este ser um processo “cansativo e tedioso, mas enormemente útil” (p.218), uma vez que permitirá ao pesquisador estudar cada uma das entrevistas feitas e já adiantar partes do processo de análise. McCracken (1988) discorda neste ponto e afirma que a transcrição deve ser feita por profissional de taquigrafia para que o pesquisador não se familiarize em excesso com os dados. O autor pontua a necessidade de estar aberto a se surpreender com os dados, a abordá-los com inocência e curiosidade, coisa que só seria possível sem um contato tão frequente como é o do processo de transcrição. Bauer e Gaskell (2012), por sua vez, apontam que a memória ativada pelo pesquisador ao reler a entrevista que fez é de grande importância, dizendo que “ao ler as transcrições, são lembrados aspectos da entrevista que vão além das palavras e o pesquisador quase que revive a entrevistas” (p. 85). Este reviver do processo seria crucial para análise, segundo os autores, onde o pesquisador entra em contato com as percepções despertadas pela interação com os sujeitos.

Para finalizar esta etapa, resta falar do procedimento de análise de dados qualitativos que, segundo Grant McCracken (1988), seja “talvez o aspecto mais exigente e menos examinado do processo de pesquisa qualitativa²⁰” (p.41). Além disso, o autor coloca que a fase de análise talvez seja a menos previsível, onde muitos problemas não previstos surgirão, demandando soluções específicas para cada um. Vilela (2006) aponta que “a análise começará por identificar as palavras-chave, em torno das quais gera-se uma rede de associações” (p.56), ou seja, a autora recomenda buscar termos dos quais se construirá um campo semântico, construído em relação à ótica do sujeito pesquisado e da situação analisada. McCracken (1988)

²⁰ Do original: *the analysis of qualitative data is perhaps the most demanding and least examined aspect of the qualitative research process.*

também afirma que a função da análise é “determinar categorias, relações e premissas que informam a visão de mundo geral do respondente e sua perspectiva sobre um assunto em particular²¹” (p.42, *tradução nossa*).

Ao falarmos de análise, estamos lidando com um espectro que vai de um polo mais concreto e cartesiano para outro mais sensível. Duarte e Barros (2006) colocam que “analisar implica separar o todo em partes e examinar a natureza, funções e relações de cada uma” (p.78). A perspectiva científica demanda que os resultados sejam concisos e compreensíveis e isso demanda grande esforço de articulação entre essas duas forças que, embora pareçam opostas, devem ser complementares. É o que pontuam Bauer e Gaskell (2014) quando dizem que o objetivo dos manuais de pesquisa, ao descreverem processo de construção de roteiro, condução de entrevista e análise, estão procurando para possíveis vieses ou influências, tentando olhar para entrevista da forma mais próxima a uma suposta realidade. Os autores completam argumentando que “é, às vezes, apropriado voltar à montanha de falas nos materiais da pesquisa, e tratá-los como falas, olhando para interações específicas em suas situações particulares” (p. 271). Eles também comentam sobre o papel da intuição neste processo dizendo que ele não é puramente mecânico, mas “depende de intuições criativas, que podem muito bem ocorrer quando o pesquisador está falando com um amigo ou colega, ou naqueles momentos de reflexão ao dirigir, caminhando ou tomando um banho” (p.86).

Esse caráter dualizado da situação de análise de dados provenientes de entrevistas é colocado por McCracken (1988, pp.42-46) que defende um processo analítico que é, por um lado mecânico e, por outro, não determinado, em proporções praticamente iguais, que passa por cinco estágios:

O primeiro diz respeito ao processo de leitura das transcrições da entrevista, que deve ser feito com um certo “deslumbramento dissimulado”, se recusando a compreender o texto da forma como se faz normalmente. Isso significaria, por exemplo, fingir que as metáforas são proposições literais e compreender as figuras de linguagem enquanto expressão de sentimentos que, embora não ecoem na realidade factual, estão no plano imaginativo dos entrevistados. É olhar para as falas e se perguntar o que elas falam sobre o mundo que o sujeito pesquisado enxerga.

O segundo estágio da análise de McCracken (1988) compreende estender o processo além das perguntas pré-estabelecidas, compreendendo cada entrevista como uma lente, buscando as similaridades, as relações lógicas e também as contradições na relação entre as

²¹ Do original: *to determine the categories, relationships and assumptions that informs the respondent's view of the world in general and in the topic in particular.*

diversas observações. Aqui, todos os modelos levantados nos estágios iniciais da pesquisa ainda devem estar em jogo.

No terceiro estágio, a principal atenção sai das transcrições para iniciar um refinamento voltado às categorias produzidas, onde se começa a dar a ver um grupo de temas e padrões. Neste momento, o pesquisador deve “especular com um contexto melhor organizado e mais exato²²” (p.45, *tradução nossa*). Aqui, as linhas gerais da entrevista e as propriedades dos dados devem estar emergindo.

O quarto estágio é um momento de julgamento, segundo o autor. Nesse momento, as diversas falas expressas nas diversas entrevistas devem se juntar com os diversos comentários escritos pelo pesquisador. Esse “coro” de vozes deve se juntar em temas concisos e, o que antes era multiplicidade, agora deve ser refinado.

Assim, no quinto estágio de análise, acontece uma revisão. Todas as entrevistas devem ser relidas em busca dos temas outrora separados, a ver se estes se relacionam com a análise final. Neste estágio, quem investiga não está mais pensando nas visões de mundo individuais, mas está pensando no “mundo como aparece ao pesquisador na perspectiva analítica especial das ciências sociais²³” (p.46, *tradução nossa*), fruto dos seus atravessamentos e dos aprendizados produzidos pelos encontros com os informantes.

Dessa forma, podemos perceber a complexidade que abrange a etapa analítica, que é o lugar onde os dados se transformam categorias e onde se dá a ver as perspectivas que não podem ser vistas pelo olhar cotidiano naturalizado, cuja missão de quem se dedica à investigação é desvelar. Neste estágio, onde o pesquisador usa a si mesmo como instrumento, é onde se deve concentrar grande atenção aos conceitos previamente formados, aos preconceitos, etc. Enfim, ter clareza dos pontos onde os seus próprios atravessamentos contribuirão para enformar os dados em um fechamento analítico. Esta característica tem um papel tão grande na análise quanto no processo específico de coleta de dados.

Após compreender as etapas anteriores e posteriores da entrevista, resta compreender o momento da entrevista em si, as questões pertinentes para o bom desempenho do encontro entre pesquisador e pesquisado para o melhor andamento da aplicação desta técnica. Direcionamo-nos, portanto ao problema da entrevista enquanto ato, buscando, na visão dos autores levantados, as recomendações e pontos importantes de reflexão para o exercício desta atividade.

²² Do original: *speculate in a better organized and exact context.*

²³ Do original: *the world as it appears to the analyst from the special analytic perspective of the social sciences.*

2.3.3. Entrevista, reflexividade e ética

O procedimento de uma entrevista, como já vimos, é um momento de encontro onde, a partir da interação de entrevistador e entrevistado, se constrói o material que virá a ser objeto de análise a partir do qual serão obtidos os resultados dos estudos. O conjunto de fatores constitutivos deste encontro compreende um rol de possibilidades de grande complexidade, o que abordaremos neste subcapítulo.

Uma vez que se vence a etapa de recrutamento e de construção de um roteiro ou guia, chega o momento de sentar em frente ao sujeito pesquisado – que estará constituído de todas suas ambivalências, memórias e esquecimentos – para proceder ao momento de coleta de informações que contribuirão para a construção do objeto científico. Aqui, discutiremos as proposições dos autores sobre como dar início a este procedimento e o que se deve ter em mente ao realizar uma entrevista como técnica observacional de coleta de dados em pesquisa qualitativa.

Para Richardson (2012), o início da entrevista é muito importante por conta da necessidade de estabelecer uma relação de confiança com o entrevistado. O autor pontua que, neste momento, o entrevistado está num lugar de possível desconfiança, medo ou incerteza a respeito do que está para acontecer. Nem sempre o recrutamento pode ser feito *in loco*, abordando os sujeitos com a oportunidade de se apresentar pessoalmente e já estabelecer uma dinâmica de confiança, deixando margem para as incertezas: alguns processos de recrutamento dependem de meios digitais ou eletrônicos (um contato por telefone, correio eletrônico, etc.) e não há espaço para esclarecer, com todos os pormenores, os detalhes do processo de forma segura. É por isso que Richardson (2012) aponta que, no início de uma entrevista, o pesquisador deve explicar a natureza e os objetivos do trabalho; “assegurar o anonimato do entrevistado e o sigilo das respostas” (p.216); indicar que as perguntas nem sempre serão tão óbvias, podem parecer difíceis ou sem sentido; afirmar que ele está livre para interromper, pedir esclarecimentos; colocar que ele ou ela deve “falar algo da sua formação, experiência” (idem) e interesse; e solicitar autorização para gravar e indicar o porquê deste procedimento.

Sobre o primeiro momento da entrevista, Flick (2009) comenta que, “as perguntas de pesquisa tratam de experiências pessoais e se deve tomar cuidado para que os entrevistados estejam cientes dos limites (temporais e pessoais) da relação com o entrevistador” (p.114). Essa construção inicial busca dar confiança aos sujeitos entrevistados e estabelecer uma relação com alguma solidez para que ele se sinta livre em falar com honestidade. Quanto a este ponto,

Richardson (2012) chama a atenção para que os pesquisadores mantenham uma atitude confiante dizendo que “mesmo em situações delicadas, apontando que isso mostra que você sabe o que está fazendo, de modo que é mais provável que a atmosfera se mantenha relaxada” (p.260). Toda essa preparação do ambiente é importante para que os dados sejam coletados com a maior qualidade possível. É o que comenta Thompson (1992) quando diz que “sem dúvida alguma, quanto mais você demonstrar compreensão e simpatia pelo ponto de vista de alguém, mais você poderá saber sobre ele” (p.272). Assim, temos a perspectiva da importância de criar uma atmosfera segura através da clareza do processo, dos objetivos, do procedimento e da confiança do pesquisador enquanto condutor desta relação em prol da qualidade dos dados obtidos no processo de entrevista.

O próximo passo, que aparece em nosso levantamento, diz respeito à postura do pesquisador enquanto escuta o seu entrevistado, no sentido de que não cabe a ele tecer comentários sobre a fala dos informantes. Na ocasião da entrevista, portanto, não caberia ao pesquisador intervir com seu ponto de vista na fala dos entrevistados. Vilela (2006) comenta que o pesquisador em situação de entrevista terá que “evitar a inserção de avaliações e preconceitos próprios, e ao mesmo tempo gerar proximidade tal que permita o *rapport* pelo qual a entrevista adquira a naturalidade de uma conversação cotidiana” (p.55). O *rapport*, nesse caso, diz respeito à conexão criada no momento da conversa que permite conforto e segurança ao entrevistado para permitir a sua opinião. Nesse aspecto, a intervenção do pesquisador seria estratégica, apenas o suficiente para garantir ao entrevistado o seu interesse na escuta e dar a ele tranquilidade para falar conforme suas percepções. McCracken (1988) relata que “o que se espera do investigador na estrutura de pesquisa é que ele escute com grande atenção” (p.39). O autor ainda comenta que a maioria dos pesquisadores entrevistadores relatam o processo como sendo extraordinariamente desgastante e cansativo, mas deve se pontuar que este esforço é parte constitutiva do trabalho de entrevista.

Em seguida, cabe pensar nos modos de proceder às perguntas. Assim como na etapa de construção de roteiros e guias de pesquisa, Angrosino (2008) orienta aos pesquisadores evitarem “redirecionar ou interromper uma história [...], fazer perguntas que pareçam dizer ao entrevistado a resposta que você quer [...] e usar sinais não verbais para indicar quando o entrevistado lhe deu a resposta ‘certa’” (p.63), ou seja, o entrevistador deve evitar qualquer tipo de reforço que indique um caminho discursivo esperado de sua parte sobre a fala dos sujeitos pesquisados. Dessa forma, Richardson (2012) chama a atenção para a necessidade de fazer perguntas diretas, em linguagem simples e nunca fazer perguntas compostas, com duas questões relacionadas. A recomendação do autor é, “não dirigir o entrevistado, apenas guiá-lo e manter-

se interessado no que ele fala”; “levar o entrevistado a precisar, desenvolver e aprofundar os pontos que coloca espontaneamente; facilitar o processo de entrevista; esclarecer a importância do problema para o entrevistador” (p.211), agindo de forma a facilitar o processo de memória e elaboração do entrevistado sem deixar transparecer qualquer viés. Dessa forma, percebemos que a fala do entrevistador deve estar focada em construir um espaço, facilitar as falas e a fruição das informações pertinentes à pesquisa. Essa linha tênue entre manter o foco em discutir os objetivos da pesquisa e não adiantar uma expectativa de resposta ao entrevistado, mesmo que seja sutil, se apresenta como um dos grandes desafios do ato da entrevista. Por isso, Thompson (1992) comenta que, para ser um bom entrevistador, é necessário saber harmonizar a variedade de métodos, entre os mais abertos e mais fechados, junto com a personalidade do pesquisador. Quanto a isso, ele pontua algumas qualidades essenciais ao pesquisador: possuir “interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações delas em relação a eles” e ter “disposição para ficar calado e escutar” (p.254).

O aspecto seguinte que destacamos também diz respeito à escuta do entrevistador, mas na dimensão de sua atenção e sua vigilância aos sutis possíveis ruídos enquanto emergem da fala ou do silêncio dos entrevistados. Sobre isso, McCracken (1988) coloca que, além da fala do entrevistado, o entrevistador precisa escutar muitas outras coisas, como “mimetismos, tópicos evitados, distorções deliberadas, pequenos desentendimentos, incompreensões e se dirigindo, dependendo do caso, de forma adequada a consertar o problema”²⁴ (p.39, *tradução nossa*). Esta questão da atenção e vigilância no momento da escuta do entrevistador também é abordada por Bauer e Gaskell (2014, p. 73) pontuando que,

primeiro, o entrevistador não deve aceitar nada como se fosse pacífico. Segundo ele deve sondar cuidadosamente mais detalhes do que aqueles que o entrevistado pode oferecer em uma primeira resposta à pergunta. Terceiro, é através do acúmulo de informações conseguidas a partir de um conjunto de entrevistas que podemos chegar a compreender os mundos da vida dentro de um grupo de entrevistados.

O processo de escuta e condução de entrevista, tendo como moldura os objetivos de pesquisa se demonstra, portanto, como um processo de grande complexidade dado o alto grau de sutileza da interpretação da fala em ato – que nem sempre é precisa e pode expressar uma polifonia de ideias distintas, controversas, etc. – no momento da entrevista. McCracken (1988) pondera a complexidade da ideia do pesquisador como o instrumento de coleta, pontuando a necessidade de se ter consciência a respeito de como dados qualitativos podem ser bagunçados e desorganizados, mas como eles são potentes dentro do processo metodológico quando o

²⁴ Do original: *impression management, topic avoidance, deliberate distortion, minor misunderstanding, and outright incomprehension, taking, in each case, the necessary remedy to deal with the problem.*

objetivo é compreender como os sujeitos pesquisados enxergam o mundo. No processo de entrevista, “o entrevistador deve escutar as implicações e premissas que não vêm à superfície da conversa por si só, e pensar em formas de desenterrá-las²⁵” (p.40, *tradução nossa*). À parte desta perspectiva, alguns dados, diz o autor, podem nunca aparecer exatamente desta forma. Assim, o entrevistador precisará estar atento às possibilidades que aparecem em expressões, termos, palavras-chave, estando atento a tudo que é falado pelo entrevistado e buscando perceber aquilo que desperta a curiosidade. McCracken (1988) coloca que “essa é uma das estratégias mais difíceis de formalizar, porque ela vem, geralmente, como intuição”²⁶ (p.40, *tradução nossa*). Ou seja, é necessário que o pesquisador dê ouvidos à sua sensibilidade para apreender aspectos que importam ao seu objetivo e que emergem da fala dos entrevistados de forma inesperada ou em modos não antes pensados nas formulações prévias do procedimento de entrevista.

Essa perspectiva do pesquisador como instrumento de investigação nos demanda colocar em discussão a concepção do seu papel no que diz respeito à coleta de dados no âmbito do pensamento científico. Ao se investigar as percepções e a produção de sentido numa perspectiva empírica, se poderia buscar um espaço de neutralidade, de ausência de influência extraindo uma suposta verdade da fala dos entrevistados a respeito das suas visões de mundo, como quer o pensamento cartesiano. Nesse aspecto, nos juntamos a Vilela (2006) que discorre sobre a influência da presença humana num processo de pesquisa que constitui em uma relação quando diz que uma assepsia total neste ato científico de coleta de dados é impossível “e somente a presença do pesquisador já é um elemento condicionante da construção que faz o entrevistado [...]” (p.54). Como já situamos, a entrevista é um encontro de atravessamentos de entrevistado e entrevistador e, portanto, é dessa relação que nascem os dados, não podendo ser comparada a uma situação de simples observação à distância.

Além disso, há outra questão para se colocar em perspectiva quando o processo de coleta de dados está atravessado pela narrativa que é a memória. Coelho (1978) aborda a questão da memória apontando perceber “a enorme distância que vai do relato da experiência à própria experiência [...]” e confessa não haver nada que possa fazer, uma vez que o que acredita sobrar da memória são “apenas os aspectos mais estruturados, fração mínima do fluxo de intuições, sentimentos, percepções e ideias que constitui o módulo central” (p.176). Embora Vilela (2006) aponte que “a entrevista é sempre uma tentativa de aceder ao outro seja para

²⁵ Do original: *the interviewer must listen for implications and assumptions that will not come to the surface of the conversation by themselves and think of ways of unearthing them.*

²⁶ Do original: *this is one of the most difficult strategies to formalize for it comes usually in the form of an intuition.*

conhecê-lo ou para obter uma informação que ele possui e queremos conseguir” (p.47), é importante ter em mente que não se trata de um processo de perguntas e respostas colocados objetivamente, mas, sim, de um despertar de um discurso. O desacobramento desses relatos “é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas (p.74). Não se trataria, portanto, dos sujeitos expressarem uma verdade, mas, sim, o pesquisador dar a ver a realidade que se construiu neste processo de relação e apresentar a visão social constrói no conjunto de entrevistas realizadas. É neste espaço que o pesquisador coloca em tensão a sua percepção, adquirida nas suas leituras e vivências, e o mundo, apresentado a partir das expressões verbais e não-verbais dos sujeitos pesquisados.

Assim sendo, colocamos em perspectiva que a análise da entrevista não necessariamente se restringe à interpretação da fala enquanto sua transcrição textual, mas também está condicionada à multiplicidade de elementos que constitui um processo de comunicação interpessoal, tais como a prosódia, as expressões faciais, a dinâmica corporal, os silêncios, etc. Thompson (1992) aborda esta questão apontando aspectos que importam, em relação às histórias narradas pelos entrevistados, comentando que se deve observar “o modo como [o entrevistado] fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para compreensão de qualquer entrevista; mas para esse fim, essas coisas se tornam o texto fundamental a ser estudado” (p.258). Assim, o trabalho do entrevistador é de um facilitador das lembranças e da sensibilidade, desencadeando portas para que o entrevistado encontre a sua subjetividade que fica relegada a uma dimensão menos consciente do que a descrição dos fatos. Para Bauer e Gaskell (2014), uma das falhas possíveis em uma entrevista é ela se apoiar justamente na fala sujeitos na sua dimensão denotativa, sem explorar as outras sutilezas da linguagem que podem conter material valioso.

Percebemos, portanto, que o ato da entrevista está permeado por uma complexidade demandada pela constituição de sua existência que é a de ser um processo relacional entre dois indivíduos em uma dinâmica assimétrica entre duas fontes, de constituições distintas, que se encontram em um momento de troca, choque e confluência desses elementos a partir de construções narrativas. A consciência desta complexidade demanda ser objeto de reflexão neste levantamento e é por isso que passamos a tratar, aqui, da questão da reflexividade no ato da entrevista.

No que diz respeito à reflexividade, falando especificamente de entrevista, Lopes (2010) assume que esta “é sinônimo de método” (p.44) no sentido de que se assinala uma importante postura reflexiva e epistemologicamente vigilante no ato da aplicação da técnica. Essa postura consistiria em ter consciente a dimensão dissimétrica na relação entre o pesquisador e

pesquisado. A expressão dessa incongruência de lugares se daria na dinâmica de interlocução pela evidência de diferença de capital simbólico e, principalmente, linguístico do pesquisador. Como recomenda Bourdieu (1997), Lopes (2010) salienta a necessidade de uma escuta ativa e metódica, que seria fundamentalmente diferente de uma estratégia de não intervenção absoluta e, tampouco de um dirigismo concreto a partir de um questionário. Diz Bourdieu (1997) que essa postura assinala uma posição de completa submissão do pesquisador a respeito da singularidade da história que está escutando. Tecnicamente, isso implica em uma certa mimetização das expressões e linguagem do entrevistado (*apud* LOPES, 2010), buscando que ele se sinta confortável através do reconhecimento de uma postura familiar a sua. Segundo a autora, esta postura é contraditória e de grande dificuldade para se pôr em prática, uma vez que também se espera de um pesquisador, estranho àquele local, que este não seja conhecedor fluente dos códigos ali empregados, o que poderia resultar numa desastrosa situação de imitação desestabilizadora da fluência do diálogo. Em um âmbito geral, esse processo consiste no reconhecimento constante, por parte do pesquisador, do seu papel no contexto da operação científica no contexto da pesquisa social. Diz a autora (LOPES, 2010, p. 29) que

o exercício da reflexividade é indispensável para criar a atitude consciente e crítica por parte do pesquisador quanto às operações metodológicas que realiza ao longo da investigação. É também o questionamento constante a que deve submeter a construção, observação e a análise de seu objeto de pesquisa. Essa reflexividade permanente, cultivada por parte o pesquisador, tende a tornar-se disposição intelectual possível de internalizar-se e construir-se em *habitus* científico.

Dessa forma, a reflexividade no âmbito do processo de entrevista passa a ser entendida como uma dinâmica de vigilância crítica e epistemológica de um processo que envolve um fazer científico particular por conta de sua natureza. Para a autora, a “crítica epistemológica é que rege os critérios de validação interna do discurso científico” (LOPES, 2010, p.28) e também comenta que “esta perspectiva epistemológica deve necessariamente envolver critérios de validação externa apoiados na crítica feita pela sociologia da ciência ou do conhecimento” (*idem*). Vale pontuar que Navarro (2018), coloca a reflexividade em uma perspectiva teórica e metodológica, estabelecendo a lógica de que ela tem influências no processo de reflexão: “como conhecemos e também nas maneiras como operamos as representações, esses saberes, esse conhecimento em práticas situadas”²⁷ (p. 414).

No sentido de pensar nos parâmetros dessa validação, pensamos ser pertinente tratar dessa questão na dimensão da ética nas pesquisas humanas e sociais.

²⁷ Do original: *cómo conocemos, y también en las maneras como operamos esas representaciones, esos saberes, ese conocimiento, en prácticas situadas*

Nessa esteira, buscamos a elucidação do assunto a partir da perspectiva apresentada pelos órgãos regulatórios das questões éticas na pesquisa com seres humanos dentro do contexto universitário brasileiro. O Conselho Nacional de Saúde (CNS), a partir dos sistemas CEP/CONEP²⁸, dispõe, na resolução 466/12²⁹, que “as pesquisas envolvendo seres humanos devem atender aos fundamentos éticos e científicos pertinentes” (CNS, 2012, art. III), que compreendem o “respeito ao participante da pesquisa, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida”; “ponderação entre riscos e benefícios”; “garantia de que danos previsíveis serão evitados” e a “relevância social da pesquisa” (idem). Em seu artigo IV, a resolução trata do processo de consentimento livre e esclarecido, que acontece na fase inicial da pesquisa onde os indivíduos ou grupos participantes dos processos de pesquisa expressam a sua anuência à participação do estudo, sendo que esta etapa deve acontecer nas melhores condições para os participantes, estando o pesquisador atento ao melhor local, à linguagem para que seja clara e ao tempo adequado para que o convidado tenha tempo para refletir e consultar quem queira antes de assinar a sua livre cooperação. É importante pontuar a especificidade onde os participantes possuem alguma restrição de liberdade, como crianças, adolescentes, pessoas com questões de transtorno e/ou doença mental, e aquelas que situação substancial de sua capacidade de decisão; aqueles expostos a alguma influência de autoridade e internos de centros de reabilitação e readaptação. Nestes casos, deve se levar em consideração esta particularidade para considerar a participação dos sujeitos.

Pela especificidade das Ciências Sociais e Humanas, o CNS também publicou a resolução 510/16, que dispõe sobre os procedimentos metodológicos considerando as questões relativas à pesquisa nesse contexto. A resolução pontua, em seu artigo terceiro, os princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, que manifestam a necessidade de reconhecimento da liberdade dos indivíduos, recusa do autoritarismos nas relações que envolvem os processos de pesquisa, respeito aos valores culturais, sociais e religiosos; ampliação e consolidação da democracia a partir da pesquisa, recusa de todas formas de preconceito, fomentando a diversidade e a participação de grupos vulneráveis; a garantia do consentimento dos participantes; da confidencialidade das informações levantadas, proteção da

²⁸ “A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam”. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/conep/atribuicoes.html>. Acesso em 24 nov. 2018.

²⁹ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cep/resolucoes/resolucao-466-12>>. Acesso em 24 nov. 2018.

imagem e voz dos participantes, e, por fim; garantia da não utilização das informações em prejuízo dos participantes (CNS, 2016, Art. 3º). A resolução também chama a atenção para os riscos decorrentes dos projetos de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, pontuando em seu Art. 19 a necessidade de o pesquisador estar sempre atento aos riscos que sua empreitada pode acarretar no decorrer de seu procedimento. É responsabilidade daquele que aplica a pesquisa, segundo essa resolução, tomar todas as precauções e adotar todas as medidas para proteger os pesquisados, especialmente os vulneráveis, de qualquer tipo de risco. A resolução aponta, como riscos da pesquisa, “possibilidade de danos à dimensão físicos, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela” (CNS, 2016, Art. 2º, XXV).

A partir do rol de recomendações que constam nas resoluções, os pesquisadores brasileiros, inscritos no âmbito acadêmico, estão sujeitos à apreciação e aprovação de seus procedimentos no sistema CEP/CONEP, que avalia os projetos de pesquisa com base nos parâmetros éticos pré-estabelecidos. Por conta destas questões, percebemos a preocupação do resguardo do bem-estar dos informantes e da manutenção em frente a possíveis riscos decorrentes da situação de pesquisa. A pesquisa brasileira contemporânea com seres humanos, no âmbito das Ciências Sociais e Humanas aponta, desta forma, uma relação assimétrica, entendendo a influência do pesquisador como uma interferência de risco, a qual deve ser submetida a julgamento pelas instituições vigentes.

Temos, assim, um panorama sobre as questões que dizem respeito à entrevista como técnica de investigação qualitativa. Os pontos de atenção levantados pelos autores tratam de um maior desafio desta abordagem: ela está centrada na fala dos sujeitos que, por sua vez, são produtos de uma infinidade de atravessamentos que podem ser conscientes ou podem passar despercebidos se não estiver imbricado, no processo de escuta, uma perspectiva de constante vigilância. Essa, portanto, aparece nesse levantamento como condição primeira à qual está subordinada a postura atitudinal do entrevistador no momento da entrevista enquanto ato. A respeito dessa técnica que implica em uma situação de relação entre dois sujeitos, Richardson (2012) faz uma advertência, lembrando que a pesquisa tem um objetivo social e que “as técnicas de pesquisa não podem ser utilizadas como receitas ou instrumentos neutros, mas como meios de obtenção de informação cujas qualidades e limitações devem ser controladas” (p.219). Afirma, também, que a ideologia do pesquisador precisa ser assumida para que se compreenda da relação entre pesquisador e pesquisado, ambos em um mesmo processo. Aponta, além disso, que as técnicas de coleta não são um fim em si e que as consequências do mal-uso da pesquisa são de responsabilidade do pesquisador.

Dessa forma, percebemos como a preocupação a respeito das condições dos sujeitos entrevistados é questão de grande interesse para pensar a entrevista enquanto técnica de pesquisa. Lopes (2010) aborda esse assunto pontuando que todo trabalho de campo diz respeito a um espaço de interação onde são postas em jogo diferentes perspectivas e sistemas de relação, numa dinâmica que, além dos interesses acadêmicos, cada vez mais se discute a demanda dos outros, que, nessas situações, se constituem em objetos de pesquisa. A consciência de que os objetos de investigação científica são construídos – e não algo dado – é central para a noção de que se deve submeter à reflexão o conhecimento que se está produzindo. A autora aponta que “o frágil domínio metodológico revelado nas pesquisas empíricas de comunicação reflete-se imediatamente no descaso ou na ausência da crítica sobre as técnicas de pesquisa empregadas” (LOPES, 2010, p.41) que são constituídas de interação, onde sujeitos são submetidos a um processo complexo de investigação. Daí a importância de “ter em mente as implicações do ‘uso social da ciência’, os acordos intersubjetivos determinando o pesquisado” (LOPES, 2010, p. 46). Assim, essa etapa buscou traçar um panorama das questões relevantes ao procedimento da pesquisa, em todos os seus momentos diferentes, a partir da visão de autores que tratam do tema em suas produções científicas. A partir desse aspecto, buscamos entender da forma mais abrangente possível, as questões pertinentes à compreensão da entrevista enquanto técnica de pesquisa no cenário das pesquisas sociais que empreendem às investigações a partir da fala dos sujeitos.

Assim, este capítulo apresenta um panorama das proposições metodológicas no campo da Comunicação, seu desdobramento em uma dimensão observacional e a especificidade da entrevista enquanto técnica de pesquisa. Encontramos a importância da vigilância epistemológica e também da reflexividade como pilares para a construção de escolhas metodológicas nos estudos científicos. No capítulo que segue, as perspectivas teóricas componentes desse empreendimento de pesquisa são tensionadas a partir do *corpus* levantado e constituem um olhar para as publicações de artigos científicos na Comunicação, estabelecendo uma relação dos aspectos aqui levantados com a especificidade desse tipo de publicação científica.

3. A ARTICULAÇÃO METODOLÓGICA NOS ARTIGOS DA COMPÓS 2017

O presente capítulo busca articular a construção teórica com os dados coletados e está dividido em três partes: na primeira, uma contextualização das pesquisas que compõem o nosso objeto de análise, buscando deixar claro para o leitor os aspectos constitutivos deste material levantado. Na segunda parte, focamos nossas lentes para observar a questão das técnicas de entrevista, que aparece com proeminência em nosso levantamento e ganha destaque em nossa análise pelo seu peso nos achados, buscando compreender os subsídios que fundamentam seu uso e as diferentes abordagens utilizadas. Finalmente, na terceira parte, direcionarmos nossa discussão para a questão do tratamento dos informantes na relação entre pesquisadores e pesquisados nas pesquisas observacionais, compreendendo a questão da reflexividade nos textos levantados para esta análise.

3.1. Contextualização das pesquisas publicadas

Nesta etapa, traçamos um panorama, detalhando a composição do *corpus* levantado para a construção do objeto de estudo dessa dissertação. Como já dito, ele é formado por 14 artigos provenientes de sete GTs da COMPÓS, do evento de 2017. São os GTs: Comunicação e cidadania, três artigos (3)³⁰; Consumos e processos de comunicação, três artigos (3); Comunicação e cibercultura, dois artigos (2); Memória das mídias, dois artigos (2); Recepção³¹: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos, dois artigos (2); Comunicação e política, um artigo (1); Estudos de jornalismo, um artigo (1).

O quadro, abaixo, descreve o título de cada um dos 14 artigos bem como o seu GT de publicação no evento da COMPÓS 2017. Essas publicações foram submetidas ao roteiro previamente apresentado e que se encontra no Apêndice A. O resultado dessa abordagem foi uma tabela de visualização dos dados (Apêndice B) que contém a série de informações que produziram a análise descritiva e interpretativa que segue na sequência. Também, se pode visualizar os gráficos gerados pelo instrumento de coleta no Apêndice C. Esse processo, embora dispendioso e exigente de grande atenção, nos trouxe o panorama que dá origem às visões construídas nessa etapa da pesquisa.

³⁰ Embora o número já tenha sido escrito por extenso, colocaremos a grafia numérica entendendo como um ganho à visualização dos dados em texto no nível descritivo.

³¹ Daqui para frente, chamaremos este GT de “Recepção”, somente, a título de simplificação do texto.

Quadro 2: Composição do *corpus*

Título	GT
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: jovens e novas formas de sociabilidade	Consumo e Processos de Comunicação
JOVENS DO “BRASIL PROFUNDO”: explorações sobre usos tecnológicos e consumo midiático em Tavares (RS)	Consumos e Processos de Comunicação
Alguns aspectos dos usos da moda na comunicação da identidade de gênero de travestis e mulheres transexuais	Consumos e Processos de Comunicação
GESTOS QUE FALAM um estudo sobre a comunicação por surdos	Comunicação e cidadania
VENI, VIDI, VOMITI: ocupações virtuais, desobediência civil e o ativismo escatológico do Vomitação	Comunicação e Política
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	Recepção, Uso e Consumo Midiáticos: Processos de Inter
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS E INTERSECCIONALIDADE EM RELATOS DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	Recepção: Processos de Interpretação, Uso e Consumo Midiáticos
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE MARIA DO RESGUARDO	Memória das Mídias
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA E A MOBILIZAÇÃO DAS AUDIÊNCIAS NO CASO DO CINE BELAS ARTES	Memória das Mídias
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE LEITURA DAS NOTÍCIAS	Estudos do Jornalismo
GESTOS QUE FALAM um estudo sobre a comunicação por surdos	Comunicação e cidadania
“QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO”: comunicação, sociabilidade e cidadania na “família Os Poderosos e as Poderosas”	Comunicação e Cidadania
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL: reflexões a partir da trajetória do refugiado sírio Talal Al-Tinawi	Comunicação e Cidadania
“VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA”: sobre a mediação digital das relações amorosas e a emergência de patologias contemporâneas.	Comunicação e Cibercultura
“MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR”: A nota da Uber como punição do comportamento social na sociedade da vigilância distribuída	Comunicação e Cibercultura

Fonte: elaborado pelo autor

Para a composição deste *corpus* de 14 artigos, utilizamos, como critério dois parâmetros, como já referido anteriormente: artigos que expressem o uso de entrevista presencial com sujeitos e/ou artigos que se propunham a discutir as metodologias de entrevista. Quase a totalidade dos artigos (13) trata de publicação de pesquisa que conta com entrevista junto aos sujeitos, enquanto um (1) foca na discussão metodológica.

Buscando compreender a origem da produção de cada publicação analisada, constatamos que, dos 14 artigos do *corpus*, seis (6) deles não explicitam se são fruto de um outro trabalho, como teses e dissertações, ou se foram construídos especialmente para essa publicação; três (3) afirmam ser provenientes de projetos de pesquisa; dois (2) vêm de dissertações, um (1) é fruto de tese; um (1) tem origem em um TCC e um (1) remete à pesquisa produzida exclusivamente para o artigo.

Também, analisando, geograficamente, onde estão situados os pesquisadores que assinam as publicações levantadas. Dos 14 artigos que constituem o *corpus*, a região Sudeste é a que tem mais representantes com sete (7) artigos, sendo seis (6) de pesquisadores lotados no estado do Rio de Janeiro (UFRJ, UERJ, ESPM-RIO, PUC-RIO, UFF) e um (1) do estado de Minas Gerais (UFMG). Em seguida, a região Sul tem três (3) trabalhos, sendo todos do estado do Rio Grande do Sul (UFRGS, UFSM, UNISC, PUCRS). O Nordeste tem dois (2) representantes, ambos do Ceará (UFC) e o Centro-oeste tem um (1) representante, do Distrito Federal (UNB). Um (1) outro trabalho tem autores de duas regiões diferentes: o estado de SP (ESPM-SP) e o Distrito Federal (UCB).

Em relação às temáticas de pesquisa e os objetos de estudo, nove (9) artigos, dos 14 componentes do *corpus*, têm a temática relacionada à articulação da comunicação com suas interfaces digitais. Tais temáticas perpassam a questão da vigilância compartilhada, agrupamento e cidadania, o ativismo digital, a utilização do celular por jovens do interior (que movimenta duas pesquisas distintas no *corpus*), memória desenvolvida e estimulada no *Facebook*, questões das relações sociais das mulheres, dinâmica de conversa no *WhatsApp* e modulação emocional e o *Facebook* e também as *homepages* das páginas de jornalismo. Estão presentes nos GTs de Comunicação e cibercultura, Comunicação e cidadania, Comunicação política, Consumos e processos de comunicação, Memória das mídias e Recepção. Os outros cinco (5) artigos trabalham a respeito da inclusão comunicativa, agenciamento midiático na construção de significação a respeito da migração e dos migrantes, comunicação de gênero a partir do vestuário, mobilização popular e cinemas de rua, e o processo de identificação/desidentificação com classe social na recepção de telenovelas. Estão nos GTs de

Comunicação e cidadania, Consumos e processos de comunicação, Memória das mídias e Recepção.

No tocante aos gêneros estudados, 12 artigos não trabalham nenhum específico; dos que o fazem, dois (2) são sobre jornalismo; um (1) sobre telenovela e um (1) trabalha moda. Estes artigos estão presentes no GT de Comunicação e cibercultura, Comunicação e cidadania, Comunicação política, Recepção, Consumos e processos de comunicação.

No que diz respeito às mídias trabalhadas pelos 14 artigos do *corpus*, nove (9) artigos desenvolvem trabalhos analisando comunicação em plataformas digitais sendo que, dentre eles, cinco (5) estudam objetos especificamente ligados ao telefone celular como plataforma e os outros quatro (4) que articulam seu tema com comunicação digital, não descrevem nenhuma plataforma específica analisada em suas pesquisas. Quatro (4) trabalhos não explicitam a investigação da comunicação a partir de nenhuma mídia, sendo que um (1) trabalho explora memória de uma instituição e os movimentos sociais em prol de sua manutenção, outro (1) estuda a comunicação interpessoal entre deficientes auditivos, um (1) trata das narrativas de migrações nas mídias, sem especificar quais e, outro, (1) discute o vestuário enquanto artefato de comunicação.

A instância teórica (LOPES, 2011) do *corpus*, aquela que engendra a articulação de diversos autores a respeito de determinado tema sob a perspectiva epistemológica adotada, é descrita e discutida a partir de agora, buscando traçar um mapa dos autores que propõem o arcabouço teórico mobilizado nos estudos componentes do *corpus*. Nos 14 artigos estudados, 188 autores são citados, sendo que grande parte deles não se repete em mais de quatro (4) trabalhos diferentes. Ao buscar compreender com quais outras áreas das Ciências Humanas os 14 artigos do *corpus* se relacionam, descobrimos que 13, dialogam com as Ciências Sociais, sendo que nove (9) destes se acionam à Antropologia. Embora nem todas explicitem essa filiação, isso demonstra, no *corpus* analisado, a integração entre Comunicação, Sociologia e Antropologia e dois (2) trabalhos explicitam sua filiação às ciências políticas. Conceitos como a gestão internacional do refúgio, política da migração, cidadania ativa, democracia, esfera civil, difusão e articulação da informação política na rede, informação política, poliarquias, são articuladas em torno de diversos temas presentes nas pesquisas analisadas. Estes artigos estão publicados no GT de Comunicação e política, e também nos GTs Comunicação e cidadania, afinal, a dimensão política pode estar presente numa grande diversidade de temas discutidos no âmbito das ciências sociais Consumos e processos de comunicação, Memória das mídias e Recepção. Por fim, aparecem, também, as áreas da Psicologia, Educação, Desenvolvimento Rural e Filosofia, cada uma, tendo incidência em um trabalho.

No que diz respeito aos conceitos teóricos mobilizados nos 14 artigos, dois grandes temas emergem das leituras e do mapeamento dos conceitos articulados nas publicações analisadas em nosso *corpus*. O primeiro, é o tema da relação entre política, comunicação e plataformas digitais. Nove (9) artigos trabalham dentro desta lógica com conceitos que tratam das relações comunicacionais no ambiente digital evocando autores que desenvolvem ideias sobre *ciberativismo*, vigilância compartilhada, agrupamentos, sociabilidade, capital social nas redes, memórias compartilháveis e jornalismo em rede. Além do GT de Comunicação e cibercultura, também encontramos trabalhos que mobilizam conceitos de comunicação digital nos GTs de Comunicação e cidadania, Comunicação política, Consumos e processos de comunicação, Memória das mídias e Recepção. O segundo grande tema aparece em outros cinco (5) artigos e diz respeito à questão da identidade nas relações de comunicação. Os artigos expressam a conceituação teórica em torno da questão da identidade, construindo teoricamente as ideias de identidade de gênero, formação de identidade, memória e identidade, identidade feminina, comunidade e identidade, identidade, moda e construção social. Grande parte deles está preocupado com questões de minorias, sociabilidade e produção de discurso sobre si a partir dos artefatos de comunicação, buscando articulação teórica com as sociologia para dar conta destas problematizações em relação com a comunicação, estando eles alocados nos GTs de Cidadania e Comunicação, Consumos e processos de comunicação, Memória das mídias e Recepção.

Nesse mapeamento teórico, percebemos que a discussão política é central na totalidade do *corpus* levantado. Permeado pela relação da comunicação no mundo digital ou pela discussão das questões de identidade, o arcabouço teórico encontra na Sociologia, Antropologia, nas Ciências Políticas e na Comunicação as fontes mais relevantes de estruturação epistemológica para os temas levantados. O grande volume de autores e escolas do pensamento que se articulam e desenham este panorama nos 14 artigos analisados demonstram a filiação da Comunicação com os outros segmentos das ciências humanas e sociais e expressam o diálogo entre o estudo da comunicação e os movimentos políticos na sociedade.

Olhando para esse panorama entendendo o quadro teórico como etapa produtora do objeto de pesquisa, percebemos que os artigos componentes do *corpus* dedicam um espaço expressivo a essa etapa em suas publicações. Lopes (2001) evidencia, assim, o quadro teórico, como parte fundamental da produção de ruptura epistemológica e que sua existência está ligada a confrontar constantemente a percepção do real. Através das leituras dos artigos selecionados, temos a perspectiva de que o aspecto teórico, embora possa estar presente em alguns casos, nem

sempre figura a escolha dos pesquisadores para compor a publicação, dando corpo à crítica já recorrente em trabalho de autoras que se dedicam ao trabalho da metodologia no campo da comunicação e em suas vertentes específicas (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008; JACKS *et al.*, 2014; JACKS *et al.*, 2017; LOPES, 2001; 2010; JACKS; ESCOSTEGUY, 2005) a respeito da carência metodológica nos estudos do campo da Comunicação.

A etapa seguinte da construção desse panorama do *corpus* selecionado busca compreender, na instância metódica, o peso das abordagens qualitativas e quantitativas no *corpus*. Percebemos que todos os 14 artigos analisados procedem pesquisas qualitativas, sendo que quatro (4) deles articulam, também, metodologias de abordagem quantitativa através de aplicação de formulário do *Facebook*; questionário *online*; formulário presencial; e análise de desempenho de *fanpage* do *Facebook*. Vale pontuar que, dos 14 artigos, apenas três (3) explicitam, no texto publicado, que tipo de abordagem procedem. Nos demais onze (11) casos, se pôde inferir pela leitura completa do texto e descrição dos métodos utilizados. Todas as três (3) manifestações que explicitaram os porquês de tal abordagem o fizeram em razão da natureza do objeto investigado, aspecto importante para este estudo e que aprofundaremos mais à frente.

Podemos perceber que a formalização e descrição dos métodos utilizados, não raramente, é abordada *en passant* nos textos analisados. A consciência sobre a sua centralidade para a produção do objeto científico e para o alcance dos resultados de pesquisa, como compreendido a partir da etapa teórica (BONIN, 2012; LOPES, 2001), não é denotada nas publicações que analisamos no que diz respeito ao detalhamento da função das escolhas articuladas metodologicamente. Em uma perspectiva que defende a operação consciente da metodologia (BONIN, 2008) e que coloca essa dimensão como parte fundamental que integra a produção de conhecimento (LOPES, 2001), percebemos que a construção metodológica é, muitas vezes, relegada a uma condição de tecnicidade. Isso não quer dizer que não haja, absolutamente, expressão de reflexão sobre determinadas dimensões desse processo, como os momentos de contato direto com sujeitos pesquisados. No entanto, ao lançar luz a esse procedimento, num sentido amplo, não conseguimos perceber a formulação crítica das articulações metodológicas como postula Lopes (2010), com quem nos filiamos nesse trabalho.

No que diz respeito aos métodos e técnicas utilizados pelos trabalhos que compõem o *corpus* levantado, importa, primeiramente, compreender se os artigos explicitam seus métodos e técnicas e se apresentam justificativa para suas escolhas. No procedimento de análise, percebemos que estas informações nem sempre estão dispostas de forma clara no texto dos artigos, embora se possa analisá-las a partir de uma leitura atenta. Aqui, buscamos organizá-las a fim de construir uma compreensão deste panorama. Dos 14 artigos componentes de nosso

corpus, 10 explicitam, de forma mais ou menos objetiva, as razões de suas escolhas metodológicas. As justificativas encontradas podem ser divididas em três tipos: pelo contexto do objeto de pesquisa, ou seja, pelas questões práticas que a natureza do fenômeno demanda para sua melhor observação; pela construção teórica do trabalho, ou seja, as necessidades epistemológicas que determinam um tipo específico de olhar que culmina na escolha metodológica e técnica; e, por fim, justificativas que estão baseadas em ambos contextos, tanto teórico quanto do objeto de pesquisa. Dessa forma, observamos que, dos 10 artigos que identificamos explicitar suas justificativas metodológicas e técnicas, seis (6) deles o faz pelo contexto do objeto pesquisado, dois (2) pela construção teórica do trabalho, dois (2) pela intersecção de ambos contextos. A seguir, descrevemos como procede cada um deles.

Dos seis (6) artigos que justificam sua metodologia pelo contexto, dois (2) artigos têm como objeto de pesquisa populações que vivem longe de grandes centros e, portanto, expressam sua justificativa no sentido de necessidade de um aporte metodológico que seja potente neste movimento de aproximação a uma realidade afastada.

Outro artigo (1) optou por diferentes abordagens qualitativas de observação e, por fim, proceder à entrevista. O texto comunica a diversidade comportamental dos possíveis entrevistados e narra um processo de aproximações que compreendeu várias conversas informais antes de delimitar o fechamento dos que seriam efetivamente entrevistados, buscando, entre a comunidade investigada, aqueles sujeitos que produziriam conversas mais ricas e histórias mais profundas. Um, (1) aponta a necessidade de mobilizar diversos públicos para entender seu problema num contexto relacional, onde dois diferentes perfis interagem diretamente entre si e suas ações têm consequências mútuas. Para isso, o pesquisador utiliza diversas abordagens observacionais em ambientes *online* e presencialmente e, também, abordagem quantitativa para levantamento de dados mais objetivamente. Outro (1) comenta entender que seu objeto de pesquisa demanda sua constante presença e atuação direta em oficinas para melhor entender o contexto comunicacional estudado e, portanto, procede a uma metodologia de pesquisa-ação. Um artigo (1) opta por um apanhado de técnicas observacionais com um forte viés antropológico alegando que seu objeto, demandando compreender a relação de uma mídia com um grupo específico de pessoas, carecia de uma aproximação à vivência de consumo por parte do grupo estudado.

Dos dois (2) artigos que justificam a sua abordagem metodológica pelo contexto teórico, um (1) descreve o uso de uma abordagem metodológica baseada exclusivamente em entrevista e justifica todo o raciocínio com base em na proposição metodológica de um determinado autor e outro (1) procede em observação participante *online* em um grupo de *WhatsApp* junto com

abordagens presenciais na comunidade estudada e constrói sua justificativa edificada sobre um conjunto de obras de antropologia e netnografia, como será descrito mais à frente.

Dos dois (2) artigos que justificam a sua escolha metodológica em ambos parâmetros, teórico e de contexto do objeto, o primeiro (1) fundamenta a pesquisa etnográfica pela necessidade de investigar mulheres em comunidades afastadas no Brasil e também justifica suas formas de abordagem através de uma ampla rede de autores de etnografia, de reflexão sobre o pesquisador no campo, a relação entre pesquisadora e pesquisadas e também com base em outros estudos com o mesmo objeto. O segundo (1) aponta um gênero midiático que apresenta seu consumo mais significativo em um determinado perfil e que, portanto, exige a sua entrada em campo com técnicas de observação que o texto constrói com base na proposição de um autor específico de trabalho antropológico.

Quatro (4) trabalhos não explicitam justificativa a respeito de suas escolhas metodológicas e estão alocados nos GTs de Comunicação e Cibercultura, Comunicação e cidadania e Memória das mídias. Os demais 11 trabalhos possuem exemplares em todos os GTs da COMPÓS de 2017.

Assim, embora nem sempre os trabalhos apresentem potentes descrições da construção e suas articulações metodológicas, percebemos que as justificativas têm coerência com as recomendações que levantamos em nossa construção teórica. Assim como aponta Ferrara (2010), percebemos que as demandas dos objetos são o grande balizador das escolhas metodológicas, afinal, não existe uma receita de bolo para aplicar à complexidade da dimensão que constitui a investigação empírica (ROSSETI, 2010). Vale lembrar a dimensão de invisibilidade das decisões que assola o fazer científico, como pontua Fígaro (2018). É, justamente, nessas lacunas deixadas pelas publicações que reside esta parte relevante do trabalho de pesquisa que buscamos, aqui, dar a ver e onde se constroem os caminhos que levam aos resultados encontrados nas investigações. Nos artigos analisados nesse *corpus*, percebemos uma perspectiva de dualidade entre a força de algumas justificativas que denotam o olhar cuidadoso à dimensão empírica da pesquisa, mas que não se estende a todas as etapas da descrição nos artigos.

A respeito do contexto epistemológico trabalhado nas metodologias e quais autores são evocados para construir definições, dos 14 artigos que compõem o *corpus*, quatro (4) não explicitam seu viés de escolha metodológica. No que diz respeito aos outros 10, o que aparece de mais expressivo é a utilização da etnografia: quatro (4) trabalhos apontam, no texto, o uso deste viés onde citam os autores que embasam a sua abordagem. Peirano (1995); Hine (2016); DaMatta (1978); Pavam e Veloso (2011); Emerson, Fretz e Shaw (2013) e Frago, Recuero e

Amaral (2011) compõem a listagem do arcabouço metodológico para a construção etnográfica nestes trabalhos, sendo que o último conjunto de autores defende a nomenclatura da etnografia para situações dentro e fora do contexto digital. Sobre como cada texto desenvolve sua justificativa, um (1) dos textos que defende o uso da etnografia versa sobre a necessidade da presença constante dos pesquisadores junto aos seus pesquisados, se apoiando em autores que evocam Malinowski e as questões referentes à aproximação às comunidades; um (1) artigo constrói um estado da arte a respeito da sua pesquisa, trazendo outros autores que já fizeram investigações similares de cunho etnográfico, mas que não são, necessariamente, autores de metodologia; um (1) artigo que estabelece uma discussão sobre o universo digital utiliza seu aporte teórico para defender o uso da nomenclatura “etnografia” para pesquisa em comunidades virtuais, como citamos anteriormente; outro artigo (1) defende o uso de etnografia para a compreensão densa de cenários sociais. Em todos estes trabalhos é valorizada a aproximação com as pessoas, seja presencialmente ou virtualmente, defendendo a construção das percepções que irão guiar a pesquisa no âmbito das comunidades, dos agrupamentos e das falas articuladas neste contexto. No entanto, há dois (2) artigos que defendem as manifestações individuais, investigando um só sujeito como um recorte potente para a compreensão de uma sociedade como um todo. Um (1) texto, por exemplo, cita Queiroz (2008) para defender o respaldo coletivo que emerge na individualidade. O outro (1) defende o modelo de Lahire (2006) dos retratos sociológicos para perceber os atravessamentos do social nos indivíduos. Por fim, um (1) texto justifica a pesquisa como uma intervenção em Passos e Barros (2015) e defende, também, a pesquisa participante em Brandão (1985), argumentando a importância de articular observação e entrevistas (PEIRANO, 1995) estando dentro e interagindo com os grupos.

Outros três (3) artigos citam autores e apontam perspectivas que balizam suas escolhas, porém, sem aprofundamento suficiente para uma análise mais completa. Um (1) texto cita Bonin (2008) para definir a importância da metodologia, outro (1) utiliza McCracken (1988) e sua perspectiva de “entrevista longa” como principal abordagem metodológica, embora não o desenvolva na publicação analisada e, por último (1), a “Sociologia da Imprensa” de Weber (2002) aparece nas referências bibliográficas de um trabalho, sem, porém, ser desenvolvido no artigo.

Sobre as abordagens documentais ou observacionais, entre os 14 artigos, apenas três (3) explicitam que tipo de pesquisa utilizam, sendo que os restantes tiveram este parâmetro identificado pela leitura completa do texto. Todos os 14 artigos do *corpus* procedem investigações do tipo observacional, sendo que sete (7) articulam com o tipo documental.

Aqui, em conformidade com outros estudos já realizados sobre as pesquisas em Comunicação (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008; JACKS *et al.*, 2014; JACKS *et al.*, 2017), a relação entre as Ciências Sociais e a Comunicação aparece de forma proeminente no que diz respeito à construção das metodologias. Analisando a forma como as publicações que utilizam metodologias observacionais, de contato direto com os sujeitos pesquisados, discorrem e apresentam seus procedimentos, começamos a enxergar a influência destes autores citados na construção de uma relação reflexiva a respeito da aproximação dos sujeitos. Se é necessário o domínio dos métodos e técnicas aplicados (JACKS, 2018), também é necessário o reconhecimento de que os manuais não têm condições de dar todas as indicações de como proceder a uma pesquisa, levando em conta a dinamicidade e complexidade do objeto empírico (FÍGARO, 2018). Nesse sentido, nem todos os trabalhos do *corpus* apresentam elaboração metodológica que permita identificar esse grau de consciência em seus textos. Um (1) dos artigos analisados, o único que trata especificamente da discussão de uma construção metodológica, merece destaque por descrever, explicitamente, os percalços na construção de um aparato metodológico diante dos desafios impostos. Porém, é necessário postular que, a partir dessa análise, se pode levantar a questão de que esses meandros metodológicos, que são definidores dos resultados de pesquisa, têm suas explicitações relegadas apenas em publicações específicas dedicadas a sua discussão e não figuram no rol de escolhas de grande parte dos artigos que expressam pesquisas qualitativas com abordagem observacional.

No que diz respeito às técnicas utilizadas, todos os artigos analisados nesta dissertação procedem à utilização de entrevista. Além dessa, esta etapa da análise busca compreender que outras técnicas são empregadas em conjunto com a entrevista. Dos 14 artigos, sete (7) explicitam utilizar técnicas de observação. Destes sete, em três (3) trabalhos a técnica é nomeada somente como “observação”, que, em um caso, abrange o comparecimento do pesquisador a quatro eventos; em outros dois, diz respeito à observação em *fanpage* no *Facebook*. Em outros dois (2) trabalhos aparece a terminologia “observação participante”; um caso faz a observação com motoristas em corridas de um aplicativo de carona paga e não apresenta sua compreensão da técnica, mas deixa uma nota de rodapé apresentando a bibliografia que segue para o procedimento; outro elabora sua observação participante em um contexto de pesquisa participante e cita a observação participante de Malinowski como sua originadora sem, porém, apresentar definição da técnica. Outro (1) artigo diz, também, proceder em observação não-participante, sem explicitar a razão nem o que compreende da técnica. Um trabalho (1) explicita proceder a uma de “observação presencial”, sem que houvesse definição do que isso implica; e, outro, (1) cita “observação etnográfica”, que foi apontada como

importante para compreender os contextos das práticas estudadas. Estes artigos estão publicados nos GTs de Comunicação e cibercultura, Comunicação e cidadania, Consumos e processos de comunicação, Memória das mídias e Recepção

Três (3) artigos utilizam, além da entrevista, questionário ou formulário. Uma (1) das publicações que expressa optar por essa técnica não comenta sobre seus motivos de escolha, mas aponta que sua divulgação foi feita por meio de sua conta no *Facebook*. Outro (1) texto aponta utilizar um questionário online com perguntas abertas e fechadas, atentando para o fato de as questões abertas ajudarem a aprofundar aquilo que, quantitativamente, não se dava conta. O outro (1) texto explicita o uso de formulários individuais preenchidos manualmente, a fim de obter dados mais objetivos a respeito de posses de bens, informações socioeconômicas e consumo midiático. Artigos que empreendem estas técnicas foram publicados nos GTs de Comunicação e Cibercultura e no de Consumos e processos de comunicação. O *corpus* ainda apresenta a utilização de outras cinco técnicas com uma única incidência cada uma: análise de desempenho de *fanpage* do *Facebook*; uso de mapeamento e coleta de materiais midiáticos digitais; uso de um diário de campo; interação presencial; uso de conversas informais. Nenhum destes trabalhos apresentou justificativa ou definição para estas técnicas. Apenas um (1) artigo aponta ter usado somente a entrevista como técnica empírica de pesquisa.

Rossetti (2010) denuncia um certo reducionismo técnico na pesquisa em Comunicação, fator que, de acordo com Lopes (2001), a autora chama de “empirismo ingênuo”. Se a empiria, ou seja, o conhecimento construído a partir da experiência (ROSSETTI, 2010) demanda a capacidade de observação dos pesquisadores, essa prática não pode estar desvinculada de toda a trama epistemológica que constitui um estudo científico. Consideramos que, mesmo no espaço limitado dos artigos científicos, é importante ter clara essa explicitação, afinal, as escolhas e renúncias que fazer parte da construção metodológica são definidoras dos resultados e da solidez do estudo em relação a suas premissas (FÍGARO, 2018). No *corpus* analisado, percebemos a incidência de escolhas baseadas nas realidades dos objetos, mas nem sempre essa observação era articulada teoricamente, como propõem as autoras.

A respeito das unidades de pesquisa articuladas nas publicações que compõem o *corpus* deste trabalho, buscamos identificar se os artigos apresentam as características e justificativas de escolha dos grupos sociais ou indivíduos investigados. Dos 14 artigos levantados, 11 deles explicitam informações dessa natureza. Dessa forma, passamos a pontuar como cada um desses artigos descreve suas unidades de pesquisa:

Um (1) artigo relata ter entrevistado quatro passageiros e quatro motoristas de um aplicativo de carona paga, sem explicitar o critério de escolha para estes oito indivíduos, apenas

indicando a sua quantidade. Além destes encontros, onde a abordagem dos pesquisadores foi direta, também informaram ter feito observação participante em corridas no aplicativo e observação não-participante em página do *Facebook* que reúne motoristas do referido serviço, sem informar, porém, a descrição do grupo social ou dos indivíduos observados e nem o critério para tal escolha.

Outro (1), diz entrevistar 12 pessoas para discutir questões ligadas à expectativa e relacionamentos por meio digital, mas sem justificar o porquê destes indivíduos terem sido escolhidos em detrimento de outros, sem apresentar maiores características sociais dos entrevistados e nem qual foi o procedimento adotado para o recrutamento destas pessoas.

O trabalho seguinte (1) entrevista um homem imigrante que foi personagem de uma história de superação amplamente divulgada por canais de jornalismo e com dois criadores de um programa de desenvolvimento empreendedor para refugiados, cuja midiatização figuram o objeto de pesquisa da referida publicação.

Além deste, uma (1) publicação relata uma conversa com dois informantes, criadores da página de *Facebook* que figura como objeto de pesquisa do referido artigo, sem explicitar, no texto publicado, justificativas para o procedimento.

Um outro trabalho (1) entrevista quatro mulheres trans e travestis, explicitando que a seleção privilegiou a diversidade de perspectivas a respeito do objeto de estudo, centrada na posse de diferentes capitais e também considerando raça, cor, classe e nível de escolaridade e traçando uma breve descrição das informantes selecionadas, demonstrando uma perspectiva consciente a respeito da interferência desse contexto em seu processo investigativo.

Na sequência, um artigo (1) informa ter como unidade de pesquisa oito jovens de ambos os sexos, todos na faixa de 18 a 24 anos, tendo sido abordados aleatoriamente no local de pesquisa ou pelo processo de “bola de neve”, sendo que alguns contatos foram feitos através do aplicativo *WhatsApp*. Também explicita que foram entrevistados cinco adultos, a fim de entender a sua visão a respeito dos jovens estudados no contexto do objeto de pesquisa. O artigo traz uma descrição detalhada do perfil de cada um dos jovens e uma breve história de cada, sem especificar, no entanto, a razão da seleção destes indivíduos em particular dentre outros.

Outro trabalho (1) entrevista 10 jovens (duas mulheres e oito homens) entre 14 e 25 anos, moradores de zonas rurais, de famílias de produtores de tabaco onde têm mais de duas ou três gerações vivendo na mesma residência e tem relação ou posse de alguma tecnologia de comunicação. Estas famílias foram indicadas aos investigadores por meio de uma ONG local.

Além desse, uma publicação (1) expressa que tem cinco entrevistados, envolvidos com o processo da recuperação de um cinema de rua, sem explicitar, porém, quem são todos os

envolvidos, sendo que alguns nomes são citados ao longo do texto e outros, não. O trabalho não apresenta justificativa explícita a respeito da escolha destes cinco indivíduos em questão, além do fato de ficar implícita a sua direta ligação com o objeto de pesquisa.

Um outro artigo (1) analisa uma comunidade agrupada em uma *fanpage* do *Facebook* a respeito de memória de uma cidade onde se procede a uma observação dos acontecimentos nesta comunidade, sem interação. A publicação explicita entrevistar um homem, criador da referida página estudada no artigo, sem explicitar seu perfil e nem comentar a importância desta abordagem.

Um (1) trabalho mais longo explicita entrevistar mulheres, entre jovens, de 19 a 25 anos; maduras, de 30 a 57 e idosas, de 65 a 80; de classe média e média baixa. A aderência da unidade de pesquisa ao tema da publicação pode ser inferida pela leitura, mas não está explicitada a justificativa da escolha destas mulheres, em específico. O número de entrevistadas também não está descrito, mas se pode contar 12 nomes apresentados como a totalidade das informantes selecionadas. Também está descrito um perfil que revela a posição de cada uma em relação aos capitais cultural, social e econômico, apresentando uma ampla descrição.

O seguinte (1) diz que estudou um grupo de jovens em uma periferia que constitui uma comunidade cultural específica, cuja dinâmica é amplamente descrita e relacionada com a temática do texto. Embora a pesquisa demonstre proceder a uma observação de um grupo numeroso de jovens, está descrita a entrevista com apenas três deles, que se pode inferir pela contagem dos diferentes nomes dos depoentes, uma vez que o texto não esclarece o número de selecionados para a abordagem individual.

Os outros três (3) artigos não explicitam suas unidades de pesquisa, embora, com a leitura mais atenta, se possa constatar alguns parâmetros. O primeiro (1) publica que pesquisou estudantes com deficiência auditiva no Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES), mas não apresenta mais informações sobre o grupo estudado. Outro (1), afirma ter entrevistado jornalistas que já tenham editado primeiras páginas de jornais e/ou *homepages*. No texto, o investigador não informa o número, mas se pode contar 11 informantes, sendo sete homens e quatro mulheres. Não há justificativa descrita, mas se pode inferir a relação dos informantes com o tema proposto. Por fim, um artigo (1) narra uma série de aproximações a um grupo de mulheres no sertão, aponta falas de entrevistas, mas não explicita quantas delas efetivamente foram entrevistadas, em que momento e por qual motivo foram selecionadas, embora não deixe explícito os meandros que permitiram a chegada àquelas mulheres em particular.

A partir deste panorama, podemos perceber o ajustamento dos parâmetros de recrutamento aos objetivos e objetos de investigação de cada estudo publicado. Embora nem

todos descrevem no texto, os preceitos epistemológicos (McCRACKEN, 1988) podem ser aferidos a partir da leitura das publicações, que em geral, tecem relações entre teoria e escolha dos objetos. No que tange à quantidade de informantes relatada, já pontuamos que alguns autores (BAUER, GASKELL, 2014; ANGROSINO, 2008) postulam que não há um número ideal sobre com quantos sujeitos pesquisados trabalhar em cada investigação. Mesmo as estimativas numéricas sugeridas em nosso aporte teórico que ficam entre oito e 20 entrevistas (McCRACKEN, 1988; BAUER; GASKELL, 2014; RICHARDSON, 2012), não foram superadas por nenhum trabalho. A lógica dessa escolha implica a capacidade material e humana de cada projeto parece ter sido aplicada, embora nenhum dos pesquisadores justifique ou sustente teoricamente nesse sentido.

No que diz respeito à forma como os 14 artigos explicitam analisar seus dados, sete (7) apontam, em seus textos, caminhos que permitem compreender quais critérios foram analisados nos seus trabalhos, sendo que, destes sete, seis (6) apresentam parâmetros ou de categorias que tenham guiado sua análise enquanto o outro (1) lista as perguntas usadas em sua análise *a priori*. Dos 14 artigos do *corpus*, três (3) apresentam partes do texto que podem representar uma justificativa para suas análises metodológicas, sendo que, nos outros 11, não encontramos estas informações.

Neste aspecto, lembramos que McCracken (1988) coloca que o processo de análise qualitativa é um dos mais desgastantes dentre o percurso da pesquisa e, também, o menos examinado. Nosso *corpus* apresenta a perspectiva de que há preocupação em explicitar os parâmetros de análise nas publicações de artigos, embora isso não seja consenso. Quando o autor (McCRACKEN, 1988) coloca que o processo de análise diz respeito a categorizar, encontrar relações e desvelar como os entrevistados veem o mundo a respeito de um determinado aspecto, as evidências do *corpus* nos permitem pensar que esse processo é seguido pelos pesquisadores e, em grande parte, explicitado nos textos. No entanto, a especificidade de estágios de análise e detalhamento de processo, tal como sugere McCracken (1988) não é descrito pelos trabalhos componentes do *corpus* que, no máximo, apresentam suas categorias *a priori*.

O processo analítico em estudos empíricos compreende uma série de etapas que envolvem registro: que é fonte de ampla discussão a respeito da sua interferência nos momentos de investigação (BRAGA; GASTALDO. 2012; ANGROSINO, 2008; EMERSON; FRETZ; SHAW, 2012); transcrição: processo delicado, desgastante e tedioso, discutido de diversas formas por autores de metodologia (RICHARDSON, 2012; BAUER; GASKELL, 2014; McCRACKEN, 1988) que falam sobre a importância da ativação da memória do pesquisador

durante o processo de análise ou, que ainda, discutem importância de ser feito por um terceiro; e de leitura (McCRACKEN, 1988): que desempenham um papel fundamental de construir, na mente do pesquisador, a interpretação dos dados coletados em campo. Quando discutimos metodologias observacionais que têm relação direta com a fala dos informantes, também precisamos lembrar que não há neutralidade e que os parâmetros considerados para analisar os dados verbais nesta fase serão decisivos para os resultados alcançados, principalmente, se considerarmos que a realidade empírica apreendida não é coisa dada, mas é fruto de um processo cognitivo que engendra múltiplos atravessamentos (LOPES, 2010).

No que concerne aos resultados encontrados nos artigos, estes podem ser divididos entre publicações que os divulguem parcialmente ou expressem reflexões *a posteriori* de pesquisas já prontas. Na redação dessa etapa por parte dos artigos analisados, percebemos um grau significativo de ausência de objetividade, o que demanda um esforço interpretativo para compreender quais foram os resultados em cada empreitada. De forma objetivada, podemos descrever os resultados dos trabalhos da seguinte forma: o estímulo à discussão sobre a sociedade de vigilância distribuída; a abertura de uma série de *insights* para refletir a relação entre patologia e comunicação em relações afetivas; a revelação das consequências de uma característica do avanço jornalístico onde o leitor assume um protagonismo e monta a sua leitura; o desenvolvimento de uma crítica a exploração da nostalgia para fins comerciais e interesse privado; a demonstração de que a indumentária e a maquiagem são ferramentas de comunicação de identidade de gênero; o entendimento do ciberespaço como um espaço de construção de narrativas e atualizações de significados pela memória; a compreensão do desafio da pesquisa de gênero em escutar e descrever as falas dos sujeitos pesquisados; a compreensão da necessidade de articular comunicação com outras áreas para o desenvolvimento de práticas de igualdade e compreensão; a percepção de que dispositivos digitais permitem que jovens em regiões afastadas se conectem com práticas e produtos culturais compartilhados em um contexto de globalização; a demonstração das negociações simbólicas a partir da mídia na construção da ideia de um imigrante ideal a partir de práticas empreendedoras; a compreensão do celular como um artefato utilizado para encurtar distâncias no meio rural, sendo uma posse mais masculina do que feminina; o entendimento de que, apesar da atuação digital de grupos de jovens, essa presença se estende ao meio físico, à participação popular e à esfera política; a construção da perspectiva de que as telenovelas oferecem modelos de feminilidade trabalhadora que constrói autoestima mas segrega a visão do feminino numa posição de subordinação social e, por fim; a demonstração de que os modelos de ativismo no espaço digital demonstram que a política é assunto mobilizador e agregador, dando a ver uma alteração nas perspectivas de ativismo.

No que diz respeito à relação dos resultados com os objetivos expressados, também nem sempre se encontrou clareza nos textos analisados. A partir da interpretação das publicações, percebemos que os resultados contemplam os objetivos sempre que eles são expressados, embora este aspecto não seja descrito de forma clara em nenhuma das publicações,

Esse procedimento volumoso de organização das informações encontradas na totalidade do *corpus* analisado tem como objetivo traçar um panorama que conduza o leitor e enxergar a composição de nosso objeto de pesquisa na mesma dimensão que nós e, também, apresentar um panorama interpretativo dos dados levantados em relação ao seu tensionamento com nosso aporte teórico. Após essa etapa, cabe algumas considerações:

O primeiro ponto que levantamos é a questão de que a coleta dessas informações demandou diversas incursões de leituras, marcações e anotações de nossa parte para conseguirmos dar a ver as informações que estavam no texto. A busca objetiva pelas informações trabalhadas acima esbarrou, muitas vezes, nos meandros do texto, onde nem sempre ficou clara a posição dos autores sobre sua tomada de decisão metodológica. Mesmo assim, informações que dão contorno a este *corpus* podem ser identificadas. O segundo ponto é de que, no âmbito das pesquisas que utilizam metodologia observacional, o *corpus* não foge ao trinômio entrevista-observação-questionário, excetuando-se alguns trabalhos.

Assim, os 14 artigos analisados demonstram uma grande mobilização de metodologias de inspiração etnográfica. Além daqueles que explicitam o termo “etnografia”, há quem utilize metodologia que envolve a presença do pesquisador no contexto do objeto sem utilizar o mesmo nome. Outro ponto que deve ser evidenciado aqui é que as metodologias etnográficas são tensionadas, nos trabalhos analisados, com o problema da observação de comportamento em redes digitais. Vale pontuar, também, a incidência de questões relacionadas ao mundo rural e sua relação com as novas tecnologias de comunicação.

No que segue, trataremos de uma técnica específica de investigação, que aparece com destaque em nosso *corpus*, estando presente na totalidade dos artigos analisados. A entrevista se apresenta, nesta pesquisa, como metodologia central e articuladora dos esforços de pesquisa observacional. O subcapítulo seguinte trata de demonstrar como esta técnica se expressa nos 14 artigos analisados.

3.2. Uso da técnica de entrevista

Nesta etapa, tratamos da especificidade da técnica de entrevista no contexto das metodologias observacionais. Trataremos de demonstrar como os 14 artigos componentes do *corpus* expressam, justificam e articulam a entrevista como técnica de pesquisa. Esperamos, ao fim, identificar que tipo de subsídios fundamentam a utilização da entrevista e como se dá seu desdobramento técnico.

Lembramos que a entrevista é expressada com proeminência pelo *corpus*, sendo que é utilizada como técnica nos 14 artigos que o compõem. De forma mais ou menos objetiva, todos os artigos explicitam o seu uso, sendo que apenas dois (2) artigos não utilizam o termo “entrevista” em nenhuma parte do seu trabalho, embora relatem conversas com informantes e utilizem os termos “entrevistado” e “entrevistada” para se referir aos sujeitos pesquisados.

Percebemos que podemos separar em duas categorias as entrevistas encontradas nos artigos analisados: a primeira diz respeito às entrevistas que são usadas no trabalho de investigação da relação dos sujeitos com as mídias e com os processos de comunicação a fim de entender os desdobramentos produzidos por estas relações e por esses espaços de construção de subjetividade e produção de sentido. Essa categoria é aquela que faz uso ou se inspira nos métodos etnográficos de investigação, buscando revelar subjetividades através das falas dos sujeitos. Na segunda categoria, residem aquelas entrevistas que buscam consultar os sujeitos a respeito de sua participação em algum acontecimento midiático investigado, como criadores de páginas no *Facebook*, mobilizadores de movimentos sociais, etc., a fim de entender mais a respeito dos eventos e processos produtivos em si, e não exatamente a relação dos sujeitos com um produto, meio ou processo de comunicação. Esse aspecto pode ser compreendido à luz das colocações de Vilela e Gastaldo (2006) que postulam a diferença entre entrevistas estruturadas e semiestruturadas daquelas etnográficas. Para os autores, esta primeira busca a compreensão a partir dos termos e visão dos próprios pesquisadores, sendo que a segunda está preocupada em captar as experiências dos entrevistados. Vale salientar que essa tipificação não está explicitada em nenhum dos artigos analisados e diz respeito à nossa interpretação dos achados.

No *corpus* analisado, nove (9) dos 14 artigos levantados utilizam o primeiro tipo de entrevista, contendo publicações nos GTs de Comunicação e cibercultura, Comunicação e cidadania, Consumos e processos de comunicação e Recepção. No que diz respeito ao tema de cada um deles, dois trabalhos (2) investigam a questão do uso de tecnologia de comunicação por jovens fora das metrópoles e ambos postulam a complexidade das entrevistas na investigação das subjetividades envolvidas nesses processos, desbravando detalhes sobre

significados e sentidos. Um (1) dos que utilizam esse tipo de entrevista comenta que seu objetivo é analisar o modo que determinados usuários de um serviço interpretam as notas dadas e recebidas no sistema de avaliação, buscando entender os sentidos produzidos nessa relação. Outro trabalho (1) busca tecer um raciocínio para pensar a patologia do amor e os modos contemporâneos de comunicação no contexto dos aplicativos de conversa interpessoal, investigando este aspecto sob a luz do conceito de regulação emocional, buscando seus dados na interlocução dos informantes que contam suas experiências. Um artigo (1) objetiva compreender relação de vivência, em ato, de formas de se comunicar entre uma comunidade específica, porém, sem esclarecer como faz uso da entrevista para tanto. Outro (1), ainda, busca entender como são construídos vínculos sociais e políticos entre jovens de uma comunidade, que, à parte dos encontros presenciais, se mobiliza por grupo em aplicativo de conversa, gerando uma construção de vínculo que é investigada pelos pesquisadores nas conversas individuais. Um texto (1) comenta que seu objetivo é analisar a expressão de identidade de gênero pelo vestuário e entende a entrevista como uma forma de identificar significados que se constroem social e historicamente se relacionam com a subjetividade e sociabilidade e procede à entrevista com sujeitos travestis e transexuais. Uma publicação (1) busca compreender a relação de um grupo de mulheres com o *Facebook* e para tanto descreve um processo de entrevista delicado, que busca sentidos ocultos por uma camada de constrangimento e costumes que passa a ser revelado a partir de uma improvisação do pesquisador. Outro trabalho (1) demonstra a questão da novela com diversas classes sociais buscando as sutilezas de construção simbólica nos diferentes ambientes e faz sua investigação com mulheres de diferentes camadas sociais e faixas etárias.

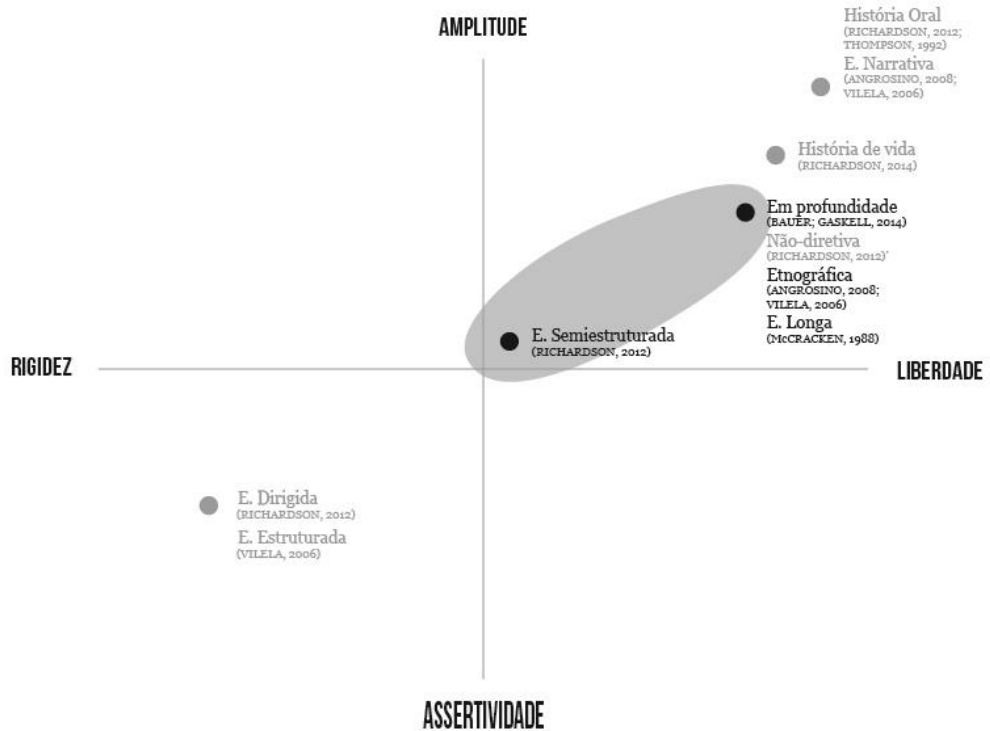
Dos 14 artigos que compõem o *corpus*, cinco (5) deles utilizam o segundo tipo de entrevista e estão publicados nos GTs de Comunicação e Cidadania, Comunicação e Política, Estudos de Jornalismo e Memória das Mídias. A respeito dos temas escolhidos, um trabalho (1) busca refletir a respeito das oportunidades de imigrantes refugiados constituírem espaços de cidadania, onde as entrevistas realizadas contribuem para compreensão de dinâmicas e das trajetórias de cidadania e migrações internacionais e o faz através da narração de três sujeitos que explicam os processos e as oportunidades produzidas para tanto a partir da mídia. Outro (1) busca, no diálogo com criadores de um movimento de protesto no *Facebook*, compreender as novas formas de ativismo e utiliza as entrevistas para descobrir quais os obstáculos e oportunidades constituem o movimento em sua criação. Um texto (1) elabora uma pesquisa a respeito das mudanças na prática de leitura de notícias *online*. Para isso, entrevista trabalhadores deste segmento a fim de entender os impactos dessas mudanças sobre a perspectiva de quem

está na rotina de produção jornalística, traçando uma conclusão que descreve o papel dos entrevistados no processo investigado. Da mesma forma, procede outro artigo (1) que investiga a produção de sentido em uma página do *Facebook* e utiliza a entrevista do seu criador para apanhar a sua percepção quanto à dinâmica das publicações e manutenção. Processo similar ao acontece em um texto (1) que estuda um movimento social e entrevista os seus articuladores para entender os meandros burocráticos e administrativos que compreende o desenvolvimento do movimento.

Buscando entender como os artigos do *corpus* apresentam e explicitam a tipificação da entrevista, mapeamos os diferentes tipos que aparecem nas publicações analisadas, como elas são comentadas e como se dá sua articulação nos trabalhos. Dos 14 artigos, sete (7) denominam sua técnica apenas como “entrevista”, sem descrever a definição da técnica que defendem e em quais parâmetros acreditam. Como vimos na etapa teórica deste trabalho, a tipificação das técnicas de entrevista é pouco objetiva e compreende um amplo espectro de recomendações, pontos de vista formas de atuação. Nos dados encontrados em nosso *corpus*, percebemos que essa tipificação não é uma busca frequente e assertiva. Inclusive, entre os artigos analisados, dois (2) não utilizam a palavra “entrevista”, embora deixem claro a articulação de interlocução individual com os sujeitos, sendo que um deles apresenta resultado de suas conversas e outro utiliza a metodologia de “retratos sociológicos”, que implica em conversas individuais com sujeitos pesquisados, pautados por uma perspectiva sociológica que orienta este procedimento. Os outros cinco (5) trabalhos restantes denominam o seu tipo de entrevista cada um de uma forma: “entrevista em profundidade”, onde o pesquisador aponta que o procedimento ajuda a compreender questões que não ficam claras em uma etapa quantitativa, definição distinta à proposição de ; “entrevista etnográfica”, que o trabalho expressa como uma possibilidade de pormenorizar detalhes; “entrevista semiestruturada”, onde o texto não apresenta sua concepção do termo, mas aponta uma bibliografia em nota de rodapé; “longa entrevista”, onde a publicação aponta ser um método que permite ter relatos aprofundados; e “entrevista semi-dirigida”, que o artigo aponta como uma forma de entender amplas dimensões de um determinado problema.

Na tentativa de estabelecer um mapeamento dos tipos de entrevista utilizados no *corpus* em relação àquele levantado em nossa etapa teórica, a figura abaixo apresenta, visualmente, esta relação. Temos em cinza claro o levantamento previamente feito a partir do arcabouço teórico e, em preto, os tipos de entrevista encontrados nos 14 artigos que analisamos.

Figura 2: Tipificação da entrevista em relação ao *corpus* analisado



Fonte: elaborado pelo autor, inspirado em Richardson (2012)

Assim, quando direcionamos nosso olhar para a construção metodológica daqueles cinco (5) trabalhos que explicitaram o tipo de entrevista, algumas vezes foi possível encontrar respaldo teórico na fundamentação e tipificação, mas não foi possível identificar etapas do procedimento metodológico. O artigo que apresenta “entrevista etnográfica” desenvolve uma explicação contando o objetivo da técnica em parâmetros próximos ao que apresentam Angrosino (2008) e Vilela (2006), embora não cite esses autores, denotando a escolha por esse tipo de entrevista pela necessidade de aprofundar em detalhes de significado e sentido através da fala dos sujeitos pesquisados. O trabalho que apresenta uma entrevista do tipo “semiestruturada” cita Richardson (2012) como fonte de embasamento, embora este autor não trate desse tipo de entrevista na obra referida. Quando um dos artigos informa utilizar, como aporte metodológico, a “longa entrevista” como em McCracken (1988), não apresenta que aspectos dessa tipificação contribuem para o objetivo, justificando o tempo disponível para o projeto como a razão dessa escolha técnico-metodológica. O artigo que descreve utilizar “entrevistas semi-dirigidas” não explicita o que entende pela técnica e não encontramos material suficiente para estabelecer um mapeamento teórico da sua abordagem. Podemos perceber, pela Figura 2, que os artigos componentes do *corpus* que informam a tipificação de

entrevista tendem a ocupar um espaço de liberdade e amplitude moderadas, em relação à totalidade dos tipos de entrevista que mapeamos. Levando em consideração a relação de cientificidade e necessidade que ainda se tem de estruturar as pesquisas no campo da Comunicação em parâmetros mais cartesianos, frutos da herança ferramentalista que denuncia Lopes (2001).

Nesse sentido, sabemos que a qualidade da construção metodológica não está diretamente relacionada com a aplicação de modelos metodológicos, afinal, estes são sempre provisórios e estão sujeitos às demandas epistemológicas de cada pesquisa (LOPES, 2001). No entanto, acreditamos que a ausência da descrição desse embasamento para as escolhas dos tipos de entrevistas a serem aplicadas, seja a partir de um autor, de diversos autores ou das demandas específicas de cada problema, demonstra, outra vez, que ainda existe espaço para discutir a importância do compartilhamento da construção teórica, tanto para dividir as possibilidades com outros pesquisadores e, também, para estruturar a relevância dos resultados alcançado com cada pesquisa. Ainda sobre este aspecto, destacamos um dos dois trabalhos que não utiliza a terminologia de entrevista, mas de “retratos sociológicos” e apresenta uma potente fundamentação teórica ancorada em Lahire (2006) ao estabelecer as razões de optar por este método, embora não apresente os modos como aconteceu essa abordagem. O outro trabalho, no entanto, além de não utilizar a nomenclatura “entrevista” para seu procedimento, tampouco explicita seu processo.

Mais uma vez nos sentimos impelidos a retomar a questão da vigilância epistemológica. Dessa vez, com foco na utilização da entrevista como técnica de pesquisa. Como vimos na construção teórica, existe uma profusão de nomenclaturas, orientações, manuais, reflexões, tipificações e orientações que constroem trilhos teóricos e epistemológicos par a aplicação da entrevista dentro do contexto de pesquisa científica em Comunicação. O que o *corpus* nos demonstra é que essa reflexão metodológica não é praxe do campo e ainda carece de mais consciência a respeito do seu papel na construção dos resultados de pesquisa. No que tange à especificidade da publicação de artigos científicos, acreditamos que a complexidade reflexiva demandada pelo trabalho com entrevistas, enquanto abordagem técnica, não deveria ficar obscurecido pela limitação e espaço, mas deveria ter suas especificidades discutidas a fim de dar a ver as escolhas que construíram os resultados bem como fomentar a discussão metodológica da área, que, como já vimos, carece desse movimento.

No que concerne à questão técnica da aplicação da entrevista, nenhum dos textos apresenta e nem justifica construção de roteiros ou tópicos-guia para a realização das suas entrevistas, como as que propõem Bauer e Gaskell (2014), Richardson (2012, McCracken

(1988) e Vilela (2016). Acreditamos que a partir da reflexão a respeito da construção dessas etapas, se desenvolve grande parte das escolhas que determinarão o andamento de todo o processo investigativo e, portanto, nossa preocupação recai sobre a percepção de que o *corpus* apresentado evidencia que estes parâmetros não são considerados prioridades para a publicação em artigos.

Assim, à parte das limitações de espaço do artigo científico, o *corpus* não expressa consistência na construção e uma parametrização do que poderia ser, em termos teóricos e metodológicos, a entrevista enquanto técnica científica, ou seja, seus parâmetros, seus limites e suas complicações. Se, por um lado, a flexibilidade do pesquisador em relação às demandas do seu problema e objeto têm grande valor (FERRARA, 2010), como discutimos na etapa teórica, por outro, a falta de utilização de um levantamento teórico que oriente sobre as possibilidades técnicas da entrevista pode abrir precedentes para problemas já discutidos por teóricos da área no que diz respeito à ausência da dimensão reflexiva na operação metodológica (BONIN, 2008; 2012; LOPES, 2001; 2010; FERRARA, 2010). Na medida em que avançamos no processo de análise nessa pesquisa, mais importante nos parece discutir a presença da reflexividade observável na publicação de artigos científicos.

Percebemos, portanto, uma construção de objetos científicos pautados pelas dimensões, às vezes teóricas e às vezes empíricas dos contextos estudados. Os parâmetros de cuidado com a teia epistemológica (LOPES, 2001; 2010; BONIN, 2012) foram averiguados na descrição de alguns trabalhos, embora tenhamos percebido que a explicitação de fatos que levem a conclusão de que os pesquisadores estão atentos a essa questão não parece ser um ponto de grande relevância na hora de escolher o que compartilhar no pequeno espaço dos artigos científicos.

Outro ponto que merece destaque é que existe uma diferença, no que diz respeito à forma de olhar para os informantes, entre artigos que utilizam e que não utilizam bibliografias de autores que expressam o trabalho da etnografia. Os artigos que descrevem sua metodologia como etnográfica e apontam leituras que norteiam esse processo, revelam com maior clareza a sua reflexividade a respeito deste processo de aproximação às pessoas, dos ângulos de abordagem e questionamento, das possíveis fragilidades dos envolvidos e das consequências das reflexões trazidas nos momentos de interação entre pesquisador e pesquisado. Já, nos trabalhos onde não há fundamentação teórica para a abordagem etnográfica, percebemos que o foco do texto reside na reprodução das falas num sentido informativo, onde os sujeitos entrevistados atuam como testemunhas de um determinado fato, explicando os processos e os desdobramentos de tal evento, sem falar no entanto, a partir de uma dimensão dos sentimentos, reflexões e produções de sentido decorrentes do assunto discutido. McCracken (1988) e Vilela

(2006) abordam esta questão quando falam do lugar do pesquisador no processo de pesquisa. A autora lembra que não existem meios para se excluir a interferência do pesquisador e que o mais produtivo para o processo de pesquisa é utilizá-la enquanto ferramenta investigativa (VILELA, 2006). Nos textos analisados, percebemos, pela incidência de alguns casos, que essa consciência nem sempre está publicada e descrita nos artigos o que levanta a questão sobre os modos como as falas de sujeitos pesquisados e a sua aproximação ao ferramental de pesquisa são compreendidos por parte dos pesquisadores. McCracken (1988) aponta sobre o papel do pesquisador dizendo que é seu trabalho estar atento a presunções e implicações que não virão à margem na conversação para desenterrá-las a partir de uma conversa meticulosa. Esses aspectos que dizem respeito à consciência – e a falta dela – sobre a intervenção da subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa, pôde ser observado no *corpus* analisado, como veremos na etapa seguinte.

Ao final desta etapa, percebemos que, embora alguns artigos descrevam, brevemente, a sua intenção com o uso da entrevista, nem sempre a tipologia escolhida tem a sua especificidade fundamentada como parâmetro de escolha para sua utilização. Embora nosso levantamento teórico tenha demonstrado que o arcabouço utilizado pelos artigos do *corpus* compreende uma grande variedade de tipos de entrevista e que as obras utilizadas como embasamento demonstrem uma série de recomendações e reflexões sobre o processo de entrevistas, o respaldo a este conhecimento não parece encontrar espaço na publicação dos artigos, a se notar pela evidência de alguns trabalhos apenas nomearem a técnica como “entrevista”, sem demonstrar consciência sobre a sua complexidade e variedade de operações.

Entendendo a importância do pensamento do pesquisador sobre si mesmo e sobre o seu papel, dentro do campo científico e em relação com os sujeitos que investiga, ou seja, a dimensão reflexiva no processo de escolhas metodológicas na pesquisa científica (LOPES, 2001; 2010; JACKS, 2018; FERRARA, 2010), a próxima etapa busca encontrar, no *corpus* analisado, pistas para a existência da reflexividade a respeito da relação dos pesquisadores com seus interlocutores, da sua intervenção dos ambientes e da sua consciência a respeito das implicações decorrentes disso.

3.3. Interlocação com informantes

Nesta etapa, tratamos da relação dos pesquisadores com os sujeitos pesquisados e, também, sobre a sua consciência desta prática relacional. Através do panorama que emerge

neste *corpus*, procedemos à problematização desta intrincada relação. A partir dos 14 artigos que o compõem, buscaremos compreender o contorno que ganha o sujeito pesquisado e de que forma pesquisador e pesquisados se relacionam neste contexto de pesquisa qualitativa.

A respeito das nomenclaturas utilizadas para denominar os pesquisados, três (3) artigos se referem como “entrevistado”, “entrevistada”; Dois (2) se referem como “informante”. Outras nomenclaturas utilizadas foram “atores”, em um caso (1); “interlocutoras” (1), em outro caso; “integrantes” ou “jovens”, em um artigo (1) que ambos os termos para se referir aos sujeitos que investiga. Seis (6) publicações, no entanto, não utilizam nenhum termo para se referir aos participantes de sua pesquisa. A respeito deste aspecto, em nossa etapa teórica percebemos que, apesar da profusão de recomendações sobre as formas de articular um processo de entrevista, essa técnica encontra, como denominador comum, a construção de um olhar consciente a respeito da relação com os sujeitos entrevistados. Ferrara (2001) discute amplamente como a questão da nomeação é crucial no processo de pesquisa pela sua força ao construir conceitos e materializar ideias em situações onde se produz um raciocínio abstrato. Ao olhar o que os dados levantados nos artigos nos mostram, percebemos que o processo de nomeação dos sujeitos pesquisados não encontra uma reflexão explicitada e segue apenas uma necessidade prática. Acreditamos ser evidente que, para a compreensão do leitor e a publicação de um estudo, este fator não apresenta grandes prejuízos ao resultado encontrado, mas achamos pertinente pontuar esta problematização uma vez que ela diz respeito à reflexividade, questão que, como já demonstramos, é de grande importância para o pensamento teórico-metodológico.

Assim, a partir da leitura dos 14 artigos, emerge uma perspectiva de objetivação na descrição do perfil por parte da maioria das publicações, que acreditamos contribuir para o cenário de desvalorização da dimensão metodológica em pesquisas do campo da Comunicação. De maneira geral, a apresentação do perfil é construída a partir de um recorte etário e de gênero, onde, como já vimos, nem sempre se justificou essa escolha. Apesar desse cenário, três (3) trabalhos se destacam pela descrição detalhista e preocupada com a apresentação da subjetividade dos sujeitos pesquisados. As descrições vêm na forma de: apresentar uma comunidade contextualizando sua realidade social, as características emocionais que engendram a sua relação social e sua atuação política; apresentar um grupo de mulheres dando a ver a interferência da sua subjetividade na reflexão das escolhas metodológicas que contemplem a especificidade da sua realidade social e emocional e, por fim; na descrição de comunidades rurais e das estratégias necessárias para dar conta de englobar suas demandas subjetivas no aporte metodológico. Vale destacar que os artigos que demonstram essa preocupação em uma descrição que transcende a objetividade são aqueles que utilizam uma

abordagem antropológica mais sólida e reflexiva na dimensão teórica. Acreditamos que essa atenção à descrição detalhada dos pormenores contextuais levados em consideração a respeito dos sujeitos pesquisados demonstra a compreensão de que todo processo de entrevista se trata de uma relação (RICHARDSON, 2012; THOMPSON, 1992; BAUER; GASKELL, 2014) e que para construir esse dado qualitativo, é necessária uma imersão na realidade do entrevistado. Essa atitude consciente a respeito das realidades complexas engendradas no processo de pesquisa observacional é justamente o contrário do que criticam Lopes (2001) e Rosseti (2010) quando postulam a ideia de empirismo grosseiro. No caso desses três artigos observados, o que percebemos é uma consciência que contribui para a construção do objeto científico a partir de uma reflexividade que é explicitada no texto publicado, embora não seja, explicitamente, nesses mesmos termos.

Além da nomenclatura escolhida, buscamos entender o olhar que os informantes recebem no conjunto de artigos que compõem nosso *corpus*. Em aspectos gerais, os artigos analisados traçam uma relação que é, ora distante, ora próxima àqueles sujeitos investigados. O artigo, como sabemos, é um espaço de escolhas onde a limitação do tamanho do texto impõe uma importante decisão ao pesquisador. Os artigos levantados no GT de Recepção e no GT Consumos e processos de comunicação apresentam unanimemente essa preocupação em explicitar o contexto dos entrevistados, demonstrando uma certa preferência pelo olhar mais antropológico nas publicações selecionadas destes GTs. Nestes textos, temos evidências sobre as realidades sociais, descrição física, em alguns casos, do contexto geográfico, social e urbano onde se desenrolam os trabalhos. Artigos levantados nos GTs de Comunicação e Cidadania e Comunicação e Cibercultura também apresentam características semelhantes. Como já explicitamos anteriormente, há interlocutores que revelam o seu olhar sobre o sujeito com preocupação e consciência a respeito da sua interferência e as possíveis fragilidades sociais às quais eles são infringidos e que dizem respeito também à aproximação do pesquisador na condição de observador destes contextos. Entendemos essa característica como um olhar mais próximo e cuidadoso com os sujeitos entrevistados. Retomamos Thompson (1992) que salienta a importância de entender a multiplicidade da linguagem presente na expressão de uma fala que não se limita à dimensão denotativa, mas está atenta às diversas organizações de discurso e expressão corporal presentes na hora da entrevista. A explicitação do contexto social e urbano, das histórias de vida e das relações com os sujeitos pesquisados, presentes nos 14 artigos do *corpus*, demonstram o entendimento, por parte dos pesquisadores, de que outros aspectos que transcendem a fala são, também, atravessamentos constitutivos desse dado qualitativo.

Dessa forma, vale pontuar a perspectiva que surge no *corpus* no que diz respeito aos atravessamentos produzidos pela interferência do pesquisador no contato com os sujeitos e pesquisados, aspecto que caracteriza a dimensão reflexiva dos artigos e pode nos demonstrar os modos de olhar aos sujeitos explicitados pelos pesquisadores. Dos 14 artigos, seis (6) informam fazer uma reflexão nesse sentido. Um (1) trabalho demonstra sua perspectiva descrevendo em seu relato sobre a necessidade de delicadeza da abordagem pelo fato da fragilidade que seu grupo de entrevistados apresenta no contexto social, emocional e econômico em que se encontram. Outro (1) revela sua percepção sobre a sua interferência no campo ao chamar a da comunidade estudada pela sua presença incomum àquela realidade. Um (1) artigo descreve a consciência a respeito do papel de pesquisador como uma interferência na fala dos seus interlocutores, onde os dados desse processo são também resultado de sua presença. Outro (1) trabalho expressa consciência de haver um relacionamento entre sujeito e objeto, em termos físicos, da presença e, também, em termos históricos, de lugar social e, portanto, defende uma pesquisa de participação no cotidiano do objeto como uma bandeira política. Um (1) artigo que analisa uma comunidade online diz que opta por estabelecer uma participação mais discreta, sabendo que a presença dos pesquisadores afeta o objeto de estudo. Outro (1) trabalho destaca o atravessamento causado pelas experiências prévias dos pesquisadores em um ambiente que, para eles era desconhecido durante o processo de investigação, pontuando a consciência da construção de subjetividade nesse processo relacional.

A explicitação da consciência a respeito do lugar do pesquisador é um ponto que converge para a crítica sobre a reflexão metodológica, tantas vezes retomada neste estudo. O *corpus* analisado mostra que, embora os detalhes estruturadores da pesquisa nem sempre sejam evidenciados, os pesquisadores encontram espaço para evidenciar sua consciência a respeito do tratamento dos sujeitos. Richardson (2012), Angrosino (2008) e McCracken (1988) elaboram uma intrincada série de recomendações sobre como abordar os sujeitos sem constrangê-los, sem induzi-los a terminologias ou respostas esperadas, deixando-o à vontade para expressar-se livremente e auxiliando-o na exploração de sua memória em função dos objetivos de pesquisa. Estes aspectos não foram identificados nas publicações de artigos analisados, mas consideramos importante ressaltar que a consciência dos pesquisadores a respeito de sua interferência no processo de entrevista são evidências que vão ao encontro do que recomenda grande parte de nosso aporte teórico (McCRACKEN, 1988; THOMPSON, 1992; ANGROSINO, 2008; FERRARA, 2010; LOPES, 2001; 2010; RICHARDSON, 2012)

Há, também, outra questão que diz respeito à aproximação do pesquisador aos pesquisados que é a ética do trabalho de pesquisa social. Entre as 14 publicações analisadas,

nenhum pesquisador cita as questões dispostas na resolução 510/16 do CNS que trata dos parâmetros éticos para a realização de pesquisa em Ciências Sociais, tais como o reconhecimento da vulnerabilidade e a concessão dos pesquisados de forma livre e esclarecida. Estes pontos, embora sejam obrigatórios na realização de cada estudo, também não figuram entre o interesse dos pesquisadores em divulgar nas publicações de artigos. Embora haja importantes discussões sobre a melhor forma que a regulamentação da ética pode contribuir para as boas práticas de pesquisa, os parâmetros estabelecidos pelos órgãos de saúde têm relação com a questão da reflexividade, que se desenha neste estudo, uma vez que a resolução 510/16 da CNS trata da relação de vulnerabilidade dos sujeitos submetidos ao processo de pesquisa. Essa vulnerabilidade abrange vários níveis, como aponta a resolução na vigésima sexta seção do primeiro artigo. Podem ser de ordem individual, psicológica, econômica, cultural, social e/ou política, dependendo do tipo de relação e da colocação social e psicológica dos participantes. Assim, é responsabilidade do pesquisador reconhecer o lugar de seus sujeitos pesquisados e propiciar a eles conforto e garantia de que a sua participação na pesquisa não lhes causará nenhum dano.

Assim, a partir do levantamento deste panorama que se expressa no *corpus* levantado, constatamos de que forma se articulam as metodologias observacionais e, principalmente, a entrevista, nos artigos publicados pelos anais da COMPÓS 2017. Podemos perceber, finalmente, que os pesquisadores se preocupam com a natureza prismática dos atravessamentos que compõem o seu objeto e, portanto, constroem um rol de técnicas para dar conta das diversas faces que os seus problemas impõem. Embora nenhum dos artigos explicita esta questão, a recomendação que aparece em Lopes (2010) parece estar incorporada às práticas de pesquisa, como demonstra nosso recorte.

Como podemos ver, grande parte dos trabalhos estabelece relação com os métodos de inspiração etnográfica, articulando observação e entrevista, na maioria dos casos. Além disso, também observamos a utilização de enquetes e/ou formulários. Assim, no que concerne às articulações técnicas, constatamos que os 14 artigos analisados não expressam, em sua maioria, consciência ou consideração a respeito do impacto dessa etapa da escolha nos resultados das suas pesquisas a partir do fato de que muito pouco desse detalhamento é compartilhado nessas publicações. Os detalhes constitutivos das técnicas observacionais empregadas têm fundamental importância na construção dos resultados das pesquisas empíricas em Comunicação e acreditamos que a discussão a respeito dessas práticas é fundamental para a construção da qualidade em nosso campo.

Assim, isso nos leva a pensar na reflexividade, que aparece no *corpus* de forma relativamente expressiva. O fato de a limitação de tamanho dos artigos impor escolhas difíceis aos pesquisadores, ajuda a demonstrar que aspectos das pesquisas são tomados como mais relevantes. Pelo panorama que se desenha no conjunto dos 14 artigos que analisamos, percebemos que a questão da consciência do pesquisador que opta pela abordagem observacional a respeito de sua presença no campo nem sempre é uma problematização centralizada por eles, ainda que a evidência de algumas manifestações nesse sentido demonstrem que o pensar reflexivamente não seja uma prática totalmente omitida. A importância desse aspecto se dá na compreensão de que o processo de pesquisa em Comunicação é fundamentado na complexidade de olhar para o outro, compreendendo que tipo de manifestações e produções de sentido acontecem em determinadas relações de pessoas e comunidades com os meios de comunicação (FERRARA, 2010). Dessa forma, acreditamos que explicitar essa consciência nas publicações científicas não se restringe a fins de avaliação da pertinência e seriedade dos trabalhos, mas também ao processo pedagógico que se dá a partir do compartilhamento das informações e das decisões tomadas.

Cabe retomar a noção de que a nossa análise está focada nas publicações de artigos científicos aqui levantados, entendendo que estas expressões são recortes, muitas vezes, de outros estudos. Nosso foco recai sobre as práticas de publicação, entendendo que o desenvolvimento da ciência, a ampliação das discussões e a construção paulatina de novos modos de refletir sobre o problema da Comunicação recai no compartilhamento dos aprendizados produzidos em cada estudo. Considerando os formatos de publicação disponíveis em nosso sistema de divulgação e profusão das práticas científicas, entendemos que o artigo é um espaço de destacada relevância para a produção da discussão científica.

Assim construímos um mapeamento dos dados levantados a partir da leitura (e releituras) dos artigos componentes de nosso *corpus*. A riqueza de informações que contém esse processo é fonte de aprendizados que consideramos importantes e, o recorte aqui feito, busca dar conta dos objetivos previamente expressados, articulando parâmetros antes definidos e explicitados nessa dissertação e também trazendo à tona aquilo que capturou nosso olhar e que não tinha sido previamente planejado enquanto parâmetro de análise.

Neste Capítulo, construímos os achados do *corpus* levantado com nosso problema de pesquisa à luz do arcabouço teórico desenvolvido no Capítulo dois. Construímos um raio-x dos 14 artigos que compõem este estudo, compreendendo os aspectos constitutivos, os pontos em comum e as exceções de cada um. A partir disso, aprofundamos nosso olhar para a dimensão metodológica das publicações, encontrando a proeminência do uso de entrevista e a sua

produção teórico-metodológica no *corpus*. Encontramos um panorama que contribui para reforçar a crítica já existente sobre a ausência de reflexão epistemológica nos estudos do campo da Comunicação. Apesar disso, ao avaliar a questão da reflexividade presente nos artigos publicados, encontramos algumas expressões potentes, embora em quantidade pequena, dada a importância que compreendemos ter no contexto de pesquisa empírica observacional que compreende contato com os sujeitos. No que toca as metodologias de entrevista, percebemos que seu uso é pouco amparado na ampla variedade de publicações existentes que contribuem para garantir a qualidade da aplicação desse método. Os dados dos 14 artigos analisados demonstram uma perspectiva que, muitas vezes, não parece dar conta da complexidade do trabalho de entrevista, que demanda muita atenção, reflexão, concentração preparação e técnica. Todos os processos, desde a escolha dos perfis, abordagem, recrutamento, construção de roteiro, efetiva condução da entrevista e análise dos dados deve passar por um rigoroso crivo teórico-metodológico para que se garanta a qualidade dos resultados encontrados.

Acreditamos, portanto, que omitir parte dos diversos procedimentos de uma pesquisa é ignorar a dimensão de sua complexidade e importância para o trabalho científico em nosso campo. A reflexividade, conforme colocada por Lopes (2010), é o preceito fundamental para construir uma perspectiva crítica a respeito das articulações metodológicas no processo de construção da pesquisa científica. É a partir do processo reflexivo que se desenrolam os meandros da operacionalização metodológica no contexto da complexidade do objeto da Comunicação, que demanda muito mais do que a repetição de uma receita, dado que se trata de uma construção crítica, pautada nas contradições das relações humanas. Mesmo compreendendo a dificuldade em pormenorizar as diversas fases das pesquisas em artigos científicos, onde o espaço de redação é limitado, a ausência expressão da consciência e da execução de um procedimento epistemologicamente intrincado como é a entrevista demonstra uma abordagem inconsiderada, demonstrando que ainda temos espaço para avançar nessa questão. A preocupação de enxergar a ausência desse processo reflexivo no tipo de publicação que mais circula no meio científico acende o alerta para a ocorrência de um *habitus* onde a metodologia é apartada de sua dimensão reflexiva a partir da produção e do consumo dos relatórios científicos. Se essas práticas estão presentes na rotina dos pesquisadores mais experientes cujo treinamento construiu com solidez o hábito do pensamento reflexivo em relação à construção metodológica, lembramos que não são todos os estudantes, em fase de formação, que têm acesso aos mestres mais bem preparados e experientes no campo e que, principalmente, não é nessa única dimensão que deve estar focada a formação de um pesquisador. Portanto, o papel da descrição do processo reflexivo nos artigos científicos é

pontuado em nossa dissertação como sendo de grande relevância para a construção da prática científica, demandando ampliação da sua discussão e, principalmente, da sua prática nas publicações do campo da Comunicação.

Assim, no Capítulo quatro, que segue, encaminhamos as últimas considerações a respeito desse estudo que buscou dar a ver a complexidade que constitui p processo de construção metodológica no campo da Comunicação, com foco nas publicações de artigos científicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação de mestrado trouxe aprendizados relevantes para nossa formação e, esperamos, também para a área da Comunicação. A questão da vigilância epistemológica e os meandros que envolvem a discussão a respeito da metodologia dentro do complexo cenário que permeia os estudos do campo são pontos de interesse constante por parte do autor, que, além da dimensão acadêmica, também atua com o trabalho de pesquisa na dimensão profissional. O contato com os sujeitos sempre foi objeto de grande curiosidade e interesse, pois, metodologicamente, apresenta um desafio ímpar de conciliação entre a parametrização científica e a complexidade do ser humano em relação. Ao fazer uma imersão no assunto da discussão metodológica, fizemos uma série de descobertas e respondemos questionamentos a respeito do trato dado pela área a esse assunto. É importante salientar que, dado o que aparece nas publicações dos artigos analisados e levando em consideração a demanda de qualidade da COMPÓS, podemos entender que os resultados dessa dissertação expressam os interesses e desinteresses da área a respeito do tema escolhido.

Neste sentido, defendemos a importância de promover o diálogo entre as pesquisas de Comunicação. Discutir a respeito do que está sendo produzido pelo campo é lançar luz sobre nossa própria produção no sentido de construir novas inspirações, não repetir erros já aprendidos e se munir de subsídios para traçar melhores rotas em direção aos objetivos propostos. Braga (2018) diz considerar que os pesquisadores da Comunicação debatem pouco, comparado com a riqueza do acervo que temos à nossa disposição. O autor atenta para o fato de que a ausência do debate é o “pensamento em círculos”, onde deixamos de aproveitar todo este capital acumulado para a experiência mútua.

Esse trabalho encontrou como principal dificuldade a escolha de um *corpus* que fosse representativo do problema que escolhemos resolver. Pensar as metodologias no âmbito da pesquisa científica no contexto de uma dissertação de mestrado impõe o desenvolvimento de uma estratégia capaz de conciliar tempo, profundidade e pertinência no estudo realizado. Além disso, também destacamos a profusão de literatura a respeito da técnica de entrevista que foi levantada, engendrando uma complexa categorização de sua tipologia para dar conta do problema proposto.

Os objetivos traçados no começo desse trabalho foram alcançados, em nossa perspectiva. Os aspectos propostos no capítulo introdutório dessa dissertação foram contemplados ao longo do seu desenvolvimento e, a partir de agora, trataremos de verificar cada um dos pontos.

Esse trabalho, portanto, descreve uma análise da expressão das metodologias observacionais na publicação de artigos científicos que explicitem pesquisas com abordagem direta a sujeitos no evento COMPÓS 2017. Na Introdução, expressamos a identificação do *corpus*, dentro do universo de 170 artigos, selecionando aqueles 14 que expressaram fazer uso de metodologias observacionais, que consistia em nosso primeiro objetivo específico. Em seguida, identificamos nos artigos, a sua contextualização em termos de objeto, teorias, metodologias e resultados. Percebemos que os objetos são diversificados, mas que o contexto digital permeia grande parte das construções encontradas nos artigos selecionados. Também, produzimos um mapeamento das teorias utilizadas, com destaque para a utilização da entrevista, que ganhou proeminência na leitura dos artigos. Além disso, também produzimos um mapeamento das metodologias utilizadas, seus modos de uso, suas justificativas – ou ausências de justificativas – bem como uma apresentação dos resultados que cada trabalho expressou lograr. As justificativas e aportes epistemológicos da metodologia compunham nosso último objetivo específico, que foi alcançado na identificação da não-priorização da explicitação dos aspectos técnicos e metodológicos da execução na etapa empírica das pesquisas analisadas, embora tenha ficado evidente que existe um processo de reflexividade no texto de alguns pesquisadores que colocam em xeque sua investigação compreendendo a complexidade da interação pesquisador-pesquisado.

Assim, concluímos um levantamento que identificou, no universo dos 170 artigos publicados nos anais do evento da COMPÓS 2017 os estudos que utilizam metodologias observacionais, tendo encontrado 14 artigos científicos que se enquadram nesse recorte.

A partir deste levantamento, percebemos que os objetos de pesquisa do *corpus* levantado têm proeminência na investigação de objetos digitais e à temática da cidadania. No que concerne à dimensão teórica, percebemos que os trabalhos analisados dão grande ênfase a esse aspecto em suas publicações. Nos 14 artigos que trabalhamos, o aporte teórico é desenvolvido com amplas fontes de autores, embora tenhamos percebido a proeminência das Ciências Sociais nessas escolhas. Autores que abrangem assuntos como política, ciberativismo, identidade; sempre, articulados com os problemas da Comunicação. Os resultados apresentados nos artigos são, em sua maioria, propositivos de continuidade de pesquisa ou apresentam pouca objetividade em suas descrições. No entanto, em todos os artigos se encontra coerência entre achados finais com os temas propostos.

A dimensão metodológica foi aquela sobre a qual nos debruçamos mais profundamente. Buscamos identificar os subsídios que fundamentam as escolhas e nos deparamos com um cenário onde o contexto dos objetos investigados têm proeminência como parâmetro de decisão

metodológica. Embora, em alguns casos, haja fundamentação teórica, as justificativas, que nem sempre são explícitas, apontam para escolhas ancoradas na realidade que cerca os objetos estudados e na demanda própria de cada problema. Como pontuamos ao longo do estudo, esta prática está de acordo com o que acreditamos ser fundamental para a investigação no campo da Comunicação: a flexibilidade do aporte metodológico aos diferentes problemas impostos pela realidade fluída das interações comunicacionais. Concordamos plenamente com Lopes (2001) a respeito da importância da vigilância epistemológica, conceito que busca costurar intelectualmente todo o processo de pesquisa, garantindo sua coerência, pertinência e potência dentro do campo e pontuamos que este aspecto nem sempre foi encontrado nos estudos analisados. A partir das leituras que constroem este estudo, pudemos compreender que parte da estrutura que garante solidez ao trabalho científico é a capacidade de construir diálogo entre uma dimensão contextual da escolha metodológica, pesando e ponderando os aspectos práticos, geográficos e socioculturais que articulam os objetos de pesquisa com a dimensão teórica do trabalho, que engendra uma lente, uma linha de raciocínio e uma construção simbólica da realidade a partir de diferentes terminologias, premissas e perspectiva de leitura. À questão da reflexividade se soma a compreensão do pesquisador e seu papel. Ao olharmos para a totalidade dos artigos, percebemos a dificuldade de encaixar um ponto tão complexo, que demanda uma dimensão de consciência e de articulação epistemológica de grande dificuldade de se executar. Também se nota uma dificuldade de se construir toda essa discussão no espaço limitado de páginas que dispõem os artigos científicos. No entanto, salientamos a compreensão de que a divulgação desse raciocínio não pode se limitar aos estudos maiores e, se o campo necessita ampliar a sua compreensão a respeito deste aspecto, é na publicação de maior facilidade de circulação que ele deve ser discutido.

No que concerne ao contexto do informante, como já dito, este é parte presente na construção das metodologias. No entanto, os meandros dessas realidades que implicam em uma consciência que nem sempre foi percebida nos artigos. Mais uma vez, precisamos pontuar os poucos trabalhos que tratam desta questão e, também, da relação entre pesquisador-pesquisado, discutindo esses aspectos e os colocando em perspectiva com seus estudos. A consciência do outro, da vulnerabilidade e das diferentes interferências que o pesquisador pode causar no contexto que investiga não chega a ser questão comumente discutida nos artigos, limitando-se àqueles já citados.

Além disso, a questão da reflexividade é amplamente discutida por nós a partir das leituras teóricas e dos achados do *corpus*, ensejando um aspecto que perpassa todas as etapas da construção de um trabalho, pois trata da capacidade do pesquisador de compreender o seu

lugar dentro do processo de pesquisa e a sua influência no mundo em que atua, mesmo numa dimensão investigativa. Os 14 artigos analisados demonstraram uma discussão relativamente tímida a respeito da reflexividade presente na construção dos estudos. Embora alguns trabalhos apresentem uma potente discussão sobre este aspecto, sua presença no *corpus* não reflete a importância que entendemos necessária, a partir das leituras que fundamentam este trabalho. A divulgação e compartilhamento dos aspectos metodológicos na Comunicação, que são amplamente criticados pela falta de reflexividade e de rigor epistemológico por importantes autoras do campo, pode encontrar um crescimento a partir do compartilhamento e divulgação, nos artigos científicos, dessa dimensão do pensamento científico.

Por fim, no que diz respeito a como os dados que surgem dessa complexa relação são tratados, os artigos analisados demonstram não desenvolver sobre essa questão. Percebemos que, no *corpus*, não se discute pontos que digam respeito ao processo de análise dos dados verbais provenientes da fala dos informantes. Entendemos que a importância dessa divulgação provém da necessidade de compreender as etapas analíticas que conduzem a coleta de dados aos resultados da pesquisa, que passam impreterivelmente pelas formas como as falas dos informantes são trabalhadas no contexto científico.

Esse resultado é fruto dos atravessamentos encontrados nos dois anos que compõem a produção desse estudo, que compõem desafios e pontos de reflexão que são parte constitutiva dessa dissertação de mestrado e que entendemos ser importante expressar neste momento. O primeiro, diz respeito ao desafio de construir uma crítica a partir das publicações de autores experientes e conceituados no campo. Nosso esforço foi em direção a deixar claro que nossa crítica recai sobre as práticas identificadas a partir das publicações e que entendemos que essas vozes se expressam pelo campo, tornando irrelevante a pessoalidade dos responsáveis pelas publicações, orientação que partiu do processo de qualificação dessa pesquisa. Por fim, também a respeito da qualificação, é importante dizer que esse trabalho não foi planejado e concebido de forma linear, mas passou por uma série de rearticulações, sendo a mais relevante delas o momento de qualificação, onde houve um redirecionamento completo do *corpus* previamente selecionado e uma reestruturação da construção teórica e metodológica. Finalmente, cabe afastar, mais uma vez, a ideia de assepsia da produção acadêmica, retomando o fato de que essa pesquisa foi construída por pessoas que, como todas as outras, têm bloqueios, ansiedades, medos, incertezas e que, apesar das dificuldades, possuem clareza do objetivo e da importância deste trabalho.

Nossa expectativa, portanto, é que essa dissertação contribua para a discussão das metodologias e da relevância da vigilância epistemológica ao fazer científico. Também

buscamos estimular a reflexividade nas escolhas de técnicas com interação direta com os sujeitos. Os meandros relacionais da atividade de pesquisa com técnicas de interação face a face demanda um delicado desafio de equilíbrio. Por um lado, a importância do rigor metodológico para o fazer científico; por outro, a necessidade de flexibilidade que demanda o objeto comunicacional.

Além disso, também esperamos que nosso trabalho contribua para o fazer rotineiro da pesquisa a partir da discussão apontada aqui que monta uma tipologia metodológica da entrevista e pontua a reflexividade no processo de investigação científica no campo da Comunicação. A intenção não é engessar a categorizar a priori a metodologia científica, mas contribuir para que toda a flexibilização necessária seja feita a partir de uma reflexão densa sobre os parâmetros, desafios e possibilidades dos métodos observacionais.

A respeito de pesquisas futuras, fica a possibilidade, portanto, de que existe um espaço para aprofundar a compreensão da importância da explicitação dos meandros metodológicos no espaço dos artigos científicos. Embora essas informações possam, possivelmente, serem encontradas nos trabalhos que dão origem às publicações menores, como teses e dissertações, é invariável o fato de que as escolhas metodológicas são fatores determinantes para a construção de resultado em qualquer pesquisa, de qualquer tamanho. Acreditamos, também, na importância da circulação das experiências e experimentos científicos na dimensão metodológica que parece, a partir da leitura que fizemos, estar relegada a uma perspectiva, muitas vezes protocolar, sem ser abordada pela dimensão reflexiva que demanda na explicitação de artigos científicos que entendemos ser um importante vetor de capilarização do conhecimento produzido no campo.

No futuro, novas pesquisas podem esclarecer melhor a importância dada à reflexão metodológica em publicações de portes diferentes, construindo uma perspectiva do campo como um todo a respeito do seu entendimento da importância reflexiva na interação com sujeitos. Também se pode aprofundar um mapeamento e categorização de outras técnicas observacionais a fim de traçar uma relação entre as diversas abordagens utilizadas pelo campo da Comunicação, identificando suas potencialidades, interações e raízes epistemológicas.

Finalmente, expressamos nosso desejo de contribuir para um aspecto que consideramos central no fazer científico que possui interação com sujeitos: a construção de uma discussão que coloque a reflexividade na centralidade do pensamento metodológico e, também, do seu compartilhamento em todas as formas onde circula o pensamento científico

REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michel V. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2008
- BAUER, M.; GASKELL, G., **Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem E Som**, 12ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- BONIN, J. A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em Comunicação. Revista FAMECOS. N.37 Porto Alegre: 2008. P. 121-1
- _____. **PESQUISA EXPLORATÓRIA: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um projeto investigativo**. In: XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora, 2012.
- BRAGA, J. L. **Interfácio** in MATTOS, A; BARROS, E. J. M.; OLIVEIRA, M. E. Metapesquisa em Comunicação. O interacional e seu capital teórico nos textos da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2018
- _____.; LOPES, M., I., V.; MARTINO, L., C. **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2016
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos nas Ciências Sociais. Brasília: Diário Oficial da União, 2016
- DaMATTA, Roberto. 1978. “**O Ofício de Etnólogo ou como ter “Anthropological Blues”**”. In E. Nunes (org.), *A Aventura Sociológica – Objetividade, Paixão e Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 23-35.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006
- EMERSON, R.; FRETZ, R.; SCHAW, L. **Notas de campo na pesquisa etnográfica**. Tendências, n. 7, 2013
- FERRARA, L., D. **A estratégia empírica da Comunicação**. In BRAGA, J., L.; LOPES, M., I., V.; MARTINO, L., C. *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010
- FIGARO, R. **O trabalho da empiria nos estudos de recepção** in FIGARO, R; BRIGNOL; L. D. *Trabalho do pesquisador. Os desafios da empiria em estudos de recepção*. Porto Alegre: Appris, 2018
- FLICK, U. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre (RS): Sulina, 2011.

HINE, C. **Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia.** In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos.* Rio de Janeiro: E-papers, 2016. P. 11-27.

JACKS, N. Retomada de um argumento *in* FIGARO, R; BRIGNOL; L. D. *Trabalho do pesquisador. Os desafios da empiria em estudos de recepção.* Porto Alegre: Appris, 2018

_____. **Prefácio** *in* MATTOS, A; BARROS, E. J. M.; OLIVEIRA, M. E. *Metapesquisa em Comunicação. O interacional e seu capital teórico nos textos da Compós.* Porto Alegre: Sulina, 2018

_____; ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e Recepção.** São Paulo: Hacker Editores, 2005.

_____; MENEZES, A.; PIEDRAS, E. **Meios e audiências. A emergência dos estudos de recepção no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2004

_____ *et al.* **Meios e audiências II. A consolidação dos estudos de recepção no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2014

_____ *et al.* **Meios e audiências III. Reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2014

LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos.** Porto Alegre: Artmed, 2006

LOPES, M., I., V. **Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na comunicação** *in* Pesquisa empírica em comunicação. São Paulo: Paulus, 2010

_____. *Pesquisa em comunicação.* 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001

Maldonado (2011)

MARTINO, L., C. **Panorama da pesquisa empírica em Comunicação** *in* BRAGA, J., L.; LOPES, M., I., V.; MARTINO, L., C. *Pesquisa empírica em comunicação.* São Paulo: Paulus, 2010

McCRACKEN, G. **The Long Interview.** Londres: Sage Publications, 198

NAVARRO, R. F. **Posfácio** *in* MATTOS, A; BARROS, E. J. M.; OLIVEIRA, M. E. **Metapesquisa em Comunicação. O interacional e seu capital teórico nos textos da Compós.** Porto Alegre: Sulina, 2018

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 2012

FIGARO, R. **O trabalho da empiria nos estudos de recepção** *in* FIGARO, R; BRIGNOL; L. D. *Trabalho do pesquisador. Os desafios da empiria em estudos de recepção.* Porto Alegre: Appris, 2018

ROSSETTI, R. **Ruptura epistemológica com o empirismo ingênuo e inovação na pesquisa empírica em comunicação** *in* BRAGA, J., L.; LOPES, M., I., V.; MARTINO, L., C. *Pesquisa empírica em comunicação.* São Paulo: Paulus, 2010

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker editores, 2001

SIFUENTES, L. **(Des) construindo a pesquisa empírica: percurso metodológico de um estudo comparativo de consumo midiático** in FIGARO, R; BRIGNOL; L. D. Trabalho do pesquisador. Os desafios da empiria em estudos de recepção. Porto Alegre: Appris, 2018

STUMPF, I. R. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2006

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992

VILELA, R. S. **Técnica, Método e Teoria. A entrevista em profundidade na investigação da recepção**. In JACKS, N.; PIEDRAS, E., R.; VILELA, R. S. O que sabemos sobre audiências? Estudos latino-americanos, 2006.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

TIPIFICAÇÃO

- 1) Autor/Autores
- 2) Título do trabalho
- 3) Área de formação
- 4) Origem do trabalho
 - a. Tese
 - b. Dissertação
 - c. Projeto de pesquisa
 - d. Produzido para o artigo
 - e. Não explícita
- 5) GT de publicação
- 6) Qual a natureza dos textos?
 - a. Teórico sobre metodologia
 - b. Divulgação de uma investigação empírica com sujeitos
- 7) Qual a temática do trabalho?
- 8) Que tipo de mídia está articulada com a interação do sujeito investigado
 - a. Rádio
 - b. Televisão
 - c. Jornal
 - d. Revista
 - e. Digital
 - i. Redes sociais
 - ii. Canais de notícia
 - iii. Serviço de Streaming
 - iv. Celular
 - v. outros
 - f. Outros
- 9) Qual a unidade de pesquisa (quantidade, homens, mulheres, jovens, etc.)

INSTÂNCIA TEÓRICA

- 10) Quais áreas das ciências humanas são acionadas para a construção do trabalho?
 - a. Antropologia
 - b. Sociologia
 - c. Outras

- 11) Que conceitos operacionais são acionados?
- 12) Que escolas do pensamento são articuladas?
- 13) Que autores são utilizados para a construção teórica?

INSTÂNCIA METÓDICA

- 14) Explicitação das escolhas metodológicas
 - a. Sim
 - b. Não
- 15) Quais são as lógicas de acionamento
- 16) Em quê se justifica a construção metodológica?
 - a. Contexto teórico
 - b. Contexto empírico do objeto
 - c. Outro
- 17) Quais autores são acionados na construção metodológica?

INSTÂNCIA TÉCNICA

- 18) Há multiplicidade técnica?
 - a. Sim
 - b. Não
- 19) Quais técnicas, além da entrevista, são articuladas?
- 20) Há justificativa da utilização das técnicas
 - a. Sim
 - b. Não
- 21) Quais autores são acionados? na construção técnica?
- 22) Como denominam os sujeitos entrevistados (capital temático)?
- 23) Que diferentes tipos e denominações de entrevista são usados (capital temático)?

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE DESCRIÇÃO DOS DADOS

Título do trabalho	GT de publicação	Autor/Autores	Área de formação	Origem do trabalho
“MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR” ¹ : A nota da Uber como punição do comportamento social na sociedade da vigilância distribuída	Comunicação e Cibercultura	BRAGA, R. da S.; EVANGELO, N. S.	Comunicação - Jornalismo	Não explícita
“VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA”: sobre a mediação digital das relações amorosas e a emergência de patologias contemporâneas	Comunicação e Cibercultura	TAVARES, F.	Comunicação - Publicidade (pesquisa)	Dissertação
GESTOS QUE FALAM: um estudo sobre a comunicação por surdos	Comunicação e Cidadania	PORTELA, M. G.; NUNES, M. V.	Comunicação; Sociologia	Não explícita
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL: reflexões a partir da trajetória do refugiado sírio Talal Al-Tinawi	Comunicação e Cidadania	ZANFORLIN, S.; COGO, D.	Comunicação - jornalismo	Produzido para o artigo
“QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO”: comunicação, sociabilidade e cidadania na “família Os Poderosos e as Poderosas”	Comunicação e Cidadania	OLIVEIRA, A. N.; BARBALHO, A.	Comunicação; artes cênicas	Dissertação
VENI, VIDI, VOMITI: ocupações virtuais, desobediência civil e o ativismo escatológico do Vomitaço	Comunicação Política	CHAGAS, V.; dos SANTOS, J. G. B.	Comunicação; Ciências sociais	Não explícita
Alguns aspectos dos usos da moda na comunicação da identidade de gênero de travestis e mulheres transexuais	Consumos e processos de comunicação	QUEIROZ, T. C. S. de	Comunicação - organizacional	TCC
JOVENS DO “BRASIL PROFUNDO”: explorações sobre usos tecnológicos e consumo midiático em Tavares (RS)	Consumos e processos de comunicação	JACKS, N; TOALDO, M. M.; MIRANDA, F. C.; MONTEIRO, M. C. S	Comunicação	Projeto de pesquisa
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: jovens e novas formas de sociabilidade	Consumos e processos de comunicação	FELIPPI, A. C. T.; ESCOSTEGUY, A. C. D.; OLIVEIRA, V. G. de; GUERIN, Y. S.	Comunicação, administração, desenvolvimento	Projeto de pesquisa
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE LEITURA DAS NOTÍCIAS	Estudos de jornalismo	BARSOTTI, A; AGUIAR, L. A.	Comunicação - Jornalismo	Não explícita
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA E A MOBILIZAÇÃO DAS AUDIÊNCIAS NO CASO DO CINE BELAS ARTES	Memória das mídias	FERRAZ, T.	comunicação	Projeto de pesquisa
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”	Memória das mídias	RABELLO, R. P.; MATHEUS, L. C.	Comunicação - Jornalismo	Não explícita
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS E INTERSECCIONALIDADE EM RELATOS DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	Recepção: Processos de Interpretação, Uso e Consumo Midiáticos	COÊLHO, T. F.	Comunicação - jornalismo	Tese
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	Recepção: Processos de Interpretação, Uso e Consumo Midiáticos	RONSINI, V. M.	Comunicação; Sociologia	Não explícita

Título do trabalho	Qual a natureza dos textos?	Qual a temática do trabalho?	Que tipo de mídia está articulada com a interação do sujeito investigado?
“MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR”1: A nota da Uber como punição do comportamento social na sociedade da vigilância distribuída	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Vigilância compartilhada e mídias digitais	Digital: Aplicativo de corrida paga
“VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA”: sobre a mediação digital das relações amorosas e a emergência de patologias contemporâneas	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Modulação emocional	Digital: Aplicativo de conversa
GESTOS QUE FALAM: um estudo sobre a comunicação por surdos	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Surdez e inclusão comunicativa	Nenhuma específica
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL: reflexões a partir da trajetória do refugiado sírio Talal Al-Tinawi	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Agenciamento midiático na construção de significação em função da migração e de migrantes	Nenhuma específica
“QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO”: comunicação, sociabilidade e cidadania na “família Os Poderosos e as Poderosas”	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Cidadania, agrupamento social e mídias digitais de conversa	Digital: Aplicativo de conversa
VENI, VIDI, VOMITI: ocupações virtuais, desobediência civil e o ativismo escatológico do Vomitaço	Divulgação de uma investigação com sujeitos	O possível impacto dos Vomitaço	Digital: Redes sociais
Alguns aspectos dos usos da moda na comunicação da identidade de gênero de travestis e mulheres transexuais	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Comunicação de gênero a partir da vestimenta	Nenhuma mídia
JOVENS DO “BRASIL PROFUNDO”: explorações sobre usos tecnológicos e consumo midiático em Tavares (RS)	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Utilização de celular por jovens do interior	Digital: celular
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: jovens e novas formas de sociabilidade	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Práticas de tecnologias de informação e comunicação por jovens no âmbito rural	Digital: Tecnologias de informação e comunicação
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE LEITURA DAS NOTÍCIAS	Divulgação de uma investigação com sujeitos	A crise das chômages nos sites de jornalismo	Digital: Sites
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA E A MOBILIZAÇÃO DAS AUDIÊNCIAS NO CASO DO CINE BELAS ARTES	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Cinemas de rua, mobilização popular e memória	Cinema (instituição)
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”	Divulgação de uma investigação com sujeitos	Fotografias antigas postadas em comunidade do Facebook e sua relação com a produção de memória	Digital: Redes sociais
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS E INTERSECCIONALIDADE EM RELATOS DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	Discussão sobre metodologia	o desenho metodológico na construção de uma pesquisa sobre autonomia e subjetivação política na exposição de mulheres no Facebook	Digital: Redes sociais
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	Divulgação de uma investigação com sujeitos	o processo de identificação/desidentificação com classe social que ocorre na recepção das telenovela	Televisão

Título do trabalho	Qual a unidade de pesquisa (Número de informantes, Gênero, faixa etária, perfil socioeconômico)	Quais áreas das ciências humanas são acionadas para a construção do trabalho?	Que escolas do pensamento são articuladas?
“MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR” ¹ : A nota da Uber como punição do comportamento social na sociedade da vigilância distribuída	4 passageiros e 4 motoristas de Uber	Sociologia, Filosofia Social	Sociologia, filosofia e comunicação
“VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA”: sobre a mediação digital das relações amorosas e a emergência de patologias contemporâneas	12 pessoas (entrevista), 700 (questionário). Faz questão de não colocar nenhum outro indicador de perfil	Antropologia, Psicologia, Filosofia	Comunicação, filosofia, sociologia e psicologia
GESTOS QUE FALAM: um estudo sobre a comunicação por surdos	estudantes Surdos do Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES)	Antropologia, Sociologia, Educação	Filosofia, sociologia, antropologia, educação e comunicação
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL: reflexões a partir da trajetória do refugiado sírio Talal Al-Tinawi	1 homem (imigrante sírio)	Sociologia, Ciências políticas	Sociologia, ciências políticas e comunicação
“QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO”: comunicação, sociabilidade e cidadania na “família Os Poderosos e as Poderosas”	Não explicitado. Grupo de jovens observados na periferia. Entrevistas: Conta-se 3 entrevistas, 1 menino e 2 meninas.	Antropologia, Sociologia, Ciências políticas	Sociologia, Ciências sociais, antropologia, comunicação
VENI, VIDI, VOMITI: ocupações virtuais, desobediência civil e o ativismo escatológico do Vomitaço	2 informantes criadores da página no FB	Sociologia	Ciberativismo;
Alguns aspectos dos usos da moda na comunicação da identidade de gênero de travestis e mulheres transexuais	4 mulheres trans e travestis	Antropologia, Sociologia	Semiótica, teorias queer, antropologia, sociologia, moda
JOVENS DO “BRASIL PROFUNDO”: explorações sobre usos tecnológicos e consumo midiático em Tavares (RS)	oito jovens, de ambos os sexos, todos na faixa de 18 a 24 anos	Antropologia, Sociologia	Estudos culturais, sociologia, etnografia
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: jovens e novas formas de sociabilidade	10 jovens (2 mulheres, 8 homens), de idade entre 14 e 25	Antropologia, Sociologia, Desenvolvimento rural	Desenvolvimento rural, comunicação, sociologia, estudos culturais
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE LEITURA DAS NOTÍCIAS	11 informantes (7 homens, 4 mulheres) com cargos altos em redações de jornais brasileiros	Sociologia	
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA E A MOBILIZAÇÃO DAS AUDIÊNCIAS NO CASO DO CINE BELAS ARTES	5 entrevistado, envolvidos com o processo do Cine Belas Artes	Antropologia, Sociologia	Antropologia urbana, memória, cinema, arquitetura
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”	1 homem, criador da página estudada	Sociologia	Memória, imaginário, semiótica, sociologia
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS E INTERSECCIONALIDADE EM RELATOS DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	Não explicitado o número. Mulheres sertanejas da cidade de Guaribas-PI que se posicionam através da fala e das postagens, e que se destacam dentre outras	Antropologia, Sociologia	etnografia, antropologia, sociologia, estudos do feminismo, pós-estruturalismo
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	12 mulheres, jovens (19 a 24), maduras (30 a 57) e idosas (65 a 80) de classe média e média baixa	Antropologia, Sociologia	Sociologia, teoria de gênero

Título do trabalho	É explicitada a escolha metodológica?	Quais as lógicas de acionamento?	Em que se justifica a construção metodológica?
“MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR” 1: A nota da Uber como punição do comportamento social na sociedade da vigilância distribuída	Sim	Relação entre motoristas e passageiros a partir da avaliação em aplicativo digital de carona paga	Contexto do objeto de pesquisa
“VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA”: sobre a mediação digital das relações amorosas e a emergência de patologias contemporâneas	Sim	A interação através de aplicativos de comunicação e/ou paquera formadora de tensão a partir da ausência	Não explicita justificativa
GESTOS QUE FALAM: um estudo sobre a comunicação por surdos	Sim	Processos de comunicação de Surdos	Contexto do objeto de pesquisa
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL: reflexões a partir da trajetória do refugiado sírio Talal Al-Tinawi	Sim	Construção midiática da imagem de imigrante a partir da compreensão do imigrante no papel de protagonista	Não é explicitado
“QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO”: comunicação, sociabilidade e cidadania na “família Os Poderosos e as Poderosas”	Sim	Construção de redes sociais a partir de aplicativo de conversas (Whatsapp)	Contexto teórico
VENI, VIDI, VOMITI: ocupações virtuais, desobediência civil e o ativismo escatológico do Vomitação	Sim	Ciberativismo através do FB	Contexto do objeto de pesquisa
Alguns aspectos dos usos da moda na comunicação da identidade de gênero de travestis e mulheres transexuais	Sim	Comunicação de identidade de gênero através do vestuário	Contexto teórico
JOVENS DO “BRASIL PROFUNDO”: explorações sobre usos tecnológicos e consumo midiático em Tavares (RS)	Não	Relação com a tecnologia de dispositivos móveis	Nenhum
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: jovens e novas formas de sociabilidade	Sim	Relação de jovens do meio rural com tecnologias de informação e comunicação	Contexto do objeto de pesquisa
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE LEITURA DAS NOTÍCIAS	Não	um possível fim das homepages dos sites de notícia	Contexto do objeto de pesquisa
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA E A MOBILIZAÇÃO DAS AUDIÊNCIAS NO CASO DO CINE BELAS ARTES	Sim	Ativistas e responsáveis pela recuperação do MBA diante da recuperação da memória do cinema de rua	Não é explicitado
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”	Sim	A interação dos sujeitos em postagens numa página de Facebook	Contexto do objeto de pesquisa
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS E INTERSECCIONALIDADE EM RELATOS DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	Sim	A construção de si de mulheres em condições de opressão através do Facebook	Contextos teórico e metodológico
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	Sim	produção de subjetividade e discurso de si a partir de telenovelas	Contextos teórico e metodológico

Título do trabalho	Quais autores são acionados na construção metodológica?	Há multiplicidade de técnica?
“MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR” ¹ : A nota da Uber como punição do comportamento social na sociedade da vigilância distribuída	BONIN, 2008	Sim
“VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA”: sobre a mediação digital das relações amorosas e a emergência de patologias contemporâneas	Nenhum	Sim
GESTOS QUE FALAM: um estudo sobre a comunicação por surdos	Etnografia (PEIRANO, 1995); Pesquisa participativa (BRANDÃO, 1985); Homem como objeto de estudo (Oliveira e Oliveira, 1985)	Sim
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL: reflexões a partir da trajetória do refugiado sírio Talal Al-Tinawi	QUEIROZ, 2008	Sim
“QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO”: comunicação, sociabilidade e cidadania na “família Os Poderosos e as Poderosas”	Etnografia - EMERSON, FRETZ, SHAW, 2013; Netnografia - POLIVANOV, 2013;	Sim
VENI, VIDI, VOMITI: ocupações virtuais, desobediência civil e o ativismo escatológico do Vomitação	Nenhum	Sim
Alguns aspectos dos usos da moda na comunicação da identidade de gênero de travestis e mulheres transexuais	Entrevista longa (McCRACKEN, 1988)	Não
JOVENS DO “BRASIL PROFUNDO”: explorações sobre usos tecnológicos e consumo midiático em Tavares (RS)	Etnografia (HINE, 2016)	Sim
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: jovens e novas formas de sociabilidade	Nenhum	Sim
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE LEITURA DAS NOTÍCIAS	Sociologia da imprensa (WEBER, 2002) - somente nas referências bibliográficas	Não
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA E A MOBILIZAÇÃO DAS AUDIÊNCIAS NO CASO DO CINE BELAS ARTES	Não é explicitado	Sim
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”	FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A	Sim
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS E INTERSECCIONALIDADE EM RELATOS DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	estratégias metodológicas usadas nas pesquisas de comunicação e gênero (BIROLI, 2013; CRENSHAW, 2002; MIGUEL; BIROLI, 2014); fases do ofício do etnólogo (DaMATTA, 1978); capa do etnólogo (PAVAN E VELOSO, 2011); refletir sobre nossas próprias práticas enquanto pesquisadores (RANCIÈRE, 1995; 2009), relação pesquisadora e as pesquisadas (RAGO, 2013; SPIVAK, 1996)	Sim
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	retratos sociológicos individuais (LAHIRE, 2006)	Não

Título do trabalho	Quais técnicas, além da entrevista, são articuladas?	Há explicitação de justificativa para as escolhas técnicas?	Quais autores são acionados na construção técnica?
“MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR” ¹ : A nota da Uber como punição do comportamento social na sociedade da vigilância distribuída	1) Enquete com amigos no FB; 2) Observação participante no grupo de motoristas do Uber no FB; 3) Observação não-participante durante corridas em Uber; 4) questionário com usuários e motoristas	Não	Observação não participante (MARCONI; LAKATOS, 2003); Questionário (GIL, 1999); Entrevista semiestruturada (RICHARDSON, 2012)
“VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA”: sobre a mediação digital das relações amorosas e a emergência de patologias contemporâneas	Questionário online	Não	Nenhum
GESTOS QUE FALAM: um estudo sobre a comunicação por surdos	Questionário online	Sim	
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL: reflexões a partir da trajetória do refugiado sírio Talal Al-Tinawi	1) Mapeamento e coleta de materiais midiáticos digitais; 2) Observação em quatro eventos;	Não	História de vida - QUEIROZ (2008)
“QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO”: comunicação, sociabilidade e cidadania na “família Os Poderosos e as Poderosas”	diário de campo.	Não	Diário de campo, relação contínua com os interlocutores EMERSON, FRETZ, SHAW 2013; pesquisador inserido nos espaço virtuais POLIVANOV, 2013;
VENI, VIDI, VOMITI: ocupações virtuais, desobediência civil e o ativismo escatológico do Vomitação	mapeamento das campanhas e ações desempenhadas	Sim	Nenhum
Alguns aspectos dos usos da moda na comunicação da identidade de gênero de travestis e mulheres transexuais		Sim	Grant McCracken (1988)
JOVENS DO “BRASIL PROFUNDO”: explorações sobre usos tecnológicos e consumo midiático em Tavares (RS)	Observação etnográfica	Sim	ANGROSINO (2009)
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: jovens e novas formas de sociabilidade	Formulário	Sim	Nenhum
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE LEITURA DAS NOTÍCIAS	Não explícita	Não	Nenhum
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA E A MOBILIZAÇÃO DAS AUDIÊNCIAS NO CASO DO CINE BELAS ARTES	Observação	Não	Nenhum
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”	Observação dos comentários e reações	Sim	FRAGOSO, S.; RECUERO, R; AMARAL, A
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS E INTERSECCIONALIDADE EM RELATOS DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	observação presencial, interação presencial, conversas informais, análise de interações no Facebook	Sim	nenhum
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	Não explícita	Sim	Lahire, 2006

Título do trabalho	Como denomina os sujeitos entrevistados?	Como denomina o tipo de entrevista?
“MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR” ¹ : A nota da Uber como punição do comportamento social na sociedade da vigilância distribuída	Entrevistados	Entrevista semiestruturada
“VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA”: sobre a mediação digital das relações amorosas e a emergência de patologias contemporâneas	Entrevistadas	Entrevista em profundidade
GESTOS QUE FALAM: um estudo sobre a comunicação por surdos	-	Entrevista
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL: reflexões a partir da trajetória do refugiado sírio Talal Al-Tinawi	Entrevistados	Semi-dirigida
“QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO”: comunicação, sociabilidade e cidadania na “família Os Poderosas e as Poderosas”	integrantes do grupamento, jovens	Entrevista
VENI, VIDI, VOMITI: ocupações virtuais, desobediência civil e o ativismo escatológico do Vomitação		Entrevista
Alguns aspectos dos usos da moda na comunicação da identidade de gênero de travestis e mulheres transexuais	Interlocutoras	Longa entrevista
JOVENS DO “BRASIL PROFUNDO”: explorações sobre usos tecnológicos e consumo midiático em Tavares (RS)	Entrevistados, entrevistadas, informantes	Entrevista etnográfica
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO: jovens e novas formas de sociabilidade	Informantes	Entrevista
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE E AS MUDANÇAS NOS MODOS DE LEITURA DAS NOTÍCIAS	Entrevistado	
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA E A MOBILIZAÇÃO DAS AUDIÊNCIAS NO CASO DO CINE BELAS ARTES	Atores diretamente envolvidos no processo	Entrevista
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”		Entrevista
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS E INTERSECCIONALIDADE EM RELATOS DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	Entrevistadas	Entrevista
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	Entrevistadas	Relato

Título do trabalho (REDUZIDO)	Que conceitos operacionais são acionados?
“MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR”	Diagramas (FERRAZ, 2014); Vigilância distribuída (BRUNO, 2013; 2014); Punição imediata (FOUCAULT, 1978; BAUMAN, 2013); Cognição distribuída (MAIA, RÉGIS, TIMPONI, 2012); relações sociais na metrópole (SIMMEL, 1973); estereótipos construídos pela mídia (FREIRE FILHO, HERCHMANN, PAIVA, 2004); performance e trabalho, interacionismo simbólico (GOFFMAN, 2014); materialidade midiática (McLUHAN, 1967); Produtos midiáticos singulares (PEREIRA, 2016)
“VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA”	o comum (SODRÉ, 2014); amor possibilidade de um mundo comum (MAY, 2012); Esquizofrenia (BATESON, 1952; 1991); cultura (WAGNER, 2010); Semiocapitalismo (BIFO, 2007; 2014); Materialidades das tecnologias e arranjos midiáticos (PEREIRA, 2008); esquizofrenia (Deleuze e Guattari, 1995); cultura terapêutica (ILLOUZ, 2011); moralidade e mídia (FREIRE FILHO, 2010); escala de amor (SOPHIA, 2006); autonomia assistida (EHRENBERG, 2010); phármakon (DERRIDA, 2005);
GESTOS QUE FALAM	Questão dialógica da mensagem (THOMPSON, 1998); competência comunicativa (SONINO, 1981 in ZANI & PIO, 1997); Comunicação e sociedade (ROSSETTI, 2008); Surdez, definição (SHERMAN WILCOX & PERRIN WILCOX, 2005); Comunidade e Identidade (BAUMAN, 2003); Individualismo; comunidade linguística (PAIVA, 2003); Normalização (SÁ, 2006); Cultura e linguagem (STROBEL, 2008); cultura Surda (BAKER-SHENK; COKELY, 1980); ouvintismo (SKLIAR, 1998); dominação social (SÁ, 2002); alteridade e diferença cultural (PERLIN, 2003); maioria e minoria (SODRÉ, 2005); alteridade (CARVALHO, 2002), autoritarismo social (CHAUÍ, 1986); Comunicação de massa e cidadania (SOARES, 2000); Cidadania e práticas do discurso (CANCLINI, 2008); inclusão (MOURA; HARRISON, 2010); Segmentação (FOUCAULT, 1990); Coparticipação e comunicação (FREIRE, 1983)
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL:	Vitória individual (MOULIN, 2012); gestão internacional do refúgio (AGIER, 2006); política da migração (SPRANDEL, 2013); globalização ambivalente (MEZZADRA, 2005); Cidadania ativa (HOPENHAYN, 2002); políticas de refúgio (DUMOVICH; RAIETPARVAR, 2016); empreendedorismo social (CASAQUI; SINATO, 2014); Capitalismo e empreendedorismo (BOLTANSKI; CHIAPELO, 2009); concorrência nas relações entre si (ROQUE, 2017); Homem como empresa (DARDOT; LAVAL, 2016); tática (DE CERTAU, 1994); Gestão dos indesejáveis (AGIER, 2006)
“QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO”	Dobras online e offline (DIÓGENES, 2013; SILVEIRA, 2011; CAMPOS, 2009); Sociabilidade (SIMMEL, 1983; 2001); Jovens e gadgets para sociabilidade (ROCHA; PEREIRA, 2010); política (MOUFFE, 2009); grupamento, rede (LATOURE, 2012); neoliberalismo virtual (SANTOS, 2010); zonas de autonomia temporária (MAFFESOLI, 2005); família e amizade (ANDRADE, 2007; CASTRO; ABRAMOVAY, 2002; GUIMARÃES; CAMPOS, 2007); Aparência e performance (CAMPOS, 2013); parâmetros agonísticos, relações de poder (BARBALHO, 2015; MOUFFE, 2013); permanecer online (ROCHA; PEREIRA, 2010); múltiplo (DELEUZE; 1988); rede de associações (LATOURE, 2012); territórios simbólicos (JANOTTI JR., 2008); espetáculo, midiaticização (CARVALHO, 1999; GOMES, 1995; 1996; RUBIM, 1999; 2000); democracia (GOMES); esfera civil (ALEXANDER, 2006);
VENI, VIDI, VOMITI:	footing ou spam Ming (VEGH, 2003; SAUTER, 2014); Ações de protestos na internet (BOULTON, 2016; CHRISTENSEN, 2011; KLANG, MADISON, 2016); Efeitos dos protestos na internet (VANLAER, VAN AELST, 2009; VALENZUELA, 2014); Difusão e circulação da informação política na rede (RECUERO, 2016; PENTEADO et al., 2016; BATISTA, ZAGO, 2010; BATISTA, 2013); Hackativismo (WRAY, 1998; MALINI, ANTOUN, 2013); Ciberativismo (PRUDÊNCIA, SILVA JR., 2015, ALCÂNTARA, 2015); Performatização política a partir de experiência pessoal (ARAÚJO, 2016; DO VALE, 2016; MINA, 2013); Ativismo de sofá (BREUER, FAROOQ, 2012; SMITH, 2016; KLANG, MADISON, 2016; CRHISTENSEN, 2011; BOULTON, 2016); Ativismo transnacional e as mídias sociais (SANTOS, 2015; MARGETTS et al., 2016; BENNETT; TOFT, 2010); Brincadeira política (BENNETT, 1979; STREET, INTHORN, SCOTT, 2010; SANTOS; CHAGAS, 2015); Informação política (ALDÉ, 2011); rede de oposição radical (VEGH, 2003); Flooding (SMITH, 2016); Consequências pessoais do protesto (MEIKLE, 2002); Cute cat theory (ZUCKERMAN, 2008); Poliarquias (DAHL, 2005);
Alguns aspectos dos usos da moda	gênero, moda, identidade, construção social (JOAN SCOTT, 1995); relação de vestuário masculino e feminino (HOLLANDER, 1996); gênero da moda (CALANCA, 2008); representação visual (KAISER, 2001); relação dos corpos pelo vestuário (CALANCA, 2011); significados que materializam a cultura (MILLER, 2006); marca estética (BRAUNSTEIN, 1990); moda e direito (SANTOS, 1997); significados sociais de diferença (ENTWISTLE; WILSON, 2001); moda e hábitos da burguesia (SVENDSEN, 2010); definição histórica do vestuário masculino (ALBERONI, 1982); sobriedade da vestimenta masculina (FLUGEL, 1966, p. 100; ZAMBRINI, 2010); valores opostos (DUTRA, MELLO, 2007); construção em X (SOUZA, 1987); uso de objetos complementares (ZAMBRINI, 2010); identidades de gênero (BUTLER, 2015. FOUCAULT, 1988); hermafrodita psíquico (LEITE JUNIOR, 2011); “universo” de significados masculinos ou femininos (RUBIN, 1975); ilusão da interioridade e da essência (RAGO, 1988); “núcleo interior (HALL, 2006); inadequação, não-pertencimento (FOUCAULT, 1997); identificação (HALL, 2006); fragmentação de gênero (NOGUEIRA; LEÓN, 2012); representação do gênero (LAURETIS, 1987); representação social (JODELET, 2002); valor comunicacional (ECO, 1989); sistema relativamente fechado (BARTHES, 1979); modos de homem (FREIRE, 1987); leis suntuárias (LARA, 1995); (MOTT, 1988); Vigilância sobre os corpos (BUTLER, 2015); código e comunicação (JODELET, 2002); comunicação de identidade de gênero (BABCOCK, 1978); papel comunicativo da moda (HOLLIDAY, 2001); moda como marcador de significados de diferença no corpo (ENTWISTLE; WILSON, 2001); identidade, verdade (KAISER, 2001); moda com o objetivo de comunicar (KAISER; NAGAWASA; HUTTON, 1991, 1995); gênero, códigos sociais (SCOTT, 1995); natureza e corpo carnal (TSEELON, 2001); dispositivos da transexualidade” (BENTO, 2006); desvio (BECKER, 1973), acusação (VELHO, 2003)

Título do trabalho (REDUZIDO)	Que conceitos operacionais são acionados?
JOVENS DO “BRASIL PROFUNDO”	Profundo (BONFIL, 1989); processo de mundialização (ORTIZ, 1994); moratória vital e social (MARGULIS e URRESTI, 2008); tecnicidade cognitiva (MARTIN-BARBERO, 2010); mundo globalizado (BARTIN-BARBERO, 2014);
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	Respeitabilidade (SKEGGS, 2002); poder da mídia visual (BARTKY, 2003); identificação; léxico moral e da estética burguesa (BOURDIEU, 2008); conceito bourdiano de capital simbólico; valores das classes dominantes (LAMONT, 1994); capital cultural da mulher de classe popular (MATTOS, 2006); quatro níveis da consciência de classe (MUDROCK; McCRON, 1976); inversão da hierarquia entre dominantes e dominados no carnaval (BAKHTIN, 2010); subalternidade (SILVERSTONE, 2002);
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE	home pages (McADAMS, 1995); jornalismo em rede (HEINRICH, 2011); prosumers – produtor-consumidor (TOFFLER, 1980); pro-am – profissional-amador (LEADBEATER; MILLER, 2004); produser – produtor-usuário (BRUNS, 2008); consumo de notícias (ALSINA, 2009; SCHWINGEL, 2012); quarta tela (AGUADO; MARTÍNEZ, 2008); mortes da história (FUKUYAMA, 1992), a da representação (LYOTARD, 1998; BAUDRILLARD, 1998), e a da razão (DERRIDA, 1973); notícias são uma construção social da realidade (TUCHMAN, 1978); mapas de significado (HALL et al., 1999); produção de sentido sobre o real (Aguiar, 2009); religação dos media com campos sociais que se autonomizam na modernidade (RODRIGUES, 1999); “montagem” (HUYSSSEN, 2015), “colagem” (GUIDDENS, 2002), “cozido” (WEBER, 2002) e “justaposição” (ANDERSON, 1991); Shoemaker, Johnson, Seo e Wang (2010); Teoria do Agendamento (McCOMBS, 2009)
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA	identitárias, mutações tecnológicas e deslocamentos dos modos de inserção nas dinâmicas socioculturais do cinema; abalo nas referências dos espectadores (GAUDREAU; MARION, 2016); “vintage”, “boom da memória”, “retromania”, “nostalgia” (CROSS, 2015; HUYSSSEN, 2014; REYNOLDS, 2011; NIEMEYER, 2014); infraestrutura da vida cultural (MALTBY, 2011); “pedaço do lazer” da cidade (MAGNANI, 2000); práticas de ida ao cinema de ordem discursiva (KUHN, 2002); mídia e memória compartilhável (NIEMEYER, 2014); lugares recebem a marca dos grupos e os grupos, por sua vez, são marcados pelos lugares (HALBWACHS, 1990); lugares de memória (NORA, 1984); A memória é localizada e encarnada (KUHN, 2002); “memória dos lugares urbanos” (JODELET, 2010). “memória dos lugares urbanos” (JODELET, 2010); memória e identidade (RICOEUR, 2004); experiência do cinema (Allen, 2011);
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS [...]S DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	Conexão (MOURA; MANTOVANI, 2005); Autonomia (MARQUES, 2011; WARREN, 2001); Visão de gênero na agenda social (GEORGES; SANTOS, 2016); identidade feminina (KRISTEVA, 2013); Exclusão do feminino (DE BEAUVOIR, 2012); Empobrecimento (FREITAS, 2005); interseccionalidades (CRENSHAW, 2002); feminismo (BIROLI, 2014); Potência emancipadora (GALICHET, 2014); Dominação masculina (FRAISSE, 2016); técnicas de si (LAZZARATO, 2014; PELBART, 2013; FOUCAULT, 1984); escrita de si (RAGO, 2013); Horizontes de relação (D'ALMEIDA, 2007); espaços inovadores de criação e invenção (D'ALMEIDA; GRISET; PROUXL, 2008); interesse público (MARTINO, 2015); as emoções de todos em qualquer um (DIDI-HUBERMAN, 2016);
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE “MARIA DO RESGUARDO”	inteligência narrativa (RICOEUR, 1996); artes de memória (YATES, 1966); tecnologias consagradas no sistema de comunicação oral (HAVELOCK, 1963); Composição tecnológica (McLUHAN, 1974); Arranjo midiático (PEREIRA, 2016); formas de processamento social da memória. (EISENSTEIN, 1998); Oralidade secundária (ONG, 2002); vida nas cidades e memória. (Cf. GAUZISKI, AMARO e GONÇALVES, 2013); valorização da experiência vivida (OLIVEIRA, 2015); redes sociais e capital social (RECUERO, 2009); imaginação história (WHITE, 2008); dimensão cotidiano passado. (SAMUEL, 2012); memorabilia (MATHEUS, 2013); lealdade ao passado (CANDAU, 2001); tempo para fantasmas, tempo para a memória, tempo para os sintemos (DIDI-HUBERMAN, 2013); acervo digital na rede social, família-mundo (SILVA, 2008); memórias subterrâneas (POLLACK, 1989); ter presente a memória. (LEITE, 2001); fotografia (BARTHES, 1984); relação entre a memória individual e a coletiva. (HALBWACHS, 1990); mecanismo de diálogo (BAKHTIN, 2009); enquadramento de memória (POLLAK, 1989); fragmento (BENJAMIN); fragmentação da estrutura narrativa (MURRAY, 2003);
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO:	práticas orientadas pela mídia ou relacionadas à mídia (COULDRY, 2010); homogeneização espacial e social entre o campo e a cidade (CARNEIRO, 2012); Juventude rural (CASTRO apud VALADARES et al, 2016); juventude como invenção pós-guerra (REGUILLO, 2000); delimitação de juventude (SOUZA, 2005); funções socialmente atribuídas aos sujeitos (WEISHEIMER, 2009); sociologia da juventude (TROPASOLAS, 2005); relatividade histórica (REGUILLO, 2003); des-ordem cultural (MARTÍN-BARBERO, 2008); juventude rural (BRIONES; MAURÁS; ROSENTHAL, 1996); juventude rural (STROPASOLAS, 2002); relação da juventude rural com a família (BRUMMER, 2007); invisibilidade, padrões de sociabilidade (WEISHEIMER, 2005); formação de identidades (CASTRO et al, 2007); ruralidade (FROEHLICH, 2012); modos de vida urbano (TOLEDO, 2008); usos distintos, diferentes apropriações, interações e acessibilidades (HALL, 1997); radicais mudanças simbólicas pelas mídias (CANCLINI, 2007); consumo de tecnologias domésticas (SILVERSTONE E HIRSCH, 1996); como os meios fazem parte das temporalidades, materialidades e rotinas cotidianas” (PINK; MACKLEY, 2013); adaptação e convivência entre meios mais antigos e mais novos (MORLEY, 2008); dinâmicas culturais constituídas no cotidiano (VARELA, 2010); agroindústria do tabaco (SILVEIRA et al., 2011);

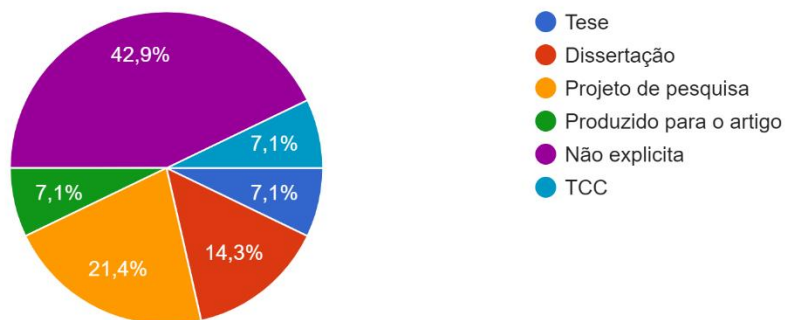
Título do trabalho	Que autores são utilizados para a construção teórica?
"MEEOOO, ISSO É MUITO BLACK MIRROR"	BONFIL, 1989; ORTIZ, 1994; MARGULIS e URRESTI, 2008; MARTIN-BARBERO, 2010; 2014
"VISUALIZADA E NÃO RESPONDIDA"	COULDRY, 2010; CARNEIRO, 2012; VALADARES et al, 2016; SOUZA, 2005; WEISHEIMER, 2005; 2009; TROPASOLAS, 2005; REGUILLO, 2003; MARTÍN-BARBERO, 2008; BRIONES; MAURÁS; ROSENTHAL, 1996; STROPASOLAS, 2002; BRUMMER, 2007; CASTRO et al, 2007; FROEHLICH, 2012; TOLEDO, 2008; CANCLINI, 2007; HALL, 1997; SILVERSTONE E HIRSCH, 1996; PINK; MACKLEY, 2013; MORLEY, 2008; MORLEY, 2008; VARELA, 2010; SILVEIRA et al., 2011;
GESTOS QUE FALAM	McADAMS, 1995; HEINRICH, 2011; TOFFLER, 1980; LEADBEATER; MILLER, 2004; BRUNS, 2008; ALSINA, 2009; SCHWINGEL, 2012; AGUADO; MARTÍNEZ, 2008; WOLF, 2003; AGUIAR, 2008; AMARAL, 2011; FUKUYAMA, 1992; LYOTARD, 1998; BAUDRILLARD, 1998; DERRIDA, 1973; TUCHMAN, 1978; HALL et al., 1999; AGUIAR, 2009; RODRIGUES, 1999; HUYSSSEN, 2015; GUIDDENS, 2002; WEBER, 2002; ANDERSON, 1991; SHOEMAKER, JOHNSON, SEO, WANG, 2010; McCOMBS, 2009
MÍDIA, MIGRAÇÕES E CIDADANIA POSSÍVEL:	GAUDREAU; MARION, 2016; CROSS, 2015; HUYSSSEN, 2014, REYNOLDS, 2011; NIEMEYER, 2014; MALTBY, 2011; MAGNANI, 2000; KUHN, 2002; NIEMEYER, 2014; HALBWACHS, 1990; NORA, 1984; KUHN, 2002; JODELET, 2010; RICOEUR, 2004; ALLEN, 2011
"QUERER AGIR SEMPRE PELO CERTO, NUNCA PELO ERRADO"	RICOEUR, 1996; YATES, 1966; HAVELOCK, 1963; McLUHAN, 1974; PEREIRA, 2016; EISENSTEIN, 1998; ONG, 2002; Cf. GAUZISKI, AMARO e GONÇALVES, 2013; OLIVEIRA, 2015; RECUERO, 2009; WHITE, 2008; SAMUEL, 2012; MATHEUS, 2013; CANDAU, 2001; DIDI-HUBERMAN, 2013; SILVA, 2008; POLLACK, 1989; LEITE, 2001; BARTHES, 1984; HALBWACHS, 1990; BAKHTIN, 2009; POLLAK, 1989; BENJAMIN; fMURRAY, 2003;
VENI, VIDI, VOMITI:	MOURA; MANTOVANI, 2005; MARQUES, 2011; WARREN, 2001; GEORGES; SANTOS, 2016; KRISTEVA; DE BEAUVOIR, 2012; FREITAS, 2005; CRENSHAW, 2002; BIROLI, 2014; GALICHET, 2014; FRAISSE, 2016; LAZZARATO, 2014; PELBART, 2013; FOUCAULT, 1984; RAGO, 2013; D'ALMEIDA, 2007; D'ALMEIDA; GRISET; PROUXL, 2008; MARTINO, 2015; DIDI-HUBERMAN, 2016
Alguns aspectos dos usos da moda	SKEGGS, 2002; BARTKY, 2003; BOURDIEU, 2008; LAMONT, 1994; MATTOS, 2006; MUDROCK; McCRON, 1976; BAKHTIN, 2010; SILVERSTONE, 2002

Título do trabalho	Que autores são utilizados para a construção teórica?
JOVENS DO "BRASIL PROFUNDO"	FERRAZ, 2014; BRUNO, 2013; 2014; FOUCAULT, 1978; BAUMAN, 2013; MAIA, RÉGIS, TIMPONI, 2012; SIMMEL, 1973; FREIRE FILHO, HERCHMANN, PAIVA, 2004; GOFFMAN, 2014; McLUHAN, 1967; PEREIRA, 2016
TELENOVELAS, CLASSE E CAPITAL SIMBÓLICO	SODRÉ, 2014; MAY, 2012; BATESON, 1952; 1991; WAGNER, 2010; BIFO, 2007; 2014; PEREIRA, 2008; Deleuze e Guattari, 1995; ILLOUZ, 2011; FREIRE FILHO, 2010; SOPHIA, 2006; EHRENBERG, 2010; DERRIDA, 2005
A INVISIBILIDADE DA HOME PAGE	THOMPSON, 1998; SONINO, 1981 in ZANI & PIO, 1997; ROSSETTI, 2008; SHERMAN WILCOX & PERRIN WILCOX, 2005; BAUMAN, 2003; PAIVA, 2003; SÁ, 2006; STROBEL, 2008; BAKER-SHENK; COKELY, 1980; SKLIAR, 1998; SÁ, 2002; PERLIN, 2003; SODRÉ, 2005; CARVALHO, 2002; CHAÚÍ, 1986; CANCLINI, 2008; MOURA; HARRISON. 2010; FOUCAULT, 1990; FREIRE, 1983
A MEMÓRIA DA IDA AO CINEMA	MOULIN, 2012; AGIER, 2006; SPRANDEL, 2013; MEZZADRA, 2005; HOPENHAYN, 2002; DUMOVICH; RAIETPARVAR, 2016; CASAQUI; SINATO, 2014; BOLTANSKI; CHIAPELO, 2009; ROQUE, 2017; DARDOT; LAVAL, 2016; DE CERTAU, 1994; AGIER, 2006.
EXPERIMENTAÇÕES METODOLÓGICAS [...]S DE SERTANEJAS CONECTADAS PELO FACEBOOK	DIÓGENES, 2013; SILVEIRA, 2011; CAMPOS, 2009; SIMMEL, 1983; 2001; ROCHA; PEREIRA, 2010; MOUFFE, 2009; LATOUR, 2012; SANTOS, 2010; SANTOS, 2010; MAFFESOLI, 2005; ANDRADE, 2007; CASTRO; ABRAMOVAY, 2002; GUIMARÃES; CAMPOS, 2007; CAMPOS, 2013; BARBALHO, 2015; MOUFFE, 2013; ROCHA; PEREIRA, 2010; DELEUZE; 1988; JANOTTI JR., 2008; CARVALHO, 1999; GOMES, 1995; 2011; 1996; 1996; RUBIM, 1999; 2000; ALEXANDER, 2006;
MEMÓRIA E NARRATIVA NA FANPAGE "MARIA DO RESGUARDO"	VEGH, 2003; SAUTER, 2014; BOULTON, 2016; CHRISTENSEN, 2011; KLANG, MADISON, 2016; VANLAER, VAN AELST, 2009; VALENZUELA, 2014; RECUERO, 2016; PENTEADO et al., 2016; BATISTA, ZAGO, 2010; BATISTA, 2013; WRAY, 1998; MALINI, ANTOUN, 2013; PRUDÊNCIA, SILVA JR., 2015, ALCÂNTARA, 2015; (ARAÚJO, 2016; DO VALE, 2016; MINA, 2013; BREUER, FAROOQ, 2012; SMITH, 2016; KLANG, MADISON, 2016; CRHISTENSEN, 2011; BOULTON, 2016; SANTOS, 2015; MARGETTS et al., 2016; BENNETT; TOFT, 2010; BENNETT, 1979; STREET, INTHORN, SCOTT, 2010; SANTOS; CHAGAS, 2015; ALDÉ, 2011; MEIKLE, 2002; ZUCKERMAN, 2008; DAHL, 2005
OS USOS DO CELULAR NO RURAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO:	JOAN SCOTT, 1995; HOLLANDER, 1996; CALANCA, 2008; 2011; MILLER, 2006; BRAUNSTEIN, 1990; ENTWISTLE; WILSON, 2001; SANTOS, 1997; SVENDSEN, 2010; ALBERONI, 1982; FLUGEL, 1966, p. 100; ZAMBRINI, 2010; DUTRA, MELLO, 2007; SOUZA, 1987; BUTLER, 2015; FOUCAULT, 1988; 1997; LEITE JUNIOR, 2011; RUBIN, 1975; RAGO, 1988; HALL, 2006; NOGUEIRA; LEÓN, 2012; LAURETIS, 1987; JODELET, 2002; ECO, 1989; BARTHES, 1979; FREIRE, 1987; LARA, 1995; MOTT, 1988; JODELET, 2002; BABCOCK, 1978; HOLLIDAY, 2001; ENTWISTLE; WILSON, 2001; KAISER, 2001; KAISER; NAGAWASA; HUTTON, 1991, 1995; SCOTT, 1995; SCOTT, 1995; BENTO, 2006; BECKER, 1973; VELHO, 2003;

APÊNDICE C – GRÁFICOS GERADOS PELO INSTRUMENTO DE DESCRIÇÃO DOS DADOS

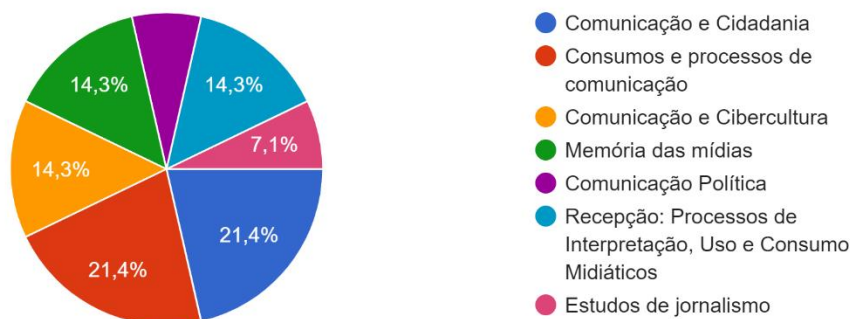
Origem do trabalho

14 respostas



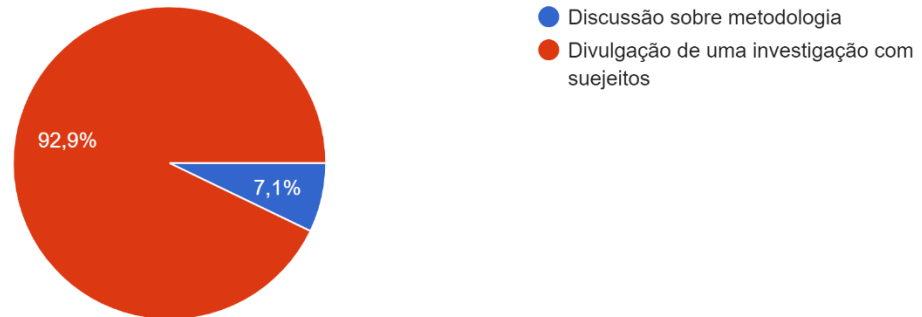
GT de publicação

14 respostas



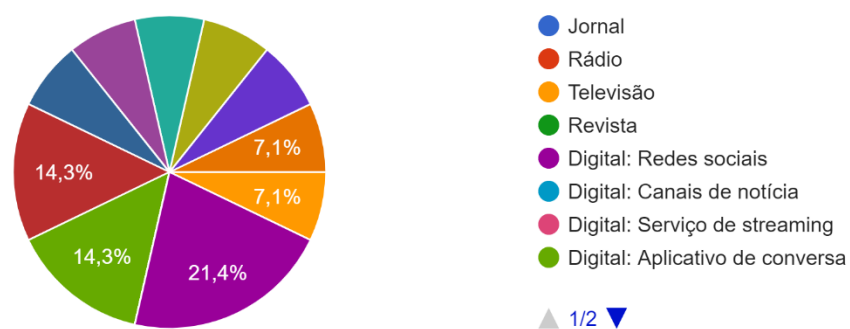
Qual a natureza dos textos?

14 respostas



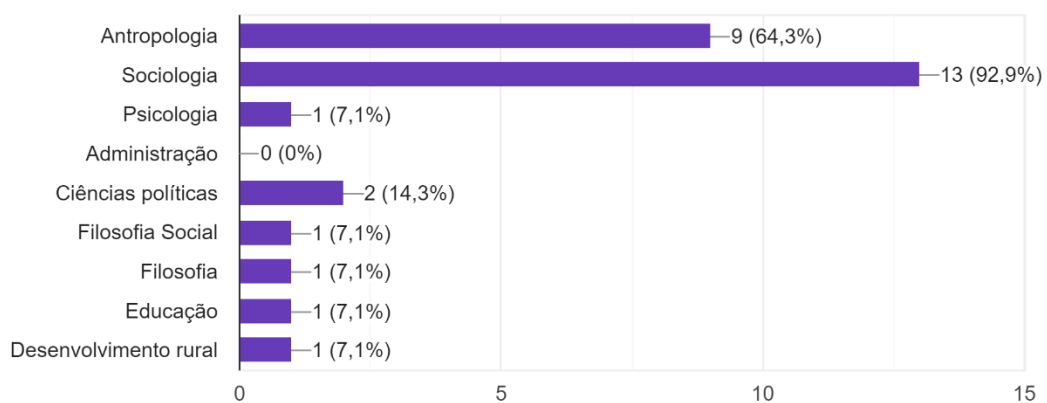
Que tipo de mídia está articulada com a interação do sujeito investigado?

14 respostas



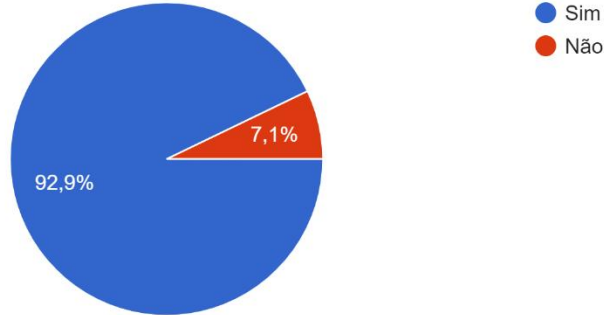
Quais áreas das ciências humanas são acionadas para a construção do trabalho?

14 respostas



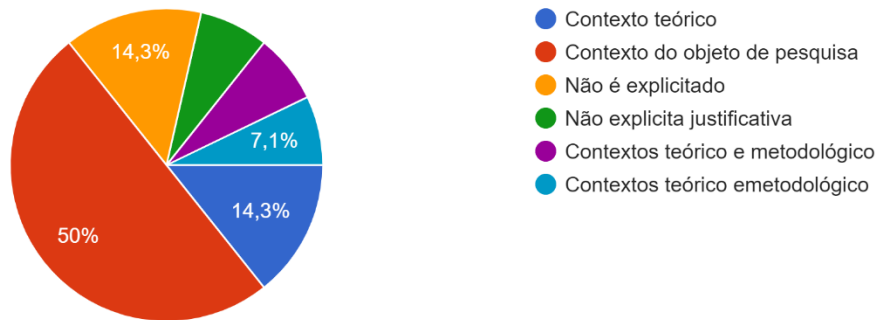
É explicitada a escolha metodológica?

14 respostas



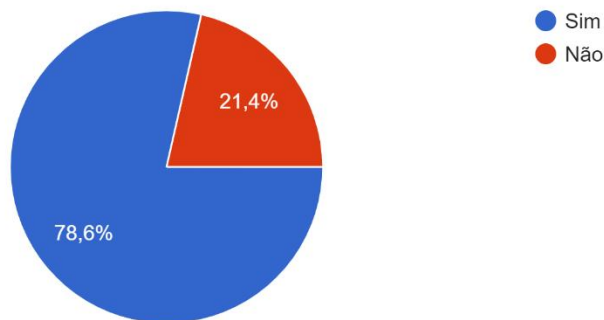
Em quê se justifica a construção metodológica?

14 respostas



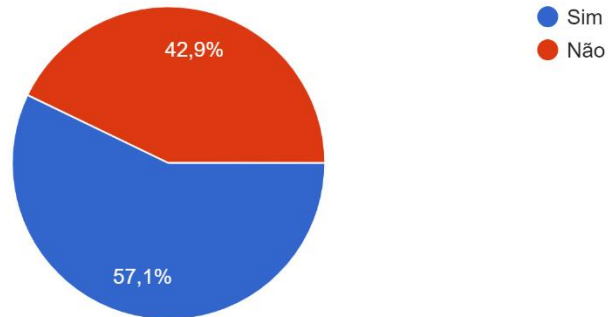
Há multiplicidade de técnica?

14 respostas



Há explicitação de justificativa para as escolhas técnicas?

14 respostas



Como denomina o tipo de entrevista?

12 respostas

